

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA**

Daniel Amâncio De Oliveira

**EM RAZÃO DE SUA RAÇA: OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DAS
DESQUALIFICAÇÕES DAS MASCULINIDADES NEGRAS**

SOROCABA

2024

Daniel Amâncio De Oliveira

**EM RAZÃO DE SUA RAÇA: OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DAS
DESQUALIFICAÇÕES DAS MASCULINIDADES NEGRAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba, na linha Desigualdades e Diferenças no Contemporâneo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos da Condição Humana, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Roberto Vieira Garcia.

SOROCABA

2024

Oliveira, Daniel Amancio de

Em razão de sua raça: os impactos psicossociais das
desqualificações das masculinidades negras / Daniel
Amancio de Oliveira -- 2024.
113f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São
Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Marcos Roberto Vieira Garcia

Banca Examinadora: Marcos Roberto Vieira Garcia,
Daniel de Souza Campos, Emiliano de Camargo David

Bibliografia

1. Impactos psicossociais. 2. Masculinidades negras. 3.
Saúde mental. I. Oliveira, Daniel Amancio de. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Humanas e Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Daniel Amancio de Oliveira, realizada em 18/03/2024.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Marcos Roberto Vieira Garcia (UFSCar)

Prof. Dr. Daniel de Souza Campos (UFRJ)

Prof. Dr. Emiliano de Camargo David (UFRJ)

Documento assinado digitalmente
 **MARCOS ROBERTO VIEIRA GARCIA**
Data: 03/04/2024 16:23:20-0300
Verifique em <https://validar.itf.gov.br>

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana.

*Com Amor,
Para meus pacientes,
Para mim, para todos os Homens Pretos que conheço,
e os que não,
Por um bem-viver.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao amigo Jessifran Silveira Rosa, que me estendeu a mão e me fez pensar que era possível acessar este espaço, bem como dedicar tempo e orientações com melhorias e sugestões quando este estudo era ainda embrionário; ao Lucas Yan e Ivany Oliveira, muito obrigado por suas revisões e sugestões na construção do meu projeto de pesquisa.

Agradeço aos colegas e amigos com quem tive trocas que me fortaleceram para permanecer e persistir: Ana Beatriz Macedo; Andréa Maria Fieri Silva; Edson Ferreira Alexandrino Júnior; Fabiana Furlani Carlucci; Fábio Armando Rocha; Gabriela Franco Uechi; Geisa Araújo de Almeida Sbaraglini; Karina Moura Bueno; Luciana Loren Ribeiro Petrili; Marina de Fatima Souza; Mayara Victor Gomes; Roberta Cristiane Sanches Casare; Thara Wells Corrêa; Vanessa Queiroz Castro; Vanessa Regina Fernandes Freire, Gérica Branco, Mariana Lopes, Tiago Rodrigues, Victor Stefaniszen, Isabela Rocha, também as colegas do grupo de estudo, Tamires Mazetto, Simone Amorim, Luiz Henrique, de maneiras diferentes, vocês foram essenciais na minha caminhada.

Agradeço ao Emerson Jonatha Ferreira Fernandes, meu psicólogo e analista que me deu suporte emocional e acolhimento desde 2018, mas em especial 2021, quando me inscrevi no mestrado, até nos momentos mais difíceis, de lidar com a exaustão, com os limites, com a densidade daquele espaço, com as disparidades e desafios, obrigado por segurar minha mão.

Agradeço aos amigos e amigas mais antigos, Luana Bonugli, Daniele Januário, Kauan Selvino, Marcia Lopes, e outros os quais não cito aqui, mas meu coração se lembra, por cada momento de força e inspiração.

Agradeço ao Adriano Gabriel, parceiro e amigo, pelo apoio e compreensão ao longo deste tempo, por ouvir minhas angústias, medos, avanços e acolhe-las.

Agradeço ao meu orientador, o Professor Doutor Marcos Vieira Garcia por todo conhecimento compartilhado, cada orientação, sugestão, tempo e explicação a mim dedicados.

Agradeço a cada uma e cada um dos professores que deram aulas incríveis neste programa, em especial a Profa. Dra. Rosana Batista Monteiro, profa. Dra. Kelen Leite, Prof. Dr. Geraldo Tadeu Souza.

Agradeço a cada um dos meus pacientes, homens negros e não-negros, que confiaram em mim o cuidado de sua saúde mental, topando uma caminhada difícil muitas vezes. Cada vivência me inspirou de maneiras diferentes a produzir todo este estudo.

Agradeço a querida amiga Ana Cristina dos Santos Vangrelino, pelo aquilombamento, por segurar minha mão, e me lembrar do propósito de escolher este caminho.

Agradeço ao querido amigo e irmão Antônio Cícero de Andrade Pereira, por me acolher, guiar, ouvir, produzir artigos em parceria comigo, e por me fortalecer neste processo.

Agradeço a minha família, mãe Sueli Amâncio de Oliveira, irmãs Camila e Gabriela Amâncio de Oliveira, pelo apoio, orgulho e compreensão de todas as vezes que não estive perto, também é por vocês.

*Tantas dores que eu tentei esconder
Queria tudo, me disseram: Isso não é pra você
Julgamentos nos fizeram perder
Livre demais pra quem não é, consigo entender (yeah)
Usamos drogas pra esconder nossa dor
Diamantes nas correntes pra ofuscar nossa dor
Cravejamos o sorriso, não vão ver nossa dor
Pago dez mil nesse tênis, tô pisando na dor
Essa roupa é cara, foda-se, compra
Quero esconder minha dor (minha dor)
Esse carro é caro, foda-se, compra
Eu quero fugir da minha dor
Nada disso consegue me tirar essa dor
Estando onde tô
Não sinto o direito de sentir essa dor
Eu só tô tentando achar
A autoestima que roubaram de mim
Que roubaram de mim*

Autoestima¹

Baco Exu do Blue

¹ Interpretada e composta por Baco Exu do Blues (Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo); produzida por Marcelo de Lamare.

EM RAZÃO DE SUA RAÇA: OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DAS DESQUALIFICAÇÕES DAS MASCULINIDADES NEGRAS

RESUMO

A construção do Brasil atrelado ao racismo é atravessada pela exploração e subjugação de corpos negros, equiparando-os a mercadorias, destituídas de humanidade. A figura masculina negra, como demonstra a história, sofreu diversas tentativas de aniquilamento, literais e simbólicas, seja na tentativa da política de embranquecimento do país no pós-abolição, no encarceramento em massa que ocorre até os dias atuais – onde os presídios são ocupados majoritariamente por homens negros de baixa escolaridade – nas instituições manicomiais (hospitais psiquiátricos e comunidades terapêuticas), nos índices de violência policial, ou na construção de estereótipos nocivos que despertam medo e preconceito nas relações sociais. A presente pesquisa buscou apresentar e contribuir com o diálogo acerca das masculinidades e da saúde mental da população negra, dedicando-se aos impactos psicossociais na construção da masculinidade negra na sociedade brasileira e no mundo, devido ao processo sistemático da desqualificação de suas existências. O objetivo principal desta dissertação foi o de investigar as consequências do racismo no processo de saúde e os possíveis sofrimentos psíquicos de homens negros, a partir de entrevistas com quatro deles. Por meio da análise episódica escolhida junto a Kilomba (2019), foi possível identificar os seguintes impactos psicossociais: dificuldade na construção de uma identidade positiva de si, interiorização dos estereótipos negativos sobre homens negros presentes na necessidade de performar um alto desempenho sexual, uma masculinidade viril, autocobrança em ser o melhor, não ter direito a errar, sentimento de preterimento e rejeição. Além disso, também encontramos relações sociais prejudicadas e desvantagens concretas devido às leituras sociais a partir de fantasias coloniais que os representam como perigosos e hipersexualizados, correspondendo a um processo de objetificação e inferiorização. Superando nossa hipótese inicial, também foi possível identificar formas diversas de enfrentamento e construção de identidades positivas capazes de subverter os estereótipos negativos e algumas opressões, bem como a descoberta de redes de apoio que fortalecem essa resistência, a partir da família de origem, religião, relacionamentos amorosos, cuidados com a saúde mental e aquilombamento. Dessa forma, apontam-se caminhos possíveis para uma abordagem e acolhimento adequado no cuidado da saúde mental de homens negros em uma perspectiva antirracista, anticolonial, antimanicomial e antimedicalizante.

Palavras-chave: impactos psicossociais; masculinidades negras; saúde mental; racismo.

ABSTRACT

The construction of Brazil intertwined with racism is marked by the exploitation and subjugation of black bodies, equating them to commodities, devoid of humanity. The black male figure, as history demonstrates, has faced numerous attempts of annihilation, both literal and symbolic, whether in the post-abolition whitening policies, in the ongoing mass incarceration where prisons are predominantly occupied by black men with low education levels, in psychiatric institutions (psychiatric hospitals and therapeutic communities), in police violence rates, or in the construction of harmful stereotypes that evoke fear and prejudice in social relations. This research sought to present and contribute to the dialogue about masculinities and mental health among the black population, focusing on the psychosocial impacts in the construction of black masculinity in Brazilian society and worldwide, due to the systematic process of disqualifying their existences. The main objective of this dissertation was to investigate the consequences of racism on health processes and the possible psychological suffering of black men, based on interviews with four of them. Through the episodic analysis chosen with Kilomba (2019), it was possible to identify the following psychosocial impacts: difficulty in constructing a positive self-identity, internalization of negative stereotypes about black men, such as the need to perform high sexual performance, virile masculinity, self-pressure to be the best, not having the right to make mistakes, feelings of neglect and rejection. Additionally, we also found impaired social relations and concrete disadvantages due to social readings derived from colonial fantasies that depict them as dangerous and hypersexualized, corresponding to a process of objectification and inferiorization. Beyond our initial hypothesis, it was also possible to identify various forms of coping and constructing positive identities capable of subverting negative stereotypes and some oppressions, as well as discovering support networks that strengthen this resistance, such as family of origin, religion, romantic relationships, mental health care, and "aquilombamento". Thus, possible pathways are pointed out for an approach and adequate support in the mental health care of black men from an anti-racist, anti-colonial, anti-asylum, and anti-medicalization perspective.

Keywords: psychosocial impacts; black masculinities; mental health; racism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O nascimento de uma nação	45
Figura 2 - O Homem de terno de poliéster	46
Figura 3 - Jack Walls	48
Figura 4 - Latrell Spencer	51
Figura 5 - Crime branco, mão negra – Estadão	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 EM RAZÃO DE SUA RAÇA	18
2.1 Encontro com os sujeitos de estudo.....	20
3 NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE RACISMO NO BRASIL	23
3.1 Aspectos históricos: negação do racismo e a formação do país	23
3.2 Raça, racismo, colonialismo e imperialismo	27
4 A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES	31
4.1 A condição humana do homem negro	36
4.2 Mitos e fantasias coloniais sobre homens negros.....	40
4.3 Entre o homem negro, novos humanismos e o mundo.....	53
5 SAÚDE MENTAL E RACISMO	58
5.1 Impactos psicossociais das desqualificações das masculinidades negras	58
6 MÉTODO	63
7 RESULTADOS	67
7.1 apresentando os sujeitos desta pesquisa	67
7.2 Análise dos casos.....	71
7.3 Discussão dos resultados	72
7.3.1 <i>Percepções sobre ser um homem negro</i>	72
7.3.2 <i>Atravessamentos na infância</i>	76
7.3.3 <i>Percepções da autoimagem, autoestima e estética</i>	82
7.3.4 <i>Atravessamentos no trabalho, finanças e acesso a serviços</i>	87
7.3.5 <i>Saúde mental e violências</i>	90
7.3.6 <i>Perspectivas de futuro</i>	95
7.3.7 <i>Estratégias de enfrentamento</i>	98
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	104
ANEXO A.....	112

1 INTRODUÇÃO

Pensar sobre a construção das masculinidades negras no contexto brasileiro e no mundo é uma questão complexa e multifacetada, marcada por desafios distintos que emanam das intersecções² entre raça, classe, gênero e orientação sexual. Conforme destacado por Sueli Carneiro (2005), a racialidade no Brasil é um fator determinante sobre saúde-doença-morte da população negra. A autora demarca que, assim como branquitude e negritude, o gênero também detêm condicionantes diferentes, e as tecnologias do biopoder³ possuem impactos específicos para cada um dos casos. Sob o corpo-alvo feminino, o controle se dá por meio do ‘deixar morrer’ ou pelo controle da capacidade reprodutiva, já sobre o corpo-alvo masculino, analisado sob os dados da pesquisa *A cor da morte*, citada em sua tese, a violência torna-se solo constitutivo da construção do gênero masculino negro.

Em outras palavras a violência brasileira tornou-se um modo de subjetivação de pessoas negras: "extermínios, homicídios, assassinatos físicos ou morais, pobreza e miséria crônicas, ausência de políticas de inclusão social, tratamento negativamente diferenciado no acesso à saúde, inscrevem a negritude no signo da morte no Brasil" (Carneiro, 2005, pág. 94), o que por si só já evidencia as opressões e adversidades psicossociais que esse grupo social enfrenta desde cedo. Olhando para as experiências de ser uma pessoa negra em territórios anti-negros, Fanon (2008, pág. 107) explicita que “o mundo branco, o único honesto, rejeitava minha participação. De um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro”. É oportuno ressaltar que o autor, ao utilizar o termo “homem”, está se referindo frequentemente a “pessoas” e ou “humanos”, designando também mulheres, mas sem citá-las. Essa crítica de apagamento é discutida por Grada Kilomba (2019). Aqui, faremos a escolha do uso de “pessoas negras”, “homens e mulheres negras” e ou “população negra” para contemplá-los, quando pertinente, e utilizaremos “homem” sobretudo para se referir ao gênero masculino.

Retomando Fanon, o intelectual chama atenção para o aprisionamento social de corpos negros em lugares de subalternização perante o mundo branco. Destes corpos negros, exige-se uma postura outra, aceitável e dócil, que assimile sua própria suposta inferioridade.

² O uso dos termos *interseccionalidade* e *intersecção* que está presente no texto, é empregado a partir do conceito de *ferramenta analítica*, que engloba as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade – entre outros marcadores sociais que se inter-relacionam sem se sobrepor. Essa ferramenta analítica nos apoia na compreensão das complexidades que se unificam, moldam e afetam as experiências humanas, seu convívio social e as relações de poder (Collins; Bilge, 2020).

³ Segundo a autora, biopoder é uma tecnologia de morte capaz de “fazer viver e deixar morrer”, controlada por quem tem o poder de regulamentar os processos de vida.

Trago este arcabouço teórico para refletir sobre a trajetória de vida de homens negros, que frequentemente é moldada por experiências do racismo estrutural⁴, preconceito racial,⁵ de estigmatização, elementos que influenciam de maneira significativa sua identidade, autoestima e bem-estar emocional.

A intelectual bell hooks (2019) ressalta que as representações de homens negros na mídia e em obras produzidas pelo mundo branco, os refletem como fracassados, perigosos, violentos, maníacos sexuais e psicologicamente “fodidos”⁶. De acordo com Maria Aparecida Silva Bento (2014), houve um forte investimento na construção de um imaginário extremamente negativo sobre a figura do negro, que deturpava sua identidade racial, danificava sua autoestima, culpava-o pela discriminação que sofria e por fim, justificava as desigualdades raciais.

Esses estereótipos não apenas afetam a forma como esses homens são percebidos pela sociedade, mas podem moldar a própria percepção de si mesmos, acarretando um conflito interno que pode se desdobrar em sofrimento psíquico. Além disso, as disparidades econômicas e sociais históricas enfrentadas pela população negra também impactam sua saúde mental, conforme discutido por Maria Lucia Silva (2005, pág. 129) ao afirmar que “uma grande maioria de brasileiros, em que se inclui um enorme contingente de negros, vive em constante sofrimento mental, devido às precárias condições de subsistência e à falta de perspectivas futuras”, pois a falta de acesso a oportunidades e recursos, muitas vezes, cria um ambiente de tensão constante, podendo resultar em estresse crônico e exaustão emocional.

O uso de lentes monofocais para observar os diferentes atravessamentos e opressões sociais, conforme apontam as intelectuais Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2020), são insuficientes para apreender problemas complexos que alguns grupos sofrem, a exemplo das mulheres negras (pertencentes às categorias “mulheres”, “negras” e “trabalhadoras”), o que também nos permite pensar outras combinações de marcadores como orientação sexual, nacionalidade, possuir deficiência, religião, etnia, entre outras.

⁴ O termo é empregado aqui a partir das reflexões do intelectual Silvio Almeida (2019, pág. 50), ao lembrar que “o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social nem um desarranjo institucional”.

⁵ De acordo com Silvio Almeida (2019, pág. 32), “o preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias”.

⁶ Na obra original em inglês, *Black Looks Race and Representation* (1992, p. 89), utiliza-se “psychologically fucked up”, traduzido como “fodido” na edição brasileira de 2019.

Da mesma maneira, penso que a construção social das masculinidades negras também é influenciada pela intersecção do racismo e do sexismo, sem enquadrá-la como equivalente ao que ocorre no caso de mulheres negras, mas há delineações e especificidades que atravessam homens negros, corroborando com o pensamento do sociólogo Alan Augusto Moraes Ribeiro (2015, p. 5) ao afirmar que “os estereótipos sexuais sobre homens negros são resultados do sexismo e não apenas do racismo, mesmo que o privilégio patriarcal posicione tais masculinidades como configurações vantajosas”. Diante do exposto, penso que o racismo e sexismo inscrevem masculinidades negras em uma encruzilhada entre a periculosidade e o desejo sexual, contribuindo para a formação de estereótipos prejudiciais que limitam as oportunidades e as experiências emocionais e sociais dos homens negros.

Fanon (2008), que observou como a colonização impactou a autoimagem de mulheres e homens negros ao promover a ideia de inferioridade, discorre sobre a “zona do não-ser”, como um lugar estéril, uma negação do lugar de humano quando se refere a corpos negros, (dos quais o branco incita-se dono), que resulta, muitas vezes, na interiorização de uma inferioridade da qual é necessário descolonizar esse pensamento social que sistematicamente tenta desumanizá-lo, desviando-o de seu próprio sentido existencial. O psicanalista ainda salienta (2008, p. 28) que “só há complexo de inferioridade após um duplo processo: — inicialmente econômico; — em seguida pela interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade”.

De outro modo, significa dizer que a atuação (do mundo branco) de fazer o negro acreditar que sua posição social econômica desfavorável e precária é sua responsabilidade, por falta de esforço próprio, ou quase por uma inabilidade natural, tem sido uma maneira eficaz de contribuir para manutenção da ideia de meritocracia e democracia racial. Naturalizar a ideia de “universalidade”, de tudo que é bom e belo ser branco e tudo que é mau e ruim ser negro, tem sido a pólvora para o complexo de inferioridade que aponta Fanon.

A análise da saúde mental e da construção de masculinidades dos homens negros, sujeita às complexidades das intersecções raciais e de gênero, ao meu ver, desvela camadas que são escamoteadas quando fala-se de privilégios patriarcais, pois homens brancos e negros frequentemente são colocados em vala comum, como produtores de violência e opressões, sem considerar que homens negros enfrentam desafios particularmente graves devido às experiências de racismo estrutural (Almeida, 2019) e discriminação. Portanto, é de fundamental importância localizarmos de quais homens estamos falando. A experiência de um homem branco equivale à experiência de um homem negro? E a de um homem negro, gay e pobre? E a de um homem negro, gordo e com deficiência? E a de um homem negro, trans e pansexual?

Proponho, neste estudo, gerar insumos para que possamos encontrar caminhos de respostas a questões complexas.

A pesquisa *Stress In America: The Impact Of Discrimination*⁷ (Estresse na América: O impacto da discriminação), de 2016, realizada pela Associação Americana de Psicologia (APA), destaca as consequências psicológicas da discriminação racial como sendo fatores de estresse que podem afetar negativamente a saúde física e mental, apontando para a ligação direta entre a exposição contínua a situações discriminatórias e o aumento do estresse. A pesquisa aponta que cerca de dois em cada cinco homens negros (39 por cento, em comparação com 19 por cento de todos os homens) afirmam que a polícia os abordou de maneira injusta, fazendo questionamentos, ameaças, buscas e abusos físicos e psicológicos. É possível constatar impactos da discriminação racial em outras áreas da vida como, segundo a mesma pesquisa: adultos hispânicos e negros (31 por cento e 29 por cento, respectivamente) são os mais propensos a afirmar que sentem a necessidade de cuidar da aparência para obter um bom atendimento ou evitar assédio, e 23 por cento dos negros preparam-se para possíveis insultos de outras pessoas antes de sair de casa.

A constante preocupação com a própria segurança e a experiência de ser alvo frequente de suspeitas, a necessidade de permanecer em um estado de excitação psicológica a fim de se proteger de ameaças e potenciais ameaças de discriminação e violências, podem gerar um estado de vigilância reforçada também capaz de impactar a saúde (Williams, Lavizzo-Mourey e Warren, 1994 *apud* Williams, 2018). Além disso, Williams (2018) chama atenção para estudos que revelam que o policiamento agressivo, as paradas sucessivas, truculentas e o desrespeito estão associados a sintomas de TEPT (Transtorno de estresse pós traumático) e ansiedade. Contexto similar, em que é possível observar a prevalência de sintomas vinculados ao TEPT, é discutido por Raquel Gouveia (2023) em sua obra *Na mira do fuzil*, ao analisar o impedimento da elaboração do luto por mães negras que perdem seus filhos para a violência policial no Rio de Janeiro, e continuam suas vidas na zona de guerra que tirou seus filhos, muitas vezes levando as mesmas consequências psicossociais.

Dessa forma, tornam-se fortes as evidências de que a saúde mental dos homens negros é impactada por uma intersecção complexa de fatores, onde o racismo estrutural, os estereótipos prejudiciais, a letalidade, as disparidades econômicas e a falta de representatividade contribuem para um cenário desafiador que desqualifica sistematicamente essas masculinidades negras. No entanto, há espaço para o enfrentamento e a transformação, com intervenções que valorizam a

⁷ American Psychological Association (2016).

identidade, a resistência e a participação comunitária saudável. Reconhecer e abordar essas questões é essencial para a promoção de um ambiente mais inclusivo e saudável para todas as masculinidades, tanto quanto para a busca de soluções que abordem não apenas os sintomas individuais, mas também as raízes sistêmicas que perpetuam esses impactos na saúde mental dessa população.

Embora os impactos psicossociais das desqualificações das masculinidades negras sejam substanciais e abrangentes, pois homens negros são notícias de jornais em pautas de violência diariamente, as discussões sobre a saúde mental do homem negro são recentes e ainda muito incipientes, sobretudo no Brasil. A revisão sistemática de Jenny Rose Smolen e Edna Maria de Araujo (2017) aponta que são poucos os estudos dedicados a trabalhar com a associação entre raça/cor e saúde mental no Brasil. No estudo realizado por Vigoya (2018), apenas 16% dos estudos sobre masculinidade, nos últimos 30 anos, na América Latina, abordam a saúde do homem (incluimos saúde mental), quiçá negro.

Ainda assim, nos últimos anos é possível observarmos o emergir de novas instituições, coletivos, articulações e produções de pesquisadores negros e negras sobre a saúde mental (também histórias e vivências diluídas em outros campos do conhecimento) da população negra, trazendo um novo marco de contribuições que tem tensionado a academia e dado visibilidade à intelectualidade negra. Não caberá aqui um levantamento completo, mas considero seguro afirmar que esse movimento tem contribuído consideravelmente para reflexões transversais sobre a saúde mental da população negra. Contudo, no que tange ao recorte das masculinidades negras, ainda é necessário o avanço para produções futuras.

Diante desse cenário, o objetivo principal desta dissertação é o de investigar as consequências do racismo no processo de saúde e sofrimento mental de homens negros. Como objetivo secundário, pretendemos: (1) elucidar alguns dos mecanismos psicossociais subjacentes ao racismo contra homens negros; (2) analisar as estratégias de enfrentamento produzidas por homens negros diante das experiências de discriminação racial; (3) avaliar as intersecções da raça com a orientação sexual e a identidade de gênero no processo de desqualificação de homens negros, destacando as respostas manifestadas frente a isso.

Para alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa adotará uma abordagem qualitativa, por meio de entrevistas em profundidade com homens negros, proporcionando um espaço para expressarem suas vivências e percepções. Além disso, será realizada uma revisão da literatura para mapear as conexões entre racismo, saúde mental e desqualificação de masculinidades

negras. A análise episódica foi escolhida junto à intelectual Grada Kilomba, (2019) e será utilizada para examinar os dados coletados e identificar padrões e temas emergentes.

A abordagem das narrativas biográficas em pesquisas qualitativas tem proporcionado uma compreensão mais profunda das experiências individuais de pessoas negras em relação à saúde mental. Entrevistas semiestruturadas com indivíduos negros permitem que suas vozes sejam ouvidas, destacando os impactos psicossociais das experiências de racismo.

Por meio da investigação dos possíveis efeitos do racismo na saúde mental, da avaliação da associação entre racismo e sofrimento mental e da análise das estratégias de enfrentamento adotadas por homens negros, a presente pesquisa pretende ampliar a compreensão sobre os impactos psicossociais das desqualificações das masculinidades negras e contribuir para a promoção de intervenções mais sensíveis e efetivas, além de importantes insumos teóricos e práticos essenciais para intervenções clínicas e políticas públicas que visem mitigar o impacto do racismo na saúde mental desse segmento.

A presente dissertação está estruturada em seis capítulos, além desta introdução e as considerações finais. O primeiro capítulo, intitulado “Em razão da sua raça”, traz uma contextualização da origem do título da pesquisa e como isso é estruturante no trabalho, por fazer alusão ao racismo científico do século XX e que tem reflexos nos dias atuais. No segundo capítulo, “Notas introdutórias sobre o racismo no Brasil”, é apresentado um panorama de fatos históricos que evidenciam o funcionamento do racismo ao modo brasileiro, com o objetivo de localizar a pessoa leitora sobre as relações raciais, as hierarquizações, pensamentos e bases de construção do país. O terceiro capítulo, “A construção das masculinidades”, discute como são formadas as masculinidades hegemônicas e as masculinidades subalternizadas, a condição humana do homem negro, bem como as hierarquizações entre os gêneros e as intersecções de raça e classe principalmente, imbricando outros marcadores sociais que podem causar impactos psicossociais. O quarto capítulo, “Saúde mental e racismo”, traz reflexões sobre a complexidade das dimensões que os impactos psicossociais podem ter sobre as masculinidades negras, que podem afetar direta ou indiretamente a saúde mental de homens negros. O quinto capítulo apresenta o referencial teórico-metodológico escolhido para o desenvolvimento da pesquisa, a partir de entrevistas biográficas e da análise episódica, proposta pela intelectual Grada Kilomba. O sexto capítulo traz a discussão dos resultados obtidos por meio das entrevistas biográficas com homens negros, além de comentários de análise do autor da pesquisa, junto à sustentação teórica de outros autores e autoras. Por fim, as considerações finais contemplam os pontos

principais da pesquisa e seus resultados, pontos de desafios e limitações, além de ideias futuras de como a presente pesquisa pode se desdobrar e contribuir com novos estudos.

2 EM RAZÃO DE SUA RAÇA

O título deste trabalho faz uma alusão provocativa a um exemplo de racismo institucional explícito no âmbito da justiça, que denuncia o entranhamento dos estereótipos racistas e das fantasias coloniais (Kilomba, 2019) sobre corpos negros que permeiam o pensamento da justiça brasileira. Em uma decisão judicial em primeira instância, assinada no dia 19 de junho de 2020, a juíza Inês Marchalek Zarpelon, da 1ª Vara Criminal de Curitiba proferiu os seguintes dizeres em documento oficial, sobre uma sentença em que condena um grupo de pessoas por organização criminosa:

Seguramente integrante do grupo criminoso, em razão da sua raça, agia de forma extremamente discreta os delitos e o seu comportamento, juntamente com os demais, causavam o desassossego e a desesperança da população, pelo que deve ser valorada negativamente (sic) (Vianna; Brodbeck, 2020, online).

A decisão da magistrada faz uma associação direta entre raça e criminalidade em um documento oficial e público, o que torna o pensamento racista como algo razoavelmente normal para ser colocado em uma sentença. A associação entre criminalidade e a raça negra tem um de seus fundamentos históricos no racismo científico, que teve como um de seus expoentes, Nina Rodrigues, um psiquiatra baiano que, inspirado pelas teorias raciais da ciência europeia do século XIX, descrevia em seus trabalhos o negro como possuidor de uma inferioridade inata, uma incapacidade de civilizar-se, fatores que impediam o Brasil de evoluir (Nascimento, 1978).

No artigo *Breve Histórico do Pensamento Psicológico Brasileiro Sobre Relações Étnico-Raciais*, o pensamento do psiquiatra brasileiro também é detalhado, resgatando o momento histórico em que sua teoria se desenvolve e as suas influências para criar modelos psicofísicos que explicavam as supostas deficiências do negro.

[...] o médico Raimundo Nina Rodrigues afirma a importância da raça como fator explicativo fundamental da sociedade brasileira e de seus cidadãos. Com base no evolucionismo social ou darwinismo social, segundo o qual os seres humanos são desiguais por natureza devido às diferentes aptidões inatas que fazem de uns superiores e outros inferiores, ele produziu estudos relacionando raça, patologias psiquiátricas e tipologias criminais (Santos; Schucman; Martins, 2012, p. 169).

Essa perpetuação de estereótipos prejudiciais não apenas moldou percepções distorcidas sobre a população negra, mas também se infiltrou nas estruturas institucionais e no sistema

jurídico. A associação entre raça e criminalidade, presente na decisão da magistrada⁸, ecoa um legado de discriminação enraizado em séculos de injustiças raciais. Através do trabalho de intelectuais como Nina Rodrigues, a ideia de que a raça negra estava intrinsecamente ligada a traços indesejáveis tornou-se parte integrante do imaginário coletivo, reforçando os preconceitos que influenciam decisões e percepções até os dias de hoje.

Outro exemplo muito pertinente de mencionar ocorreu em Campinas-SP (em 2013, mas o caso só ganhou espaço midiático em 2019). Não por acaso, na última cidade a abolir a escravidão no país, a juíza da 5ª Vara Criminal de Campinas, Lissandra Reis Ceccon⁹, traz os seguintes dizeres ao analisar o reconhecimento feito por uma vítima sobrevivente e uma testemunha do crime: "vale anotar que o réu não possui estereótipo padrão de bandido, possui pele, olhos e cabelos claros, não estando sujeito a ser facilmente confundido" (IG São Paulo, 2019, online). Neste caso, a juíza ressalta características brancas associadas ao homem civilizado (que apresentaremos nos capítulos seguintes), presumidamente inocente e bom, em detrimento de perfil "padrão de bandido", negro, incivilizado e marginalizado.

A linguagem escolhida pela juíza, ao destacar o "não estereótipo padrão de bandido" do réu, chama a atenção para a associação preconceituosa entre a criminalidade e a aparência negra. Esse tipo de linguagem reforça os estereótipos raciais profundamente enraizados, que associam a negritude a comportamentos criminosos. A ênfase na pele, olhos e cabelos claros do réu ressalta características historicamente associadas à pureza e ao padrão de "cidadão respeitável", enquanto a negação da possibilidade de confusão reforça a noção de que indivíduos brancos são naturalmente inocentes e não devem ser alvo de suspeita.

Esse padrão insidioso de pensamento, que distingue a culpa e a inocência com base na cor da pele, perpetua o ciclo de desigualdades raciais no sistema de justiça criminal. Tais exemplos evidenciam a necessidade de uma abordagem crítica, que reconheça o legado histórico do racismo e esteja disposta a confrontar as formas sutis e nem sempre explícitas de preconceito que continuam a se manifestar em nossa sociedade.

O aspecto central que busco destacar está no recorte de gênero interseccionado com raça, no qual se imputa a periculosidade ao homem negro *em razão de sua raça*, tornando-o esse fenômeno um bom ponto de partida para esta pesquisa e para seu título.

⁸ Enquanto esta pesquisa era desenvolvida, em agosto de 2023, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) concluiu que a juíza Inês Marchalek Zarpelon, da 1.ª Vara Criminal de Curitiba, não cometeu crime de racismo ao citar a raça de um homem negro em uma sentença de condenação. (Estadão Conteúdo, 2023).

⁹ A Corregedoria Geral da Justiça arquivou o caso, após apuração, por não constatar elementos que vislumbrassem a instauração de Procedimento Administrativo Disciplinar (PAD). (G1 Campinas e região, 2019, online).

2.1 Encontro com os sujeitos de estudo

O interesse por pesquisar sobre masculinidades negras e saúde mental surgiu ainda na graduação do curso de psicologia, período em que minha relação com movimentos sociais que lutavam pelos direitos das pessoas negras, LGBTQIAPN+, das mulheres, dos povos indígenas, das pessoas com deficiência, entre outros, estava em consonância com o que a psicologia, fora dos muros universitários (congressos e Sistema Conselhos como um todo), estava me apresentando academicamente. Também era (e continua sendo) um período de grandes tensões políticas, no qual o genocídio negro, que atravessa a nossa história, parecia ganhar contornos de autorização ainda mais explícitos, sem o menor constrangimento, por grupos aliados a movimentos de extrema direita no país e no mundo.

De Marielle Franco à George Floyd, Evaldo dos Santos Rosa, Amarildo de Souza, Jordy Moura Silva, Ágatha Felix, Miguel Otávio Santana da Silva, Genivaldo de Jesus Santos, João Alberto Silveira Freitas e uma lista maior do que posso contar (23 por minuto, conforme apontado pela ONU em 2017)¹⁰, a morte de pessoas negras diariamente atravessando minha trajetória, me trazia (e traz) um sofrimento inenarrável. Neste cenário, eu me dediquei ao tema do meu trabalho de conclusão de curso a pesquisar sobre o papel do psicólogo da saúde no cuidado da saúde mental de homens negros. A partir desta construção, não parei mais de pesquisar sobre o assunto.

Em 2019, fui convidado a compor um grupo de homens negros em Campinas-SP, provocados e mobilizados pelo lançamento do livro *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades*, organizado por Henrique Restier e Rolf Malungo. A obra reúne diversos artigos de homens negros pensando e refletindo sobre questões de homens negros a partir da perspectiva de homens negros. Eu nunca antes havia estado reunido com outros homens negros para falar de cuidado, saúde mental, machismo, violência, formas outras de performar masculinidades. Foi disruptivo e continua sendo, pois, desde então, os encontros seguem se potencializando.

Começamos com encontros presenciais, sem muito parâmetro sobre o que discutir, afinal aquele era um grupo diferente de outros grupos de masculinidades, mistos ou de homens brancos e pensados por outros homens brancos. Começamos a ler textos que falavam de amor, de afeto, sobre negritude, sobre branquitude, autoras como bell hooks, Frantz Fanon, Osmundo

¹⁰ Marques (2017).

Pinho, Deivison Faustino, Rolf Malungo, Alan Ribeiro, e tantas outras, bem como documentários e músicas que sempre nos colocavam em reflexão e debate. Foi sendo transformador, porque mesmo com nossas diferenças de trajetórias, a negritude nos unia cada vez mais. Com o advento da pandemia, o grupo passa por um período de pausa, ficando um tempo sem reuniões, depois de alguns meses os encontros são retomados de maneira on-line, com uma proposta de roda terapêutica, com encontros semanais e posteriormente quinzenais, iniciando com uma mística para abrir cada reunião, geralmente sendo uma música, um relato, uma entrevista, um texto, e depois vamos para o diálogo em grupo.

Atualmente, atuo como psicólogo facilitador do grupo chamado *Adoráveis Masculinidades Negras*, juntamente com outros homens, para dar continuidade aos diálogos contemporâneos, e nossas questões não se esgotam; na verdade, é só o começo. Como diz Ikê Banto, amigo integrante do grupo, estamos assistindo a construção de um novo marco civilizatório na sociedade e, sobretudo, para nós, homens negros que estamos construindo nossas masculinidades - e não as desconstruindo, pois uma certeza que temos é que nunca fomos a masculinidade hegemônica branca e patriarcal (este conceito será aprofundado e problematizado nos capítulos a seguir).

Em paralelo a esses acontecimentos, minha atuação como psicólogo clínico tornou-se um grande canal de cuidado para centenas de homens negros que passaram ou estão passando pelo processo de psicoterapia analítica comigo. Atualmente, meus atendimentos (on-line) já alcançaram pessoas de 12 estados do país: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Ceará, Sergipe, Piauí, Alagoas, Paraná, além de outros países como Venezuela, Estados Unidos, Nova Zelândia, França e Alemanha. É muito comum o relato sobre o conforto de encontrar um psicólogo negro, gay, cria da periferia, que compreende sobre vivências de masculinidades negras, masculinidades LGBTQIAPN+, interseccionadas com outros marcadores sociais, que fala de territórios, que propõe o diálogo da psicanálise e da psicologia com músicas de RAP, funk, samba, literaturas decoloniais e vivências negras e ou periféricas.

Este arcabouço de componentes que constroem meu fazer na psicologia criou verdadeiras listas de espera, pois há mais homens do que eu consigo dar conta de atender. Isso revela o quanto a categoria ainda precisa fomentar a saúde mental da população negra, trazer raça (não apenas a negra e as identidades indígenas) para a centralidade dos nossos estudos teóricos e práticas de cuidado, para que este campo não se torne um nicho específico de atuação que os próprios profissionais negros e indígenas é que devam suprir esta demanda, mas sim

uma responsabilidade de toda a categoria, de mais de 440 mil psicólogas do país, ou a grande maioria delas/es.

Toda essa vivência me inspirou a levar o tema da saúde mental dos homens negros para um maior aprofundamento no campo da produção científica, com a esperança de que este estudo fortaleça e forneça elementos teóricos e técnicos para produção de políticas de cuidado e públicas para a atenção à saúde mental de homens negros, compreendendo que este ainda é um lugar que precisa ser olhado com mais carinho e atenção.

3 NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE RACISMO NO BRASIL

3.1 Aspectos históricos: negação do racismo e a formação do país

O Brasil possui uma maneira muito peculiar de contar sua própria história de formação da nação, frequentemente a partir de uma ótica de quem ocupou e ocupa posições de poder social, chamando invasão de “descobrimento”, estupro de “miscigenação”, distorcendo até mesmo seus fatos concretos mais críticos, apagando as cores do sangue e suor negro e indígena que se misturam neste grande quadro com praias, carnaval, futebol e caipirinha. A história que muitos de nós brasileiros estamos acostumados a receber como ensinamentos no período escolar é a versão inspirada em negações de violências e conflitos, uma verdadeira romantização de genocídios que ocorreram e ainda ocorrem no território, principalmente das populações negras e indígenas. Evoco aqui autores e autoras que se debruçaram sobre a história do país por um viés não colonial, para nos ajudar com suas produções a enxergarmos um quadro mais realístico e menos romântico e colonialista sobre o processo de construção do Brasil, que desvele, também, a forma como o racismo operou, opera e continua se atualizando neste território.

Lélia Gonzalez (1988b) faz uma análise precisa, a partir do conceito freudiano de *denegação*, compreendido como o processo de negação do sujeito sobre seu pertencimento, desejo ou sentimento em relação a algo, que ele recalca e nega. Assim, a intelectual pensa o racismo “à brasileira”, como uma maneira bastante particular e sofisticada deste modo de funcionamento no Brasil, a denegação da nossa *ladinoamefricanidade*, conceito também cunhado pela autora, que reconhece a América Africana (Gonzalez, 1988b, pág. 69), “cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o T pelo D para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: Améfrica Ladina”. Dessa forma, todos os brasileiros, não apenas pretos, pardos e indígenas, são ladino-amefricanos.

Esse racismo explicitado pela autora, “à brasileira”, é um modo de ser racista sem dizer que é racismo, ou que tem a intenção de o ser, prevalecendo a falácia da crença da ausência de conflitos entre as raças, da miscigenação e da democracia racial, fazendo a violência não parecer violência e sim uma superioridade (Gonzales, 1988b). É dessa maneira, negando os conflitos raciais e romantizando a miscigenação, que criou-se o mito da democracia racial, capaz inclusive de culpar o negro por sua subalternização.

O racismo latinoamericano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas,

graças à sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento. Veiculada pelos meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores do Ocidente branco são os únicos verdadeiros e universais (Gonzalez, 1988, p. 73).

A autora discute o processo de naturalização de uma hierarquia racial e cultural que colocava a brancura europeia como superior, e a inferioridade para o negroafricano e a cultura que deste grupo descendesse. Dessa forma, esse caldo cultural baseado em hierarquização e etnocentrismo foi sendo encorpado e diluído no país. Não era incomum (ainda não é) encontrar no tecido social, ou na escuta clínica, sobretudo em histórias de famílias negras, de uma geração mais velha, de que deveriam se casar com pessoas brancas para “embranquecer a família”, “limpar o útero”, ter “filhos bonito(a)s”, praticamente como um instrumento de representação de uma ascensão social. Neusa Santos Souza (1983, p. 43) analisa esse fenômeno na década de 1980, a partir de sua dissertação de mestrado, entrevistando algumas pessoas negras em ascensão social, como a busca ideal do ego branco, na qual, na impossibilidade de se identificar e fazer parte da brancura, “o parceiro branco é transformado em instrumento tático”, ou seja, uma maneira de curar ou atenuar a ferida narcísica por não ser ou atingir aquele ideal.

Clovis Moura (1992) afirma que a história da nação brasileira e sua evolução histórica e cultural confunde-se com a história do negro no Brasil. O negro africano foi retirado de seu país de maneira forçada, escravizado por quase quatro séculos, construindo a economia do país em desenvolvimento, que o enxergava como mercadoria e mão-de-obra. Todas as áreas do Brasil, possuem o suor e o sangue negro, porém, sua riqueza produzida, nunca lhes foi partilhada, sendo totalmente excluído desta divisão:

A produção da economia colonial, e por isto destinada a um mercado externo cada vez maior, era fruto desse trabalho negro-escravo. E essa economia, que passa pela produção açucareira, pela mineração, produtos tropicais e termina na fase do café, é feita pelo negro. No entanto, esse fato não contribui em nada para que ele consiga um mínimo dessa renda em proveito próprio. Pelo contrário. Toda essa produção é enviada para o exterior, e os senhores de escravos ficam com todo o lucro da exportação e comercialização (Moura, 1992, p. 12).

Esse fato é obliterado do raciocínio sobre o acúmulo de riqueza se concentrar entre as pessoas brancas, que são as mais ricas do país, e ser repassado para as suas gerações seguintes; e as pessoas negras, que estão entre o maior contingente das pessoas em situação de pobreza e extrema pobreza no país, no século XXI. Uma pesquisa chamada *Um elevador social quebrado?*¹¹, publicada em 2018 pela OCDE (Organização para a Cooperação e

¹¹ Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OECD (2018).

Desenvolvimento Econômico), adverte que o brasileiro que está entre os 10% mais pobres economicamente, pode levar até nove gerações (cerca de 180 anos) para atingir a classe média. Segundo o IBGE (2019), negros são 75% entre os mais pobres; brancos, 70% entre os mais ricos (Madeiro, 2019). Esses dados apontam como o país tem mantido a população negra precarizada socialmente por meio da economia.

Moura (1992) também nos explica que as pessoas negras escravizadas, de diversas regiões do continente africano, trouxeram diversas matrizes culturais que foram fundamentais para a construção da cultura brasileira. O autor se refere às religiões de matrizes africanas, às práticas típicas de seu modo de vivência na cozinha, na música, indumentária (vestimentas), nos sistemas de trabalho, entre tantas outras coisas. Esta foi uma maneira estratégica de resistência social sobre a cultura colonizadora do opressor.

Os negros escravizados e seus descendentes viram suas culturas serem transformadas em folclores e vistas como culturas rústicas, de menor valor, marginalizadas. Foram necessárias diversas estratégias para camuflar e disfarçar seus valores africanos, por exemplo, em relação a seus Deuses religiosos, que tiveram formas outras de serem representados, mas sem perder seu real significado. Não se tratava de sincretismo, e sim de uma forma de resistir à imposição da religião do colonizador, no caso, a igreja católica (Moura, 1992).

Moura (1992) ainda nos lembra que essa tentativa de apagamento também ocorreu com as línguas africanas. Foram milhares de vocábulos incorporados na estrutura da língua portuguesa falada no Brasil. Linguagem essa apontada por Lélia Gonzalez (1988) como “pretuguês”, termo adotado pela intelectual para se referir à africanização do português que se fala no Brasil, que evidencia a similaridade de termos, o ritmo e tom das línguas africanas, características que são apagadas por classificações eurocêntricas, como cultura popular e folclore nacional, acobertando a contribuição e influência da cultura negra.

Para ampliar e corroborar com a compreensão do racismo à brasileira, discutido por Lélia Gonzalez, e de como essa denegação e o apagamento se diluíram na cultura e no tecido social, convoco também as contribuições do intelectual Oracy Nogueira (2006) para refletirmos sobre os conceitos de *preconceito de marca* e *preconceito de origem*. Segundo o autor, no Brasil o preconceito racial é manifestado a partir da percepção da aparência física, da fisionomia do sujeito, de quem ela se parece (com um negro ou com um branco), diferentemente de outros países, a exemplo dos Estados Unidos, onde contraditoriamente o que poderá despertar o preconceito racial é a origem.

Dessa maneira, o reconhecimento racial de uma pessoa brasileira, seja ele ou ela, branco ou não-branco, pode variar pelo grau de miscigenação e dos traços visíveis que vão demarcar seu reconhecimento social enquanto pessoa branca, negra, indígena, amarela ou pertencente a outras etnias. Nogueira (2006, p. 294) afirma que “sendo portador de traços ‘caucasóides’, será considerado branco, ainda que se conheça sua ascendência negra ou o seu parentesco com indivíduos negroides”. Em outras palavras, para ser branco, você precisa no mínimo parecer branco o suficiente para distanciá-lo da identidade negra. por exemplo, ter a pele clara e cabelos lisos, em alguns casos, já pode provocar a leitura de pertencimento ao grupo racial branco.

Aqui, trago um ponto importante para a história mais recente do Brasil, sobre o avanço comercial que o país começou a atingir no mundo dos cosméticos, diretamente ligado ao apagamento da herança africana que o território carrega. O Brasil, em 2013, recebeu o título de “Pátria da Chapinha” por alguns veículos midiáticos (Leal, 2013), após a divulgação da pesquisa da consultoria Kantar Worlpanel, que apontava que 25 milhões de brasileiras alisam o cabelo. Esse fato bastante intrigante ganha novos contornos quando refletimos que a maioria da população do Brasil é negra, ou seja, não seria exagero dizer que, praticamente, milhões de brasileiras e brasileiros buscavam atenuar seus traços negroides, para se aproximar de uma estética branca. Eu arrisco dizer que os números poderiam ser maiores, pois a pesquisa não considerava homens que alisavam o cabelo e usavam chapinha, talvez por não serem os principais consumidores, o que faria, certamente, os números serem ainda mais expressivos.

Considero este fato um exemplo vivo da imputação do desejo e da necessidade de apagamento de um traço físico muito comum em povos africanos e descendentes, os cabelos crespos e cacheados, tendo como pano de fundo o objetivo de ficar mais belo, ter uma aparência considerada limpa, respeitável, e tolerável, por se assemelhar ao cabelo liso, comum em pessoas brancas. Vejamos o que explica o autor:

Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem (Nogueira, 2006, p. 292).

Situação diferente é vivenciada nos Estados Unidos, onde, segundo Nogueira (2006, p. 292) manifesta-se o preconceito de origem, “quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito”. Ou seja, o branqueamento pela mistura das raças, por mais que se tenha cabelos loiros e lisos, olhos claros,

pele clara e nariz e lábios finos, não é suficiente para tornar uma pessoa mestiça tornar-se uma pessoa branca, seria o mesmo que afirmar que ou é puramente branco, ou não é.

Observando toda essa complexidade e especificidade brasileira, Nogueira (2006) ressalta que todas essas proposições não devem ser entendidas num sentido absoluto, mas sim como tendências e hipóteses baseadas em estudos divulgados por Donald Pierson e estudos patrocinados pela Unesco¹², e que podem ser revisitadas por novas pesquisas e nas já disponíveis. Considero importante pontuar que o preconceito de marca também pode tornar-se uma armadilha de reconhecimento e contribuir para o apagamento de outras identidades e etnias, como veremos mais à frente, através dos apontamentos da intelectual indígena Gení Nuñez (2021), ao discutir o apagamento indígena pela categoria de cor “pardo”.

Esses fatos demarcam o curioso caso do país de dimensões continentais, que recebeu o maior contingente de africanos de todo tráfico por navios negreiros, que manteve a escravização de negros por quase quatro séculos, sendo o último a abolir o regime de escravização, que teve uma abolição sem nenhum tipo de reparação, ser a mesma nação que nega, mascara, e distorce os fatos históricos de que sua economia, sua cultura, língua, culinária, construções arquitetônicas, costumes, religiosidades, território e política, têm, em sua boa parte, influências culturais africanas na sua constituição, o que nos permite refletir que não existiria o Brasil como conhecemos sem a presença e herança indígena e africana.

3.2 Raça, racismo, colonialismo e imperialismo

Abordar os impactos das intersecções de raça, gênero, classe, orientação sexual, entre outros marcadores sociais, nas vivências de homens negros em uma sociedade racista como o Brasil, requer que compreendamos com profundidade e transversalidade conceitos como raça, racismo, colonialismo e imperialismo, que aparecem no texto em meio à tessitura de pensamentos das autoras e autores levantados na construção desta pesquisa. Dessa forma, podemos oferecer às leitoras e leitores, minimamente, uma localização melhor de onde parte as raízes conceituais para as discussões que me proponho.

Calcados nos estudos indispensáveis de Guimarães (2021), entendemos como fundamental demarcar de qual raça trataremos ao longo dos diálogos. O autor (2021, p. 22) afirma que “a palavra ‘raça’ tem pelo menos dois sentidos analíticos: um reivindicado pela biologia genética e outro pela sociologia”, vejamos o primeiro sentido:

¹² Para saber mais, indico o levantamento completo feito por Nogueira (2006).

Nos seus primórdios, a biologia e a antropologia física criaram a ideia de raças humanas, ou seja, de que a espécie humana poderia ser dividida em subespécies, tal como o mundo animal, e de que tal divisão estaria associada ao desenvolvimento diferencial de valores morais, de dotes psíquicos e intelectuais entre os seres humanos. Isso foi ciência por certo tempo e só depois passou a pseudociência. Todos sabemos que o racismo deve muito a essa divisão dos seres humanos em raças, em subespécies, cada qual com suas qualidades. Foi ela que hierarquizou as sociedades e populações humanas e fundamentou um certo racismo doutrinário. (Guimarães, 2021, p. 23)

Desnecessário dizer que a perspectiva de que raças humanas poderiam ser agrupadas por diferenças fisionômicas e subespécies, não tem respaldo científico algum (Guimarães, 2021), mas seu contexto histórico deu origem ao racismo científico já mencionado a partir de um de seus expoentes no Brasil, Nina Rodrigues, e teve consequências históricas que reverberam até hoje nas atualizações do racismo.

Empregaremos a noção reivindicada pela sociologia, na perspectiva de Guimarães (2021 p. 25), de que as raças “são discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas etc., pelo sangue (conceito fundamental para entender raças e certas essências)”. Ou seja, trata-se de um resultado de uma construção social produzido e assimilado pelas sociedades humanas. Vale apresentá-la na íntegra, conforme diz o autor:

Muitos autores, dentre os quais me incluo, concordam em que essa é uma noção moderna, não encontrada na Antiguidade clássica, por exemplo. Modernamente, quando falamos de raça, estamos nos referindo a uma categoria que engloba, ao menos, cinco dimensões: (a) a de hereditariedade pelo sangue de características morais e intelectuais; (b) a classificação das sociedades humanas segundo características somáticas — cor, cabelo, formato dos lábios e do nariz; (c) a utilização das duas dimensões anteriores em discursos políticos designando iguais e inferiores, ou seja, justificando as hierarquias sociais; e (d) a utilização dessas noções em discursos de história natural que pretendem explicar também a história social, ou seja, a redução do mundo cultural ao natural (Guimarães, 2021, p. 25).

Dito isso, também é importante ressaltar que as expressões “raça” e “negro” tiveram uma ressignificação histórica de seus significados empregados, passando pelo sentido utilizado pelos europeus para se referir a pessoas e povos de pele escura, depois utilizada de forma pejorativa para se referir a inferiorização biológica e ou povos submissos, para só então, por volta do final do século XIX e início do século XX, tomar o sentido de uma autodenominação utilizada pelos próprios negros, trazendo uma ressignificação política em sua luta por libertação colonial e também em relação à própria autoestima. Ainda assim, só muito tardiamente a população negra do Brasil conseguiu reivindicar um lugar positivo para a produção cultural de origem africana (Guimarães 2012).

Para aprofundar esta compreensão sociológica, julgo pertinente evocar o pensamento de Kabengele Munanga (2004), antropólogo congolês-brasileiro, referência por suas contribuições fundamentais nos campos de Antropologia e de Estudos Africanos. O professor nos ensina que o conceito de raça é carregado de ideologias que escondem uma relação de dominação e de poder. Dessa forma, o sentido de raça torna-se etnossemântico. Dito de outra maneira, como já pudemos refletir anteriormente, a definição do que é ser negro, miscigenado ou branco, por exemplo, será determinada pela estrutura social do território em que se está inserido, a exemplo das diferenças já mencionadas entre o reconhecimento racial nos Estados Unidos e no Brasil. Explica o intelectual congolês-brasileiro:

Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, etc. Por isso que o conteúdo dessas palavras é etno-semântico, político-ideológico e não biológico. Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. É a partir dessas raças fictícias ou “raças sociais” que se reproduzem e se mantêm os racismos populares (Munanga, 2004, p. 6).

As contribuições do intelectual são ricas para a noção de que, ainda que seja consenso de que a raça não existe, cada tecido social produz e faz a manutenção dos sentidos de “raças sociais” ou fictícias como apontado, sofrendo atravessamentos políticos, culturais, econômicos, atrelados às relações de poder que governam e influenciam determinado território.

Desta noção de raça apresentada e discutida, surge a conexão para pensarmos o conceito de racismo, espinha dorsal da proposta deste estudo, a partir dos conceitos do mesmo autor, Kabengele Munanga (2004), escolha feita para o uso ao longo dos textos. Vejamos o que o intelectual congolês-brasileiro explicita:

[...] o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas, suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural (Munanga, 2004. p. 7)

O esforço teórico que encampo aqui tem total identificação com o significado que Munanga e os demais autores e autoras apresentam para perseguirmos e investigarmos a hipótese dos impactos psicossociais oriundos dos processos de racismos que recaem sobre a população negra, no nosso caso, dando ênfase às masculinidades negras.

Articulado frequentemente com o emprego do termo “racismo”, o sentido de *colonialismo* aparece por diversas vezes disseminado de maneira generalizada e abrangente, como se pudesse ser aplicado a qualquer tempo histórico da civilização. Por consequência, também é facilmente confundido ou empregado de maneira equivocada, como se tivesse o mesmo sentido de *colonialidade*. Escolhemos trabalhar com o conceito de colonialismo a partir da perspectiva de Nelson Maldonado-Torres (2018), que, a meu ver, faz um esforço teórico importante para distinguir cada um dos significados. Vejamos:

Colonialismo pode ser compreendido como a formação histórica dos territórios coloniais; o colonialismo moderno pode ser entendido como os modos específicos pelos quais os impérios ocidentais colonizaram a maior parte do mundo desde a “descoberta”; e colonialidade pode ser compreendida como uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais. A “descoberta” do Novo Mundo e as formas de escravidão que imediatamente resultaram daquele acontecimento são alguns dos eventos-chave que serviram como fundação da colonialidade. Outra maneira de se referir à colonialidade é pelo uso dos termos modernidade/colonialidade, uma forma mais completa de se dirigir também à modernidade ocidental (Maldonado-Torres, 2018, p. 41).

Aníbal Quijano (1992) também nos auxilia na compreensão dos termos, pois conceitua como a colonialidade como uma relação de dominação direta, cultural, política e social da Europa sobre todos os continentes ao redor do planeta. Dito de outra maneira, um sistema de dominação de sociedades sobre outras. Para Quijano (1992), o imperialismo seria o sucessor do colonialismo, uma articulação de poder e interesses entre grupos dominantes de países, acerca de classes sociais e/ou etnias.

4 A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES

Raewyn Connell e Rebecca Pearse (2015), em sua obra intitulada *Gênero: uma perspectiva global*, elaboram uma reflexão que remete ao pensamento de Simone de Beauvoir. No âmago desse contexto, elas enfatizam que, apesar da discrepância nas posições ocupadas por homens e mulheres, o princípio fundamental sustentado é que a masculinidade não é inata, mas sim uma construção social, que demanda um processo de formação histórica. Como Connell e Pearse ressaltam, parafraseando Simone de Beauvoir, "ninguém nasce masculino, é preciso tornar-se um homem" (Connell; Pearse, 2015, p. 38).

A partir dessa premissa proposta pelas autoras, emerge a compreensão de que as manifestações de masculinidade que observamos não constituem um atributo intrínseco aos homens. Em vez disso, tais manifestações representam uma construção social moldada por normas, valores e expectativas culturalmente sedimentadas. Sob essa perspectiva, a noção de masculinidade é pensada e assimilada ao longo do tempo, influenciada por uma matriz complexa de fatores socioculturais.

Segundo Oliveira (2004), em seu estudo aprofundado sobre a construção social da masculinidade, tese de seu doutorado que também levou o título de seu livro publicado, o ideal de masculinidade é resultado de complexas elaborações culturais, com elementos importantes na passagem da sociedade medieval para a sociedade moderna, com destaque para a formação do Estado nacional moderno.

Raewyn Connell (2016, pág. 168) aponta que “o imperialismo foi necessariamente um processo generificado; masculinidades específicas e relações de gênero específicas foram inscritas no projeto da colonização em si”. É uma importante observação para a análise de que, nos processos de colonização, a dominação masculina foi um importante pilar de hierarquização de gênero e construção de impérios mundiais formados por homens. Essa dominação se manteve de tal forma que:

A maioria das igrejas e mesquitas é gerida exclusivamente por homens, o que é parte de um padrão mais amplo. A maioria da riqueza corporativa também está nas mãos de homens, as maiores instituições são lideradas por homens e a ciência e a tecnologia são, em sua maioria, controladas por homens (Connell; Pearse, 2015, pág. 41).

O surgimento de instituições disciplinares como o exército, além do surgimento de valores burgueses e de classe média, foco nos negócios, na ciência metódico-racional e em um modelo de personalidade moderada, característicos como valores ideais societários do

Ocidente, juntamente com outros fatores, contribuíram diretamente para a modelação do moderno ideal masculino (Oliveira, 2004).

No âmbito de sua obra *Tornar-se Homem*, Flávia Bonfim (2022) mergulha em uma análise minuciosa da evolução da representação masculina ao longo do tempo. Particularmente, ela explora a transição da figura medieval do homem, caracterizada pela rusticidade, rudeza e virilidade, para o emergente paradigma do homem moderno. Este novo arquétipo masculino é descrito por traços de refinamento, delicadeza, engenhosidade e moderação. No entanto, é fundamental observar como essas transformações não ocorrem em um vácuo histórico, mas sim sob a influência de variáveis complexas, até a passagem para a compreensão da construção histórica da imagem do homem civilizado.

Como um exemplo de êxito sobre a incorporação destes novos ideais do homem moderno, Oliveira (2004) também aponta o estabelecimento do alistamento militar compulsório pela Assembleia Legislativa da França revolucionária, no cenário das nações europeias:

Ao serem convocados, os soldados estariam em ação por uma causa nobre: a defesa da pátria. Isso só seria possível se eles demonstrassem sua devoção ao país por meio de sua virilidade e de atos de coragem. Os ideais medievais de bravura e destemor passavam agora a integrar as características fundamentais do soldado devotado e heroico. Expressava-se cada vez mais a imbricação entre militarização, nacionalismo e masculinidade (Oliveira, 2004, pág. 27).

Por se tratar de um ato compulsório, imposto a todos os homens, tornou-se uma medida eficaz para o inculcamento de valores para todos os homens, independente da classe, pondera o autor. Esta masculinidade que se impunha, por meio de um processo educacional em instituições como o exército, expressava valorização em torno da ideia do sacrifício e de uma purificação pessoal daqueles homens jovens, bem como dos ideais societários que abarcavam soberania, liberdade, potência, resistência, além de um completo alinhamento com os valores de pátria e nacionalismo. (Oliveira, 2004).

Welzer-Lang (2001, pág. 465) afirma que “o masculino, as relações entre homens são estruturadas na imagem hierarquizada das relações homens/mulheres” e que este processo de dominação masculina sob as mulheres ocorre não apenas no âmbito individual, mas também no coletivo, nas esferas públicas e privadas, gerando privilégios culturais, materiais e simbólicos.

Para que esta dominação se mantenha, calcada nesta divisão de mundo, sua manutenção é feita por meio de violências múltiplas, no âmbito doméstico, do trabalho, até nos estupros de guerra, preservando e compartilhando esses poderes com os homens de forma individual e coletivamente (Welzer-Lang, 2001).

Os famigerados “papéis sexuais”, conforme ressalta Fátima Cechetto (2004), estão associados a uma gama de comportamentos, costumes e valores que fixam expectativas de como homens e mulheres devem ser e agir de forma restrita, engessados nesta normatividade. Esses paradigmas se estabeleceram e estruturaram, por muito tempo, a sociedade moderna. Contudo, também foram objeto de críticas pela sua dicotomia:

A ideia de papel sexual foi objeto de muitas críticas pelo seu compromisso com o legado funcionalista e por ser uma forma de conceber a construção de gêneros de modo dicotômico, postura que sugeria uma interpretação essencialista de que as noções de ser homem ou mulher seriam elaborações ou simples reflexos de dados biológicos. Essa primeira tentativa de desenvolver uma ciência da masculinidade centrada na ideia de papel encontra-se atrelada a uma concepção central de que o homem e mulher possuíam uma essência ontologicamente diferente (Cechetto, 2004, p. 59).

Considerando as devidas críticas, sabemos então que a construção da masculinidade ultrapassa as fronteiras da dicotomia das diferenças biológicas, mas não preenche as lacunas no caminho de compreendermos o que eleva os homens globalmente a esta posição hierárquica e ao status de superior. Recorremos ao pensamento da Raewyn Connel (2016, pág. 93) sobre a complexidade de considerar um modelo universal de homem, por meio do conceito de masculinidade hegemônica. Ela argumenta que “diferentes grupos de homens têm diferentes posições nessas dinâmicas. Não existe uma só fórmula para abarcar os homens e a globalização. Existe, de fato, uma crescente polarização entre os homens em escala mundial”.

A intelectual está chamando atenção para a compreensão de que a dominação masculina, embora possua dimensões globais, não se dá entre os homens de forma igualitária e equalizada ao redor do mundo. De tal forma que, diante dos avanços dos estudos no campo das masculinidades, a autora nos convida a repensar o conceito de Masculinidade Hegemônica:

A característica fundamental do conceito continua a ser a combinação da pluralidade das masculinidades e a hierarquia entre masculinidades. Essa ideia básica se manteve firme nos últimos 20 anos de experiência investigativa. Padrões múltiplos de masculinidade têm sido identificados em muitos estudos, em uma variedade de países e em diferentes contextos institucionais e culturais. Também é resultado de pesquisa bastante difundido o fato de que certas masculinidades são socialmente mais centrais ou mais associadas com autoridade e poder social do que outras. O conceito de masculinidade hegemônica presume a subordinação de masculinidades não hegemônicas, e esse é um processo que agora tem sido documentado em muitos contextos, em nível internacional (Connel; Messerschmidt, 2013, p. 262).

O que os estudos sobre masculinidades levantados e analisados pela autora apresentam é que marcadores sociais como raça, classe, orientação sexual e diferenças culturais advindas

de nacionalidade e regionalidade influenciam a forma como vantagens e desvantagens, ganhos e custos, até mesmo dividendos patriarcais serão distribuídos de maneira desigual entre os homens, favorecendo um certo grupo de homens, com um certo conjunto de características que veremos adiante. (Connell, 2016).

Custódio (2022, pág. 17), no prefácio da edição brasileira da obra *A Gente é Dahora: Homens Negros e Masculinidade*, de bell hooks, ressalta a importância de "compreender que homens negros têm acesso, quiçá, apenas ao troquinho contado em moedas desse patriarcado", referindo-se à impossibilidade do homem negro de adquirir, mesmo ao tentar emular a masculinidade hegemônica patriarcal, os requisitos necessários para assegurar-lhe esse lugar.

Essa observação aponta para uma dissonância crítica entre as expectativas da masculinidade hegemônica engendrada na figura do homem branco e a realidade enfrentada pelos homens negros ao redor do globo, criando sua deixa para se descolar deste modelo. A masculinidade padrão, moldada por paradigmas brancos e patriarcais, muitas vezes exclui e marginaliza as masculinidades negras. A tentativa de assimilação por parte dos homens negros muitas vezes é frustrada, já que as narrativas hegemônicas não oferecem um espaço genuíno para que eles possam se inserir sem comprometer suas identidades culturais e experiências únicas.

Ainda que compreendamos, então, que o significado de *masculinidade* precisa ser observado a partir da sua localização de tempo, espaço e cultura produtora de subjetivação, e que são diversos, precisamos localizar a gênese ou, ao menos, as raízes do pensamento da masculinidade “padrão”, amplamente aceita a nível mundial. Nesse sentido, Kimmel (1998) apresenta uma correlação de uma versão hegemônica norte-americana global, correspondente a uma outra versão similar na Europa, que influenciava o mundo por consequência. Vejamos:

Há apenas um homem completo e sem rubores na América do Norte: um jovem, casado, branco, urbano, do norte, heterossexual, protestante, pai, com educação superior, bem empregado, bem apessoado, de bom peso e boa estatura, e com algum recorde esportivo recente... Qualquer homem que não se qualifica em alguma dessas categorias provavelmente irá ter uma imagem de si mesmo – pelo menos durante alguns momentos – como sem valor, incompleto e inferior (Goffman, 1963 *Apud* Kimmel, 1998, p.106).

É evidente que, a partir desta estrutura, construíram-se, então, as identidades de gênero subalternas ou masculinidades subalternas. O autor afirma que “desde a virada do século até hoje em dia, são as mulheres e os homens gays que têm servido como as visões clássicas da identidade de gênero subalterna” (Kimmel, 1998, p. 116), ao que podemos acrescentar tanto

quanto os homens pobres, negros, gordos, com deficiência, do sul global, não-brancos, entre outras características que estão fora deste enquadramento.

De acordo com Oliveira (2004), os mecanismos sociais que sustentam privilégios frequentemente operam de maneira imperceptível para aqueles que são favorecidos por eles. Sob essa ótica, os homens brancos de classe média, ao se contemplarem no espelho, tendem a se visualizar como seres humanos representativos em uma esfera universal. No entanto, essa perspectiva restrita não lhes proporciona a capacidade de compreender profundamente como questões de gênero, raça e classe permeiam suas vivências. Entretanto, esse ponto de vista levanta questionamentos significativos em relação às experiências dos grupos marginalizados, como os indivíduos negros, economicamente desfavorecidos, mulheres, pessoas LGBTQIAPN+ e outros que são categorizados como "diferentes". Para esses grupos, o ato de se olharem no espelho, frequentemente proporciona a percepção distorcida de suas próprias diferenças, como sendo “disfuncional” ou desviante da norma. Esses indivíduos são situados como "o outro" dentro dos âmbitos simbólicos que predominam (Oliveira, 2004).

Neste sentido, Mara Viveros Vigoya (2018), ressalta o caráter extenso das normas que recaem sobre os homens e as masculinidades, que ainda que plurais e diversas, dificilmente conseguem escapar das cobranças em formato de regras comportamentais e morais que se esperam de suas performances sociais. A adequação ou rejeição a estas normas, segundo a autora, irá depender da articulação de fatores distintos como estruturais, posicionais e também das diferenças de recursos que possuem para confrontá-las. Para melhor compreensão, vejamos o que a intelectual afirma sobre a dominação masculina:

Embora a dominação masculina responda a determinantes estruturais e estruturantes, é também um processo paradoxal, caleidoscópico, dinâmico e historicamente determinado, no qual intervêm múltiplas variáveis que não são necessariamente aditivas, mas distintivas. A dominação não se exerce a partir da soma de certas condições, mas a partir de uma determinada forma de habitar o gênero, a classe, a raça, a idade, a nacionalidade etc., como relações sociais que se coproduzem (Vigoya, 2018, p. 23).

Diante do exposto, a intelectual adverte sobre o perigo de considerar os homens a partir de uma perceptiva essencialista, compondo parte de um binômio simétrico. Ao contrário, a visão deve ser crítica, ampla, dando espaço para historicizar e contextualizar as relações desiguais e suas disparidades (Vigoya, 2018).

Nesta passagem, mora uma importante percepção para a direção rumo ao confronto, subversão e libertação das masculinidades negras, para se descolarem de um projeto que nunca lhes pertenceu, como já refletido por Custódio (2022) e Connel (2016). Acrescento que as

masculinidades brancas hegemônicas, hetero, patriarcais e cristãs, fazem parte de um projeto maior de dominação colonial, colonialista, imperialista e capitalista, que visa sua manutenção contínua sob novas roupagens e discursos na modernidade, onde o homem negro não tem espaço fértil para existir. O que lhe resta é uma subexistência, breve, subordinada, pequena, subjetivada pela violência social e pela desumanização, dentro da qual, às vezes, a depender de suas características, lhe permite uma aproximação ao patriarcado branco e um aumento de suas vantagens, fazendo com que ele mesmo possa reproduzir violências sobre outros corpos também marginalizados. Refiro-me às mulheres, sobretudo negras e à comunidade LGBTQIAPN+, povos indígenas, entre outras. É neste vácuo social que surge o chamado urgente para a descolonização que abre espaço para formas outras de ser homem e negro, construídas a partir de uma perspectiva própria.

É também no âmago do fenômeno delineado nesta pesquisa, enquanto processo que compreendemos como “desqualificação de masculinidades negras”, que ocorre o estabelecimento de modelos de masculinidades hegemônicas que as inferiorizam, que se desenvolverá o presente estudo sobre as vivências de homens negros e a construção de suas masculinidades.

4.1 A condição humana do homem negro

Mara Viveros Vigoya (2018) faz uma revisão aprofundada dos estudos sobre homens e masculinidades dos últimos 30 anos em “Nossa América”¹³ (América Latina). Sua produção demarca o importante protagonismo que o Brasil, ao lado da Colômbia, tem nos estudos de gênero voltados a masculinidades negras. A intelectual explicita:

A Colômbia e o Brasil são os dois países nos quais se desenvolveu o maior número de estudos sobre masculinidades ‘negras’. Não é por acaso: nas últimas três décadas, as pesquisas sobre diferentes aspectos da identidade “negra” se multiplicaram e movimentos sociais étnicos-raciais “negros” surgiram ou se consolidaram nos dois países (Vigoya, 2018, p. 75).

Dos percentuais de quase 500 trabalhos analisados na revisão da autora, observou-se 30% dos trabalhos voltados para identidades masculinas, 18% abordando masculinidades e violências e apenas 16% contemplam problemas, dilemas e tensões em torno da saúde dos homens, 14% abordam afetos e sexualidades, seguidos de reflexões epistemológicas sobre

¹³ Termo adotado por Vigoya (2018, p. 29) como uma forma de “reconhecimento a essas lutas precoces de reapropriação e ressignificação de nossa identidade” latina.

estudos das masculinidades. Por fim, 6% observam representações e produções culturais das masculinidades.

Este presente estudo em nível de mestrado, em seu processo de construção e desenvolvimento, foi ganhando cada vez mais um caráter abrangente e multidisciplinar, tendo como proposta olhar sujeitos negros em sua dimensão biopsicossocial, tanto quanto fosse possível, ao trabalhar a partir do que os sujeitos de estudo apresentassem em suas narrativas.

Necessário lembrar que, como aponta Vigoya (2018), em quase todos os países da América Latina, ao contrário do contexto norte-americano, o feminismo é a fonte da qual partem os estudos sobre masculinidades, posteriormente tendo a participação e o protagonismo dos homens, também marcados pelos estudos feministas. Posto isso, Vigoya (2018) também demarca, brilhantemente, a importância do *Black Feminism* (Feminismo Negro), fundamental para o rompimento com a ideia de essencialização do machismo, que tenta desenhar uma masculinidade universal, abstrata e sem rosto, carregada de determinismo biológico, contribuindo, assim, para a desnaturalização das categorias de raça e sexo.

Para construir esta reflexão acerca da condição humana do homem negro, escolheram-se três elementos importantes (homem negro, categoria humano e mundo) para analisar mais precisamente como se articulam e se interligam essas categorias entre si, e também a separação que se impõe e é perpetuada por séculos a fio, que aparta corpos negros da categoria da humanidade. O pensador martinicano, negro, psiquiatra e psicanalista, Frantz Fanon (2008), explicita esta percepção sobre pessoas negras terem se tornado, aos olhos do mundo branco, uma outra categoria de seres humanos, diferente do que se considera universal, um novo gênero humano:

Chego lentamente ao mundo, habituado a não aparecer de repente. Caminho rastejando. Desde já os olhares brancos, os únicos verdadeiros, me dissecam. Estou fixado. Tendo ajustado o microscópio, eles realizam, objetivamente, cortes na minha realidade. Sou traído. Sinto, vejo nesses olhares brancos que não é um homem novo que está entrando, mas um novo tipo de homem, um novo gênero. Um preto! (Fanon, 2008, pág. 108).

O autor demarca que “preto” passa a assumir a característica de uma nova categoria de humano, um “novo homem”, não assimilada e reconhecida pelo mundo branco como um igual, mas sim um corpo que causa estranheza, sob olhares que dissecam, um corpo inferior, uma subcategoria do humano. Neste sentido, é oportuno resgatar a definição que Faustino (2019) traz no prefácio da obra *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades*, “o

racismo é a negação substancial – não apenas linguística – da humanidade das pessoas negras” (Faustino, 2019, pág. 15).

Negar a humanidade de pessoas negras é como torná-las objeto, “coisificá-las”, já que não são humanas. Mbembe (2018) reflete sobre esse lugar de transformação:

[...] o processo de transformação das pessoas de origem africana em “negros”, isto é, em corpos de extração e em sujeitos raciais, obedece em vários aspectos a uma tripla lógica de ossificação, envenenamento e calcificação. O negro não é apenas o protótipo do sujeito envenenado e carbonizado. É aquele cuja vida é feita de resíduos calcinados (Mbembe, 2018, pág. 81).

Nesta analogia apresentada pelo autor, o ato de calcinar envolve um processo de combustão, de decomposição térmica de um material ou elemento até que se estratifique todas suas impurezas e/ou separação de suas substâncias. Ou seja, a invenção do “negro” pelo mundo branco, decompõe toda sua origem, sua verdade, sua ancestralidade, aliena-o e objetifica-o em sua própria história e o aprisiona neste lugar.

Desta forma, Fanon (2008, pág. 26) demarca que “o negro não é homem [...] o negro é um homem negro”. Isso muda completamente sua significação, seu valor social e o enquadramento de que sua vida não é reconhecível; essa é sua condição (não) humana. Como já pontuado anteriormente, o termo “homem”, empregado pelo psicanalista também abarca mulheres, no caso, mulheres negras que, da mesma forma, são desumanizadas a partir da raça.

A intelectual Judith Butler (2015) aborda o conceito de *enquadramento* como um dispositivo que diferencia vidas reconhecíveis daquelas que não o são. Isso ocorre a partir de um conjunto de esquemas normativos que atribuem componentes para seu reconhecimento social e podem atribuir-lhes um valor ou qualidade, seja bom ou ruim, legítimo ou falso, deturpado ou adequado. A autora analisa o que é uma vida, a partir do enquadramento que precariza e torna algumas vidas não reconhecíveis e outras reconhecíveis.

Se certas vidas não são qualificadas como vidas ou se, desde o começo, não são concebíveis como vidas de acordo com certos enquadramentos epistemológicos, então essas vidas nunca serão vividas nem perdidas no sentido pleno dessas palavras (Butler, 2015, p. 13).

Quando nos deparamos com fato noticiado, em 2019, do senhor Evaldo Rosa dos Santos, um homem negro, músico, ser alvejado por 80 tiros¹⁴ (sendo 257 disparos) a caminho de um chá de bebê, com sua família no carro, sob a justificativa de ter sido confundido com um

¹⁴ Mota e Macedo (2021).

criminoso, ou mesmo quando um homem negro, o senhor João Alberto Silveira Freitas, foi espancado até a morte¹⁵ em um supermercado por dois homens brancos, ou ainda quando um policial militar confundiu um guarda-chuva com um fuzil¹⁶, portado pelo homem negro, morador da favela Chapéu Mangueira no Rio de Janeiro, e o senhor Rodrigo Alexandre da Silva Serrano, que foi morto a tiros, podemos refletir se estas “vidas” de homens negros são consideradas como vidas perdidas.

São fatos justificáveis como confusões, incidentes, enganos, ou qualquer outra justificativa pífia, que acaba por enquadrar estas vidas como não reconhecíveis, de menor valor, como apontado por Butler (2015). Suas existências são consideradas indesejáveis, pois numa sociedade racista, certamente são criminosos ou maus elementos que perturbam o bem-estar social “em razão da sua raça”. Por isso, não há comoção por uma maioria social, sua morte é esperada e/ou normalizada. Nas palavras de Deivison Faustino (2014):

Enquanto o assassinato de alguns é, como não poderia deixar de ser, indesejável e desprezível, a morte (também intencionalmente provocada) de outros, a depender da posição que ocupem nesta escala social de valores (mas também de classe, raça e gênero) é, se não desejável, tratada como “normal” e “inevitável” (Faustino, 2014, p. 93).

Ao passo que ocorrem sistemática e diariamente, a cada 23 minutos, “a juventude negra está num dilema que é a morte feito passarinho” denuncia a intelectual Sueli Carneiro em entrevista (Mano a Mano, 2022).

Eu duvido que alguém encontre no auge do apartheid na África do Sul uma cifra dessa ordem, eu divido. Não existe país nenhum no mundo que isso possa acontecer com absoluta indiferença, como é que pode naturalizar essa matança? (Carneiro, 2022).

Refletir sobre a condição humana nos permite analisar os fenômenos que nosso tempo moderno têm produzido na estrutura social, identificar aspectos históricos que ainda ecoam no presente e compreender o impacto na vida humana, que muitas vezes se fragmenta e tende a hierarquizar suas relações entre si, dissociando-se de sua relação com a natureza. Hannah Arent ([1958]/2019), afirma que “os homens no plural, isto é, os homens na medida em que vivem, se movem e agem nesse mundo, só podem experimentar a significação porque podem falar uns com os outros e se fazer entender aos outros e a si mesmos” (Arendt, 1958, p. 5). A partir desta

¹⁵ Ver G1 RS (2020).

¹⁶ Ver Moura (2018).

perspectiva relacional, analisaremos a significação atribuída ao homem negro pelo mundo branco.

4.2 Mitos e fantasias coloniais sobre homens negros

Grada Kilomba (2019) utiliza o termo "fantasias coloniais" ao entrevistar mulheres negras sobre suas experiências de vida e enfrentamento do racismo. A autora (Kilomba, 2019, p. 78) ressalta em sua obra que “no racismo cotidiano, a pessoa negra é usada como tela para projeções do que a sociedade branca tornou tabu. Tornamo-nos um depósito para medos e fantasias brancas do domínio da agressão ou da sexualidade”. Essa dinâmica surge sempre em situações em que pessoas brancas interpelam direta ou indiretamente pessoas negras com opiniões ou atitudes que são construtos de seus pensamentos. No entanto, a análise revela um remonte imaginário de diversas situações coloniais de poder, dominação, subjugação, inferiorização e estereotipagem, característicos do período colonial. Nessas circunstâncias, as pessoas brancas quando subjetivadas pela colonialidade, e em sua condição da branquitude, podem assumir a posição simbólica de “senhores” ou “sinhas”, expressando suas expectativas de subordinação em relação às pessoas negras, lançando questionamentos sobre origem, capacidade, nacionalidade e outros elementos que as objetificam ou deslegitimam.

A partir deste conceito de fantasias coloniais, proponho uma análise sobre as origens das fantasias coloniais criadas sobre homens negros para compreendermos como se dá a desqualificação destas masculinidades. Fanon (2008, pág. 104) explana, a respeito da vivência de mulheres e homens negros, que “entre meu corpo e o mundo se estabelece uma dialética efetiva”. Essa afirmação abre um verdadeiro abismo criado pelo mundo branco. De um lado, homens e mulheres (brancos e alçados a universais) e do outro, uma outra categoria humana, pretos, uma escancarada não assimilação de sua existência enquanto homens e mulheres, enquanto humanos.

Consideramos que um dos aspectos importantes, que juntamente com raça e racismo, deságua nas desqualificações das masculinidades negras, passa pela categoria ‘sexo’ e suas representações e estereótipos. Para falar de estereótipos, recorro novamente ao pensamento de Mara Viveros Vigoya (2018, p. 104), que os define como uma “simplificação da realidade a partir de um número reduzido de elementos específicos que são exagerados, da ocultação consciente ou do simples esquecimento”. Dito isso, compreende-se que os estereótipos frequentemente fornecem uma visão reducionista, para presumir e atribuir uma identidade ou

características de reconhecimento de alguém ou de algum grupo. No caso de pessoas negras, resulta na massificação de um grupo diverso, atribuindo um elemento como sendo de todas as pessoas negras.

No tecido social e nas representações de produções brasileiras, como filmes, seriados e novelas, observa-se o limitado destaque da participação de pessoas negras no carnaval, em personagens engraçados e exagerados, pobres e em situações precária, nos esportes como futebol e campeonatos olímpicos. Destas representações, surgem os estereótipos em frases como “negros(as) sabem sambar”, “negros(as) tem aptidão para esportes”, “negros(as) são sensuais e fogosos(as)”, “negros(as) são perigosos”. Não obstante, eles ganham novos contornos negativos que vão se atualizando, sobretudo a partir de uma visão racista e colonial, conforme encontramos essa discussão também nos pensamentos de Lélia Gonzalez (1988) e Frantz Fanon (2008).

Como já afirmado anteriormente, o racismo e sexismo inscrevem masculinidades negras em uma encruzilhada entre a periculosidade e o desejo sexual. Esses elementos são produtos resultantes da criação de estereótipos negativos, criados sob uma visão animalizante de homens negros, como perigosos e/ou máquinas sexuais. Para balizar essa reflexão e olhar primeiramente para o sexo, me valho do pensamento Vigoya, ao observar:

Quando se evoca a fascinação branca pelo erotismo, sensualidade e “febre” dos corpos negros, é geralmente nas mulheres negras jovens que se pensa; os imaginários e estereótipos sobre a sexualidade masculina negra só foram ocasionalmente estudados. É interessante, então, analisar as respostas dos homens negros frente a imaginários quando, por exemplo, são descritos como seres dionisiacos, fundamentalmente centrados no gozo dos sentidos através do consumo do álcool, da dança e da sexualidade (Vigoya, 2018, p. 102).

A reflexão acima, nos permite abrir um novo horizonte de análise, para investigar de que forma as intersecções de raça e sexo podem impactar as vivências de homens negros e a construção de suas masculinidades.

Algo que gerou uma grande inquietação, capaz de mobilizar os mais diversos sentimentos nos colonizadores europeus, foi o pênis do homem negro africano e, posteriormente, afro-americano. Recorro a obra de Friedman (2001), *Uma mente própria: a história cultural do pênis*, na qual o autor faz um resgate minucioso dos eventos históricos que registraram essa relação do homem branco com o homem negro e sua fixação pelo pênis preto. O autor relata que os europeus registraram, em muitos escritos, suas percepções sobre os homens africanos, da admiração ao choque, medo e estarrecimento, e que duas características

se destacavam, a cor negra e seu pênis. Os descreviam como sobrenaturalmente macrofálicos e grandes reprodutores.

Do século XV ao XIX, a relação entre europeus brancos e africanos negros foi constante, a tal ponto que os europeus precisaram analisar o seu lugar e o lugar destes povos na natureza (Friedman, 2001). O homem europeu não soube lidar com essa diferenciação, que poderia ser percebido por contraste até mesmo à longa distância. O fato do pênis de um homem europeu ser percebido supostamente como menor do que o de um homem africano, fez com que o pênis negro fosse exposto em muitos museus de anatomia. Em todas as escolas de anatomia de Londres, os cientistas mais curiosos faziam questão de ter seu exemplar guardado em vidros em seu próprio acervo, como o médico cirurgião inglês Charles White, que em 1799, guardava, como uma peça de coleção, a genital de um homem negro (Friedman, 2001).

O órgão masculino tornou-se uma unidade de medida. O corpo negro foi dissecado por anatomistas brancos, a sua inteligência aferida por educadores brancos e a existência de sua alma discutida por filósofos e teólogos brancos. [...] o pênis negro do africano [...] olhado, temido (e, em alguns casos, desejado), pesado interpretado segundo as Escrituras, meditado por zoólogos e antropólogos, preservado em frascos de amostragem e, acima de tudo, calibrado. E, praticamente em todos os exemplos, o seu tamanho foi considerado prova de que o negro era mais um animal do que um homem (Friedman, 2001, p. 98).

Não demorou até que as primeiras comparações do homem africano com animais surgissem nos discursos científicos. Essa percepção também é evidenciada por Fanon (2008, p. 146), ao argumentar sobre as fantasias dos brancos civilizados, que a fixação do preto [para os brancos] está no genital, o perigo e a fobia estão localizados no biológico, ele diz: “não mais se percebe o preto, mas um membro: o negro foi eclipsado. Virado membro. Ele é pênis”. Contudo, cabe observar que essa afirmação não lhes concedia o lugar de potencialidade alçado ao homem branco, dito de outra forma, o pênis negro é um pênis sem o falo (Faustino, 2014).

Deivison Faustino Nkosi (2014) discute em seu texto *O pênis sem o falo*, a partir da perspectiva de falo proposta por Lacan, como o pênis, se tratando de um falo simbólico e não físico é capaz de afirmar o masculino como uma metáfora de poder sob as demais sexualidades. Em diálogo com o pensamento de Fanon (2008, p. 142), ao refletir sobre a morte e a esterilização que homens negros sofriam, afirma que “o preto é castrado. O pênis, símbolo da virilidade, é aniquilado, isto é, é negado”. Portanto, podemos compreender que o homem negro, reduzido ao pênis, está neste contexto, como um homem/pênis sem virilidade, despotencializado.

Essa observação de Fanon destaca o grau em que a objetificação e a redução do homem negro a uma parte de seu corpo, particularmente o órgão genital, serviram a um grande propósito de desumanização do homem negro. A fantasia colonial estabeleceu uma relação entre a masculinidade do homem negro e seu órgão genital, uma relação que foi impulsionada pelo temor dos colonizadores em relação à suposta virilidade exacerbada desses homens. O resultado foi uma imagem estereotipada e desumanizante que desqualificava a humanidade completa dos homens negros, relegando-os a uma mera encarnação do corpo e do sexo.

Essa fixação europeia nas representações do corpo negro, em particular no que diz respeito ao pênis, encontrou no campo científico diversos homens (brancos) dispostos a utilizá-la para especular e justificar a animalização do preto, sua inferiorização, o porquê de sua potência e seu pênis serem tão maiores do que os brancos europeus, criando ainda diversas outras associações negativas, ligadas a uma sede sexual incontrollável, ao pecado religioso e à representação de um grande perigo para mulheres brancas, de modo a perpetuar a ideia de superioridade branca e inferioridade negra.

Quanto White comparou o africano a um macaco, não estava expressando um brilhante insight protodarwiniano. Estava usando a ciência para ligar a negritude ao pênis grande e ao pecado. Em nenhum outro lugar do mundo essa suposta associação entre o pênis do africano e a sexualidade animal foi citada com mais frequência, ou mais insistência, do que nos Estados Unidos (Friedman, 2001, pág. 107).

Para o autor, não restaram dúvidas de que muitos homens brancos europeus temiam que o pênis negro fosse superior ao seu. Ele argumenta: “uma característica genital que impressionou e alarmou médicos brancos no fim do século XIX foi a aparente imunidade do negro à impotência” (Friedman, 2001, p. 115).

Com a potência e a superioridade dos homens brancos europeus em jogo, essas representações degradantes e desumanizantes eram parte integrante do sistema de dominação colonial, pois permitiam justificar as práticas racistas e discriminatórias impostas aos povos negros. Houve um esforço de boa parte dos médicos e cientistas, no fim do século XIX, que buscavam justificar por meio de explicações científicas (suas fantasias coloniais) sua própria e suposta inferioridade genital e potência sexual. Uma solução proposta pelos médicos para solucionar a “perversão sexual do negro” foi a castração (Friedman, 2001).

Havia norte-americanos não-médicos que compartilhavam esse medo dos negros livres "estupradores" e sua paixão do tipo “garanhão”. Alguns deles transformaram sua paranoia psicosssexual em assassinato. Segundo Frank Shay, autor de Judge Lynch, His First Hundred Years, mais de quatro mil negros foram linchados nos Estados Unidos entre 1882 e 1937. (Shay não estava sugerindo que a prática de linchamento

terminara em 1937; certamente não cessou). Em muitas dessas execuções ilegais, a morte por enforcamento foi o ato final de alguma coisa ainda mais grotesca – uma castração ritual. Para matar de verdade um homem negro, tinha-se, primeiro, de matar seu pênis (Friedman, 2001, pág. 116).

Nesse ritual sangrento de castração e enforcamento, sua aniquilação nos abre a possibilidade de enxergar um duplo sentido, simbólico e literal, pois o homem negro só é considerado morto se a representação subjacente que seu pênis preto, grande e potente, for morto também. Façamos uma análise a luz da psicanálise observando o sentido de castração no complexo de Édipo:

[...] segundo a psicanálise um dos fatores que formariam a masculinidade do menino seria o medo de que o pai proceda a castração como represália por seu desejo pela mãe. O Complexo de Édipo só teria final quando o menino “reconhecer seu papel” e ao abrir mão do desejo pela mãe, ganhando acesso ao mundo viril do pai e a todas as outras mulheres (Botton, 2007, p. 110).

No complexo mencionado, há uma disputa simbólica pela mãe, objeto de desejo de ambos, contudo, o pai (visto como um rival pelo filho) ocupa um lugar de poder e superioridade. Sua resolução só se conclui quando o filho abre mão dessa disputa ao se identificar com o pai, e partir disso, teria acesso ao mundo viril do pai e a todas as outras mulheres. Nesse sentido, podemos pensar que a castração do negro, sobre a qual discute Fanon (2008), ocorre pelo medo de que ele possa possuir as mulheres brancas, que esposam e são objetos pertencentes aos homens brancos:

O branco está convencido de que o negro é um animal; se não for o comprimento do pênis, é a potência sexual que o impressiona. Ele tem necessidade de se defender deste “diferente”, isto é, de caracterizar o Outro. O Outro será o suporte de suas preocupações e de seus desejos (Fanon, 2008, p. 147).

As palavras de Fanon enfatizam a obsessão do colonizador branco em estigmatizar o homem negro, enfocando suas características físicas e sexuais como meios de demarcação e degradação. A objetificação do pênis negro, enredado em uma teia de estereótipos (fantasias coloniais), revela não somente um ato de desumanização, mas também uma estratégia de dominação por meio da estigmatização sexual. O corpo do homem negro é assim transformado em um campo de batalha, onde as disputas coloniais travam uma luta para consolidar a superioridade branca e subjugar o negro como o "Outro" que deve ser aniquilado.

As raízes deste longo processo de animalização do negro, atravessaram décadas e permaneceram vivas e constantemente atualizadas nos séculos XX e XXI. A seguir,

apresentarei exemplos concretos dessas fantasias coloniais. que remontam a tempos mais recentes

Em uma linha do tempo, trago como primeiro exemplo o filme *O nascimento de uma nação*, de D. W. Griffith. Exibido em 1915, representando o negro macrofálico e hipersexualizado, com uma verdadeira fome sexual, exprime o delírio (branco) baseado no medo de homens negros possuírem mulheres brancas. Neste cenário, certamente seus defensores seriam cavaleiros encapuzados e vestidos de branco (Ku Kux Klan), prontos para castrar o negro estuprador. Havia um apelo estereotipado na personagem branca, como sendo uma jovem virgem e branca indefesa, perseguida e atacada por um negro (um branco com maquiagem preta, *blackface*), sedento por sexo. O desfecho apresenta a castração do estuprador negro, em seguida sua morte.

Figura 1 - *O nascimento de uma nação*



Fonte: (Print) Imagem do filme disponível na internet: *O nascimento de uma nação* 1915, (EUA)

A produção contribuiu imensamente para a criação e o reforço do estereótipo da “perversão sexual do negro”, além da representação da ameaça real a mulheres brancas. Ali estava a personificação do homem negro selvagem, dominado por seus impulsos animais, produzindo medo e perturbação na civilização branca. O filme foi premiado pela indústria cinematográfica norte-americana e chegou a ter uma cópia exibida na Casa Branca.

O segundo exemplo que apresento, está na análise da obra de Robert Mapplethorpe apresentadas no livro *Black Book*, publicado pela primeira vez em 1986, apresentando 96 nus formalmente rigorosos e altamente eróticos, todos eles fotografias de homens negros, seja como

figuras completas, ou partes sedimentadas de seus corpos. De acordo com Friedman (2001, p. 126), “desde 1980, os nus de Mapplethorpe feitos com homens negros tinham sido exibidos em museus e galerias dos Estados Unidos, Canadá, Japão e Europa, recebendo pródigos elogios de publicações como New York Times, Artforum, Art in America, Time e Newsweek”. Embora em alguma dimensão sua obra supostamente tivesse a intenção de homenagear o corpo masculino negro e sua beleza, sua representação colocava corpos negros novamente em consonância com as fantasias coloniais que flertavam entre o fascínio erótico e o medo, amplamente difundido no século XIX (Friedman, 2001).

Observemos a fotografia intrigante denominada *O Homem de terno de poliéster*. Nela Mapplethorpe não apresenta o rosto de seu modelo (Milton Moore, seu ex-parceiro romântico e sexual). Há uma ênfase no terno de poliéster, de uso tradicional de homens de negócios importantes (embora aquele seja de má qualidade), comum na década de 1980. O paletó aberto revela o suposto segredo íntimo e verdadeiro que estaria guardado em todos os homens negros, um pesado pênis preto, coberto de veias, tão grande que é difícil escondê-lo no poliéster, semi-ereto como algo que logo será ativado, uma fantasia imputada no imaginário da América branca (Friedman, 2001).

Figura 2 - *O Homem de terno de poliéster*



Fonte: Robert Mapplethorpe, 1980, Nova York

A imagem transmite uma sexualização exótica e fetichista do corpo negro, assim como sua exibição quase que zoológica em museus, reproduzindo a narrativa histórica de hipersexualização e animalização dos homens negros, que foi frequentemente utilizada para justificar a exploração e a inferiorização desses corpos. Lembremo-nos do que adverte Vigoya (2018, p. 115) acerca das outras formas de manifestação do racismo disfarçadas por elementos positivos: “este suposto elogio é também uma forma de lhes designar “seu lugar” em um mundo que segue uma lógica redutora e sem fissuras; na escala hierárquica da criatividade, a Razão é branca, enquanto o ritmo, a música e a dança são negros”. Dito de outra forma, o lugar demarcado para o homem negro, é o de servir ao fascínio erótico branco objetificante.

A fantasia de um pênis negro, quase como uma arma fálica, tem raízes profundas na história da opressão racial e na submissão dos homens negros a estereótipos prejudiciais e limitantes.

Podemos encontrar ressonância também na crítica de Kobena Mercer (1991), um homem negro, londrino, historiador de arte, que escreve e ensina sobre as artes visuais da diáspora negra, examinando artistas afro-americanos, caribenhos e negros britânicos na arte moderna e contemporânea.¹⁸

Contra esse pano de fundo, as brilhantes imagens de Robert Mapplethorpe de *Black Males* (1983) são duplamente interessantes, pois as convenções estereotipadas de representação racial na pornografia são apropriadas e abstraídas no discurso da fotografia de arte. Em imagens como o notório “Man in a Polyester Suit”, a dialética do medo branco e do fascínio subjacente à fantasia colonial é reinscrita pela centralidade exagerada do falo “monstruoso” do homem negro. [...] As imagens cuidadosamente construídas de Mapplethorpe são interessantes, pois, porque reiterando os termos da fantasia colonial, atendem às expectativas do desejo branco: mas o que elas dizem sobre nossas [dos negros] necessidades e desejos? Aqui retornamos para aquele sentimento de ambivalência, porque, embora possamos reconhecer a dimensão opressiva das fantasias encenadas em tal representação sexual, ainda queremos olhar, mesmo que não possamos encontrar as imagens que queremos ver. O que está em questão é que os mesmos sinais podem ser lidos para produzir significados diferentes. [...] Às vezes, eles podem ser divididos em leituras alternativas, quando diferentes experiências são aplicadas à sua interpretação (Mercer *apud* Schneedorf, 2023, p. 147).

Mercer (1991), ao analisar as fotografias de homens negros produzidas por Mapplethorpe, destaca um aspecto particularmente intrigante: as formas culturais e estereotipadas de representação racial presentes na pornografia são reinterpretadas e incorporadas ao discurso da fotografia artística. Nesse contexto, a fotografia *O homem do terno de poliéster* se destaca, com sua representação centralizada do falo “monstruoso” do homem

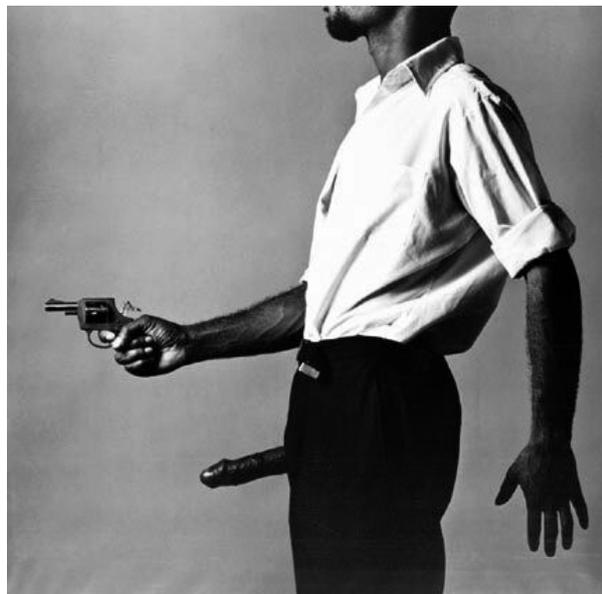
¹⁸ <https://lgbs.yale.edu/people/kobena-merc>

negro, o que reinscreve a dialética entre o medo branco e o fascínio subjacente à fantasia colonial.

O autor salienta que, embora essas imagens fossem cuidadosamente construídas por Mapplethorpe, as fotografias também cumprem o papel de remontar às fantasias coloniais e satisfazer as expectativas do desejo branco, levantando uma pergunta fundamental: o que elas revelam sobre as necessidades e desejos daqueles que estão sendo representados, os negros? Mercer nos conduz a uma ambivalência que está posta, onde a consciência da dimensão opressiva dessas fantasias sexuais coexiste com o desejo de olhar e de encontrar representações que, apesar de tudo, reverberem alguma autenticidade, mas este é um caminho perigoso e que requer muito cuidado.

Agora nos atentemos a esta outra captura pelo olhar de Mapplethorpe, ainda mais intrigante, devido à quantidade de símbolos sociais que ela carrega. *Jack Walls*, o modelo da foto (outro ex-parceiro romântico e sexual do fotógrafo), veste calça e camisa sociais, típicas de um trabalhador urbano e americano, seu rosto cortado, podendo ser qualquer ou todos os negros, sua mão segurando uma arma como quem está prestes a atirar, e seu pênis preto, grande e ereto, aponta para mesma direção da arma, como quem também está prestes a assaltar alguém.

Figura 3 - *Jack Walls*



Fonte: Robert Mapplethorpe, 1982, Nova York

Observamos aqui três elementos de fantasias coloniais historicamente clássicos em que a imagem e o lugar do negro foram fixados. O primeiro é o trabalho. Historicamente, a

população negra foi escravizada por quase quatro séculos, e posteriormente, supostamente livre, seu novo lugar foi direcionado para trabalhos subalternizados e braçais, na era da industrialização (estivadores, porteiros, motoristas, garçons, entre outros). A construção do negro como mão de obra escrava e, posteriormente, como trabalhador braçal mantém uma divisão estratificada das classes sociais, onde as oportunidades e os privilégios são desigualmente distribuídos.

O segundo elemento, a arma, está localizado na fantasia colonial associada ao perigo, o negro perigoso, esturpador, pervertido sexual, que estaria sempre à espreita, para roubar o que pertence ao branco. A presença persistente da figura do "negro perigoso" reforça a criminalização sistemática dos corpos negros, o que se reflete em práticas de policiamento, encarceramento em massa e violência racial.

O terceiro elemento, amplamente explorado neste capítulo, é a fantasia colonial do negro faminto sexual, com seu pênis macrofálico e insaciável, que também estaria à disposição do desejo branco. Juntos, estes elementos compõem os lugares em que o negro é aceito, permitido ou tolerado no mundo branco: trabalhando e servindo; invejando o branco (por isso o desejo do assalto de possuir o que não é seu) e o lugar do prazer sexual que pode ser proporcionado e explorado pelo branco.

A intelectual bell hooks (2019) ressalta que obras construídas pelo olhar do branco, frequentemente perpetuam a imagem de homens negros como inferiores, incapazes de atingirem a expectativa de performar a masculinidade construída pelo patriarcado supremacista, branco, capitalista e falocêntrico. Essas representações exploram os estereótipos de figuras menos civilizadas, inferiores, perigosas, portadores de um psicológico instável. Muitos desses aspectos ressoam nas capturas de Mapplethorpe.

No cerne desses elementos de fantasia colonial, reside uma complexa teia de poder, controle e exploração que tem perpetuado a desigualdade racial e de gênero ao longo do tempo. A delimitação dos espaços ocupados pelos corpos negros - seja no trabalho, na imaginação do perigo ou na sexualidade - reflete a estrutura hierárquica de uma sociedade que foi moldada por narrativas profundamente colonialistas e brancas. Essas narrativas, apesar de suas raízes históricas, são refletidas nas realidades contemporâneas, contribuindo para as disparidades sistêmicas presentes em várias esferas da vida.

Saltando para os anos 2000, temos o filme *As branqueiras* (na tradução brasileira), sendo o título original *White Chicks*, uma produção estadunidense lançada em 2004, quase há duas décadas atrás, mas muito popular no tecido social, tendo ganhado uma grande aderência

junto ao público brasileiro, principalmente por um de seus personagens icônicos, Latrell Spencer (interpretado por Terrys Crews), um astro rico e extravagante do basquete, de porte grande, alto e atlético, que ilustra o estereótipo do “negão”, portador de um imaginário pênis arrebatador e preto, capaz de deixar quem experimenta-o de cadeira de rodas, como é demonstrado no filme. Mas isso não é tudo, Latrell tem um interesse específico por mulheres brancas e loiras, sendo capaz de dar um lance milionário de 50 mil dólares, em um leilão solidário, só para ter um encontro amoroso com uma das mimadas irmãs loiras Brittany (Maitland Ward) e Tiffany Wilson (Anne Dudek) - seu prêmio foi um encontro com a personagem Tiffany Wilson. A narrativa do filme apresenta o personagem com uma grande sede sexual, quase incontrolável, o que nos remete ao estereótipo da perversão sexual do negro. Assim como em *O nascimento de uma nação* – o personagem é um negro, insaciável e macrofálico, mas, que dessa vez, é apresentado com uma boa dose de humor, protagonizado por um homem negro (e não mais um homem branco maquiado), sendo dirigido e co-escrito por Keenen Ivory Wayans, (também ator e comediante), um homem negro.

O que poderia levar homens negros a esta contradição de representar a si mesmos a partir de fantasias coloniais e estereótipos negativos criados pelo mundo branco? Outra vez, evoco o pensamento de bell hooks que nos explica:

No entanto, nunca houve um tempo na história dos Estados Unidos em que as pessoas negras, especialmente os homens, não estivessem enfurecidas com as representações estereotipadas e fantasiosas da masculinidade negra. Agindo em cumplicidade com o status quo, muitas pessoas negras absorveram passivamente representações estreitas da masculinidade negra, perpetuaram estereótipos, mitos, e apresentaram relatos unidimensionais. Homens negros contemporâneos foram moldados por essas representações (hooks, 2019, p. 174).

Se homens negros foram moldados por estas representações, conforme ressalta a autora, é de se compreender que homens e mulheres negras não estarão isentos de reproduzir estereótipos danosos sobre seu próprio grupo, incorrendo em uma grande contradição. Este mesmo fenômeno se repete em outros grupos oprimidos socialmente, como por exemplo mulheres com posturas conservadoras, reproduzindo atitudes e pensamentos machistas.

Figura 4 - Latrell Spencer



Fonte: Filme *As Branqueelas*, 2004, EUA. (Print de uma cena do filme)

Necessário delinear que o filme aborda uma série de outros estereótipos nocivos a outros grupos oprimidos, como a misoginia e a objetificação de mulheres, tratando-as como “prêmios”, burras, interesseiras e fúteis. hooks (2019, p. 207) chama atenção de que “infelizmente, quando todas as pessoas negras deveriam se envolver em um movimento feminista que trate da política sexual de nossas comunidades, muitos de nós tragicamente apoiam antigas normas de gênero”, se referindo à dificuldade que alguns homens negros têm de se opor ao machismo e à misoginia.

Outro exemplo que traz um aspecto que merece ser analisado mais detalhadamente é a fantasia colonial sobre o negro ser violento e perigoso, conforme mencionado anteriormente por hooks (2019). Um caso brasileiro recente que trouxe esse fenômeno à tona foi a repercussão, na mídia, de uma tragédia em 2022, envolvendo um ataque em escolas brasileiras, na cidade de Aracruz, no estado do Espírito Santo, por parte de um adolescente branco, filho de militar, responsável por, pelo menos, quatro homicídios e cerca de doze pessoas feridas (entre professores a alunos). O ponto que gostaria de analisar é o da imagem escolhida pela redação do Estadão, que estampou a notícia do ataque com uma mão negra apontando uma arma, mesmo o ataque tendo as características de um atentado supremacista branco, observado que o adolescente trajava símbolos nazistas.

Figura 5 - Crime branco, mão negra – Estadão



Fonte: Print da postagem do próprio veículo de imprensa, Estadão, 2022, Brasil.

Um levantamento feito para analisar os marcadores de gênero e raça nos três maiores jornais impressos do Brasil (Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo), realizado pelo Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa (GEMAA) e publicado em 2023¹⁹, com análise de dados de 2021, revelou que 84% dos produtores de conteúdo são brancos. No veículo Estadão, responsável pela publicação da foto apresentada acima, o número é absoluto: 100% dos editores são brancos. Os dados também apontam que a maioria dos textos são assinados por homens brancos, seguido de mulheres brancas, ou seja, outra vez, o corpo negro é apresentado a partir do olhar branco, determinando como o público vai interagir com seu corpo. Dois deles (Estadão e Globo) não possuem sequer uma pessoa preta em seu corpo editorial, dado que escancara um completo esvaziamento da presença negra na posição de noticiar e comentar os fatos, por um olhar de negritude.

Neste sentido, Abdias do Nascimento (1978) nos explica sobre a estrutura de poder que se mantém e é responsável por direcionar o controle e a forma de como as narrativas sobre os sujeitos, os fatos, teores e estereótipos, serão apresentados:

Em adição aos órgãos do poder - o governo, as leis, o capital, as forças armadas, a polícia - as classes dominantes brancas têm à sua disposição poderosos implementos de controle social e cultural: o sistema educativo, as várias formas de comunicação de

¹⁹ Petersen e Portela (2023).

massas - a imprensa, o rádio, a televisão - a produção literária; todos esses instrumentos estão a serviço dos interesses das classes no poder e são usados para destruir o negro como pessoa, e como criador e condutor de uma cultura própria (Nascimento, 1978, p. 93).

Sem possuir o controle ou qualquer influência sobre grandes meios produtores e controladores de notícias, as mesmas ainda serão noticiadas conforme os interesses políticos de quem as detêm. Isso significa dizer que os estereótipos negativos sobre o negro continuarão a ser exibidos de maneira racista e atendendo às fantasias coloniais.

4.3 Entre o homem negro, novos humanismos e o mundo

Para Fanon (2008), pensar um novo humanismo passa, irrevogavelmente, por um processo de libertação dos complexos coloniais pelos quais tanto o branco quanto o negro são atravessados, moldando seu modo de agir e pensar. Ser “um homem entre outros homens” (Fanon, p. 106), significaria superar a brancura enquanto ideologia racial supremacista, destroná-la deste lugar de superioridade e matriz da humanidade, e superar a negrura na qual o negro foi fixado, e ir além da negritude enquanto ideologia de valorização e equiparação do negro ao branco, para então buscar uma verdadeira dimensão universal da existência humana.

O intelectual acreditava que só uma interpretação psicanalítica poderia revelar as “anomalias afetivas” que acometem os negros e, assim, contribuir que para uma tomada de consciência de sua realidade, capaz de desaliená-los dos complexos, sem deixar de demarcar que o branco também é acometido pelo mesmo fenômeno, Fanon afirma (2008, p. 27) que “o branco está fechado na sua brancura, o negro na sua negrura”, chamando-o de duplo narcisismo.

É válido que compreendamos o sentido dos termos *brancura*, *negrura* e *negritude* discutidos por Fanon, para que evitemos o risco de uma leitura equivocada de seus significados. O intelectual refere-se à brancura como sendo o fato do branco alçar-se ao lugar de humano, abstrato, expressão universal, civilizado. Afirma Fanon (2008, p. 117): “o branco quer o mundo; ele o quer só para si. Ele se considera o senhor predestinado deste mundo”, distanciando-se do que negam em si próprios e elegendo os pretos como selvagens, ruins, malvados, imorais, pecadores. Tal narcisismo, permitia com o que negro só pudesse existir a partir dessa visão desumanizante, como um “desvio existencial”: “todos estes brancos reunidos, revólver nas mãos, não podem estar errados. Eu sou culpado. Não sei de quê, mas sinto que sou um miserável” (Ibidem, p. 125). Contentar-se com essa visão fixada que os relega a esta “zona do

não-ser”, e ter que provar sua humanidade perante e para o mundo branco, quando não, tentar sê-lo também, é o que amarra os negros neste duplo narcisismo.

O conceito de negritude para Fanon (2021, p. 217) configurava-se como “antítese afectiva, senão lógica, do insulto que o homem branco fazia à humanidade”, uma postura coletiva que declara “guerra às mentiras colonialistas”, reivindicando a legitimidade de uma cultura africana. Ele continua: “essa negritude, voltada ao desprezo ao branco, revelou-se, em certos setores, a única capaz de levantar proibições e maldições” (ibidem, p. 217), reconhecendo assim a importância da luta do movimento de negritude contra uma cultura europeia colonialista. Ainda assim, o martinicano não poupava críticas à mera inversão da lógica para afirmação de uma cultura africana, pois esta poderia limitar-se a ser oposição massiva aos europeus narcisistas e engessar-se em outro beco sem saída, sendo necessário ir além apenas da afirmação da cultura africana que foi apagada (Fanon, 2021).

Podemos refletir, então, que a negritude tem suas raízes na necessidade de uma afirmação positiva multifacetada, diante de um colonialismo branco que via o continente africano e sua população como (2021, p. 216) “um antro de selvagens, um país infestado de superstições e de fanatismo, voltado ao desprezo, atingido pela maldição de Deus, país de antropófagos, país de negros”. Seu surgimento, portanto, pode ter sido orientado pela branquitude, mas seu sentido não trata-se de uma contrapartida ideológica, essa distinção é fundamental. Vejamos a definição de branquitude nas palavras de Lourenço Cardoso (2010):

A branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivos, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo (Cardoso, 2010, p. 611).

Tal construção dessa identidade branca, se deu a partir do esvaziamento e desvalorização de toda uma população e cultura negra, por isso, seu sentido não poderia ser de igualdade de reivindicações. A negrura, portanto, compreendemos como o aprisionamento de corpos negros nas concepções que os inferiorizam, criadas pela branquitude, cristalizando uma imagem negativa que tende a estruturar as sociedades colonizadas.

Faustino (2022), reconhecido como um dos maiores especialistas brasileiros na obra do psiquiatra e filósofo francês Frantz Fanon, explicita que o novo humanismo, na perspectiva fanoniana, afirma que novos projetos de seres humanos são possíveis ao passo da recusa ao narcisismo do que representa o pensamento europeu, somado a um processo colaborativo junto com e pelos povos do Terceiro Mundo, que abra caminho para um novo humano no lugar do velho modelo supostamente universal.

O autor se refere a um rumo que leve a sociedade a patamares em que o *Outro* possa existir, e que o objetivo não seja alcançar um modelo associado ao europeu, mas, sim, a pluralidade de existências humanas, trazendo para o centro da noção de humanismo as identidades de outros povos e etnias colonizadas, como povos indígenas presentes em todo globo terrestre, povos latino-americanos, povos não-brancos, e nações para além do ocidente.

A intelectual Lélia Gonzalez (1988b) explicita que o racismo cria uma hierarquia racial e cultural, gerando para as pessoas negras uma “natureza sub-humana”, que vai naturalizar todo um processo de exploração socioeconômica deste grupo, já que, nesta perspectiva imperialista e supremacista, negros são inferiores. Pensando a partir da experiência da América Latina, há contornos específicos:

[...] o que dizer dos outros países da AMÉRICA do sul, Central, Insular e do Norte? Por que considerar o Caribe como algo separado, se foi ali, justamente que se iniciou a história dessa AMÉRICA? É interessante observar alguém que sai do Brasil, por exemplo, quer dizer que está indo para “a América” É que todos nós de qualquer região do continente, efetuamos a mesma reprodução, perpetuamos o imperialismo dos Estados Unidos, chamando seus habitantes de “americanos”. E nós, o que somos, Asiáticos? (Gonzalez, 1988, pág. 76).

A intelectual indígena, psicóloga e doutora, Geni Nuñez (2021) também problematiza e reivindica a condição de humanidade negada aos povos indígenas, ressaltando que todo ecossistema da natureza também tem espírito, e que na relação entre humanidade e natureza não existe uma cisão:

Se, para o branco, apenas um seletivo grupo tem alma e alça à condição de humanidade, para nós, cada ser tem espírito: o milho, os rios, o vento. No contexto brasileiro, a violência contra povos indígenas não se dissocia da violência ambiental, por isso nossa luta antirracista e anticolonial não se centra apenas no humano, pois entendemos que nosso corpo é sempre uma comunidade (Nuñez, 2021, p. 72).

A intelectual também traz em suas produções a denúncia do etnocídio causado pela categoria raça no que se denomina “pardo”, enquanto estratégia de apagamento colonial. Ela adverte que “uma das estratégias do etnocídio é dizer que somos um ‘quase’ de outras raças: se de pele clara, brancos; se de pele escura, negros; nessa conta colorista, desaparecemos” (Nuñez, 2021, p. 69).

Neste mesmo sentido colonial, que nega outras existências, o pensador e escritor indígena, jornalista e ambientalista, Ailton Krenak et al. (2021), resalta a lógica que opera na América Latina, ou Abya Ayala, como chamam os povos originários:

É a razão do Ocidente imprimindo sentidos em outros mundos criando sujeitos que vão ser a imagem e semelhança dessa racionalidade que instituiu, na América Latina, a política. Essa política dos homens, a governança, política de governar, que se estabeleceu a partir do aparelho que é o Estado: são os Estados nacionais. Na América Latina, Estado nacional é Estado colonial. Não existe um Estado que não seja colonial (Krenak et al., 2021, p. 9).

Torna-se cada vez mais evidente que pensar novos humanismos passa, necessariamente, pelo rompimento com a lógica colonialista, que sustenta toda uma cadeia de opressão mundial que hierarquiza corpos e culturas, banaliza a vida e a natureza, transforma tudo em mercadoria, até que não reste nada e que prevaleça a hegemonia do mundo branco.

Colocando em diálogo Gení Núñez, Ailton Krenak, Lélia Gonzalez, Frantz Fanon e Deivison Faustino, já citados anteriormente, trago à mesa a contribuição de Tadeu Souza, José Damico e Emiliano David (2020) no artigo intitulado *Paradoxos das políticas identitárias: (des)racialização como estratégia quilombista do comum*, no qual propõem o ato revolucionário de “racializar para desracializar”. Os intelectuais, primeiramente, expõem a contradição fundamental da branquitude, ao observarem que “uma vez que cria as demais raças a partir do contraste com o branco, [...] é apresentada imediatamente como sinônimo de modelo universal de humanidade: uma raça que não é uma raça” (2020, p. 5). Dito de outra forma, a branquitude é uma raça que nega que é uma raça. Subverter essa linha de pensamento do mundo branco que se alçou ao status de humano universal, deixando de acreditar na raça como razão do mundo não equivale a “ignorar sua produção material e histórica. Racializar é, portanto, um exercício político-discursivo que mapeia essa produção negada pela branquitude” (ibidem, p. 5). Posto isso, podemos compreender que é de vital importância nomear o branco, dar-lhe um corpo, materialidade, tirá-lo da suposta universalidade e dar lugar à raça branca, afinal:

A raça branca é particular, local, histórica, contingente, tem classe, interesses e estratégias. A simples nomeação já causa um corte onde deveria haver denegação. Trata-se de gerar afetação, pois a racialização da vida precisa ser redirecionada a quem dela se alimenta, mas por ela não se afeta. Corta-se a neutralidade, a transcendência e a denegação. A linha perversa constitutiva da branquitude (Souza; Damico; David, 2020, p. 6).

Desnudar a contradição da branquitude, responsabilizá-la, racializá-la, dismantelar sua fragilidade, para então, tornar possível desracializar, não enxergar mais o humano a partir da medida da raça, não mais aprisioná-lo, coisificá-lo, diluí-lo. Vejamos o pensamento dos autores na íntegra:

Desracializar é construir um sistema-mundo que não tome a raça como medida e critério para definir as multiplicidades do humano, é quebrar as hierarquias subjetivas e materiais que sustentam as desigualdades sociais, é traçar um caminho em que as diferenças não estejam submetidas ao poder colonial (Souza; Damico; David, 2020, p. 5).

Essa reflexão encontra ressonância no pensamento de Fanon, ao clamar por um novo humanismo. Para concluir essa breve reflexão, Faustino (2022, p. 110) define que

o novo humanismo é, portanto, essa busca pela transformação concreta da própria existência, permitindo que o colonizado se perceba – na exata medida em efetivamente passa a ser – parte de uma particularidade universal.

Entende-se por “transformação da própria existência” a libertação do aprisionamento ao qual povos colonizados são submetidos, à medida que precisam provar sua humanidade para o mundo branco, bem como a afirmação do valor de sua cultura e existência, descolonizando até mesmo seu inconsciente (Kilomba, 2019).

5 SAÚDE MENTAL E RACISMO

5.1 Impactos psicossociais das desqualificações das masculinidades negras

Fazer essa discussão sobre saúde mental e racismo no Brasil, sem um mergulho profundo nas origens das desigualdades, seu passado colonial, as nuances particulares que o diferenciam do racismo de outras nações colonizadas, sem se debruçar sobre a história do negro no Brasil, atrelada à formação do país e sobre a criação da loucura atrelada ao racismo, é como olhar uma fotografia rasgada, faltando mais da metade do retrato. É como contar uma história com muitas lacunas em aberto. Necessário demarcar, portanto, o caráter antirracista, antimanicomial, anticolonialista e antimedicalizante do caminho percorrido na produção desta pesquisa, em cada escolha epistemológica, para que não haja dúvidas da essência e do propósito desta produção.

Entendemos o sofrimento psíquico como tendo uma característica psicossocial, produzida e influenciada pelo entorno e/ou contexto em que os indivíduos estão inseridos e interagem socialmente, em contraponto às teorias predominantemente biomédicas, que tendem a enxergar este sofrimento a partir da ótica biologizante e classificatória, por meio de categorias como “transtornos” e “distúrbios”. No entanto, tendo em vista a baixa produção de pesquisas sobre saúde mental da população negra no Brasil, citaremos também artigos que se referem à saúde mental a partir desta concepção de transtornos ou distúrbios.

Dentro do paradigma biomédico, há, no entanto, categorias que, de forma contraditória, reafirmam o aspecto psicossocial do suposto transtorno mental, entre eles o conceito do “Transtorno de Estresse Pós-traumático”, citado anteriormente por alguns autores e autoras. Embora seja uma categoria dentro da classificação presente no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5), esta categoria pressupõe uma forte interação com o meio ambiente, como causador do sofrimento psíquico, discutido aqui sob a ótica de transtorno mental.

Feito esse apontamento, entendido como uma armadilha da denegação do racismo e ou do possível reforço da patologização da população negra atravessada pelo racismo estrutural, tentaremos abordá-la de maneira delicada e balizada pelo posicionamento já explicitado, evitando, assim, cair nestas armadilhas que nada acrescentam para sociedade que queremos.

A revisão sistemática realizada por Jenny Rose Smolen e Edna Maria de Araujo (2017), apresentada no artigo intitulado *Raça/cor da pele e transtornos mentais no Brasil: uma revisão*

sistemática, conclui que (2017, p. 4022) “poucos estudos examinam a associação entre raça/cor da pele e saúde mental no Brasil, ou até mesmo incluem raça como uma unidade de análise”. Dos 262 artigos localizados inicialmente (sem limite de período) pela busca de palavras-chave associadas à saúde mental e racismo, apenas 14 atendiam os critérios mínimos. Se cruzarmos esses dados com a revisão apresentada anteriormente por Vigoya (2018), sobre os últimos 30 anos de estudos sobre masculinidades na América Latina, no qual ela aponta que apenas 16% da amostra de estudos abordam a saúde dos homens, podemos inferir que, quando aplicamos o recorte de gênero e raça, o campo de estudos de masculinidades negras e saúde/saúde mental ainda carece de novos estudos.

Para abordar os impactos psicossociais que o racismo é capaz de provocar na população negra, no qual daremos ênfase às experiências de homens negros, precisamos, minimamente, apreender seu sentido e alcance. Para tanto, valho-me aqui da contribuição de Prestes e Vasconcellos (2013), por trabalharem com uma definição que nos contempla:

Os efeitos psicossociais do racismo são compreendidos como efeitos relacionados ao contexto amplo de aspectos intra e interpessoais, sociais e programáticos. Dessa forma, pode-se afirmar que o racismo interfere na dinâmica psicológica individual, nas relações interpessoais familiares, afetivas, profissionais e sociais, assim como nas interações com instituições e seus serviços (Prestes; Vasconcellos, 2013 p. 2).

Assumindo essa perspectiva como eixo que sustenta nossa hipótese de investigação e ponto de partida, podemos analisar, a partir do que já foi discutido e levantado aqui por bell hooks (2019), Frantz Fanon (2008), Lélia Gonzales (1988), Neusa Santos Souza (1983), Sueli Carneiro (2005) e Maria Lucia Silva (2005), que os efeitos psicossociais deste sistema complexo de opressão, com profundas raízes sócio-históricas que afetam diretamente as dinâmicas sociais, podem ter seus efeitos sobre o psiquismo, o corpo, a forma de construção e visão de si e dos outros, a adaptação e organização de identidade, o impacto nas relações interpessoais e nas relações que se estabelecem com instituições e serviços e vice versa.

Nesse sentido, em complemento ao que Prestes e Vasconcellos (2013) apontam sobre efeitos psicossociais do racismo, é pertinente nos aprofundarmos no modelo compreensivo sobre os efeitos do racismo, estabelecido por Krieger (2003 *apud* Faro; Pereira, 2011):

Na tentativa de delinear um modelo compreensivo de como o racismo afeta a saúde, para Krieger (2003) o racismo impacta em seis dimensões: 1) Acentua a escassez de recursos econômicos e sociais; 2) Causa maior exposição a fatores nocivos e tóxicos, como por exemplo, empregos de menor qualificação e maior risco; 3) É facilitador de conjecturas sociais que provocam danos à saúde; 4) Provê inadequados cuidados e acesso à saúde; 5) Potencializa a ocorrência de experiências agressoras motivadas pela discriminação ou violência; 6) Induzem com maior frequência a autopercepção de

saúde de indivíduos expostos ao racismo como deteriorada (Krieger, 2003 *apud* Faro; Pereira, 2011, p. 275).

Esse grande combo de dimensões de impactos pode influenciar diretamente a exposição ao estresse, como apontado por Maria Lucia Silva (2002) e também Williams et al. (1997).

No cenário brasileiro, a pesquisa de Smolen e Araújo (2017) sugere que há uma prevalência de transtornos mentais maior na população negra do que na população branca. Contudo, as autoras ressaltam que tal conclusão não era universal na literatura, mas a maioria apontava nessa direção positiva. Dentre os transtornos mentais, aspectos analisados e sua prevalência, estão: transtorno de depressão, sintomas de depressão, morbidade por depressão. Aqui, a pergunta que julgamos adequada a ser feita é: por que, com base na pesquisa supracitada, a população negra em determinadas regiões do país, apresenta dados que apontam para uma prevalência de alguns transtornos mentais nos moldes biomédicos? Como o contexto social brasileiro tem contribuído para a produção do sofrimento psíquico e outros impactos psicossociais desta população? Uma vez que as autoras demarcam que (2017, p. 4026) “não existe uma relação biológica entre raça e saúde, então não tem uma base biológica para a associação entre raça e saúde mental”.

Emerge aqui a tarefa importante e cuidadosa de refletir sobre influência que o racismo, e por consequência, seus processos de desqualificação das masculinidades negras, têm sobre saúde-doença-morte da população negra, sem incorrer e reforçar a psicopatologização de corpos negros, retroalimentando estereótipos ou essencializando transtornos mentais, como inerentes a pessoas negras. A proposta é contrária a essa ideia, ou seja, trata-se de demarcar o peso que o racismo tem como principal produtor de iniquidades em saúde/saúde mental, e é isso que esse conjunto de dados sugere.

Retomemos o ponto de afirmação de que o racismo e o sexismo inscrevem masculinidades negras em uma encruzilhada entre a periculosidade e o desejo sexual, ambos arquitetados e empreendidos pelo mundo branco. Seguindo o sentido empregado por David, Villas-Bôas e Moreira (2021, p.75), compreendemos *encruzilhada* como sendo “esse lugar de decisão, de possibilidade, de encontro, entroncamento, distanciamento, conflito, de impasse e também de perigo”. Esses impactos são oriundos dos aspectos intersíquicos e sociais, principalmente fantasias coloniais da branquitude recaindo sobre corpos de homens negros, empurrando-os para essa encruzilhada potencialmente prejudicial, para não dizer mortal, limitando suas oportunidades, minando suas possibilidades de ser, contribuindo diretamente para a formação de estereótipos negativos sobre homens negros.

Considero um reflexo grave destes impactos psicossociais do racismo, responsáveis pelas desqualificações das masculinidades negras, o dado estatístico divulgado em 2019 pelo Ministério da Saúde, de que o índice de suicídio de jovens negros do sexo masculino, entre 10 e 19 anos, foi 50% maior de que o observado entre jovens/homens brancos da mesma idade (Figueiredo, 2019). Destaca-se, também, um crescimento de 45%, entre jovens negros de 10 a 29, sobre a chance de cometerem suicídio. Não obstante já ser um dado alarmante, o suicídio entre jovens brancos e negros, temos que indagar: por que, estatisticamente, o dobro de jovens negros entre 10 e 19 anos, uma idade onde a vida adulta mal se iniciou, é vítima de tanto sofrimento psíquico, a ponto de optarem por findar a vida, como forma de pôr um fim ao sofrimento, concebendo, assim, a morte como sendo melhor do que a vida que tinham? Seria esta, uma forma de resistência aos horrores do mundo branco, como faziam nossos antepassados escravizados (Maestri, 1994)?

Acerca desta indagação, Lucas Veiga (2021) tece uma reflexão que creio ser um caminho para uma resposta possível e plausível. Uma resposta que demarca quem é responsável pela produção desse sofrimento psíquico e pela inviabilização de vidas negras, e o nomeia como *mundo branco*. Ele afirma (2021, p. 114) “a vontade de morrer não é nossa, é desse mundo. É o mundo branco que deseja nossa morte, que deseja perpetuar-se por meio do privilégio de poucos em detrimento de muitos”. Assumindo esse pensamento como verdade, penso que o suicídio destes milhares de jovens negros de 10 a 19 anos é resultado desta política sistemática que insiste em inscrever a população negra no signo de morte, um projeto pertencente a necropolítica (Mbembe, 2020).

A importância do tema e a denúncia para que o Estado e a sociedade olhem para esta violência com a devida atenção, tem se mostrado presente nos esforços coletivos de entidades e instituições ligadas à defesa dos direitos humanos de todas as pessoas, e, mais especificamente, também ao cuidado da saúde/saúde mental da população negra. Estas tem produzido campanhas com o objetivo de mobilizar e conscientizar a sociedade acerca do racismo e da saúde mental. Como exemplo destes esforços, destaco as campanhas lançadas em 2020, com o tema *Saúde Mental da População Negra IMPORTA!*²⁰, e em 2021, *A Juventude Negra, quer Viver, Sonhar, Estudar, Planejar!*²¹, com um papel fundamental na mobilização da sociedade em torno da luta antirracista. Em 2023, foi a vez do lançamento da campanha *Democracia e saúde mental sem racismo: Queremos bem viver*²², apresentada no 6º Congresso

²⁰ Conselho Federal de Psicologia (2020).

²¹ Ribeiro (2021)

²² ANPSINEP (2022).

Brasileiro de Psicologia: Ciência e Profissão, por integrantes da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) – Anpsinep, Vejamos um trecho da leitura de seu manifesto no lançamento:

Nosso esperar caminha lado a lado com o direito de existir em muitas dimensões, social e politicamente. Somos mais que um dado ou um recorte de raça. Somos trabalho, assistência social, economia, previdência, meio ambiente. Queremos mais que uma participação política reduzida à raça. Queremos existir e participar das decisões políticas desse país. Queremos respeito e dignidade. Queremos bem viver! A Psicologia por meio do seu ecossistema de entidades e pessoas deve assumir o compromisso efetivo com a defesa do bem viver (Anpsinep, 2022).

O trecho supracitado, faz parte do manifesto da campanha 2022/2023, que tem como mote “Queremos bem-viver”, em meio a uma conjuntura de graves aviltamentos dos direitos humanos, que atinge diretamente a população negra. É evidente que cada uma das campanhas chamava atenção para os diversos impactos psicossociais que afetam a saúde mental de negros e negras brasileiras e que são negligenciados no tecido social, nas instituições, políticas públicas e pelo Estado.

Posto isso, esperamos ter fornecido um panorama para sustentar nossa hipótese inicial, que ainda será melhor investigada através das entrevistas que se seguem. Além disso, esperamos também termos produzido insumos que contribuam e apontem para a necessidade de pesquisas futuras acerca dos impactos psicossociais do racismo e suas intersecções de gênero, raça, classe e orientação sexual.

6 MÉTODO

Esta produção científica foi desenvolvida no bojo da linha de pesquisa “Desigualdades e Diferenças no Contemporâneo”, do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana, da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), *campus* Sorocaba. Linha esta que, de acordo com sua proposta, “pretende analisar de modo interdisciplinar as condições humanas na contemporaneidade e a reprodução ou as possibilidades de mitigação das desigualdades tendo em vista os marcadores das diferenças.”²³

Considerando que os marcadores sociais de raça, gênero, classe e orientação sexual, são intersecções que se imbricam, tecendo uma verdadeira rede de possíveis identidades políticas e sociais distintas, o estudo de homens negros e a produção de suas subjetividades no campo das masculinidades, ganham novos contornos de interesse de investigação que nos motivaram a avançar nesta direção.

A presente pesquisa se realizará por meio de uma abordagem da investigação qualitativa. É fundamental caracterizar este conceito de acordo com Minayo (2010, p. 57), que o define como “[...] aquele que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem”. A autora explica que, por meio deste método, é possível desvelar os processos sociais ainda pouco conhecidos sobre determinados grupos, além de favorecer a construção de novas abordagens e até viabilizar a revisão e criação de novos conceitos.

Algumas autoras inspiraram a forma de produzir e conduzir esta pesquisa. A principal delas é Grada Kilomba (escritora, psicóloga, teórica e artista interdisciplinar portuguesa), intelectual estudada no grupo de pesquisa “Saúde Mental e Racismo” da UFSCar, conduzido pelo orientador deste estudo. Em *Memórias da Plantação: Episódios do Racismo Cotidiano*, Kilomba (2019) opta por utilizar entrevistas não-diretivas, baseadas em narrativas biográficas, para acolher e observar o fenômeno do racismo cotidiano na vida de mulheres negras. Kilomba faz o uso do método da *análise episódica*, assim chamado pela autora, que “descreve os diferentes contextos nos quais o racismo é performado, criando uma sequência de cenas do racismo cotidiano” (Kilomba, 2019, pág. 88), tornando possível a revelação da presença ininterrupta do fenômeno na vida dos indivíduos e sua complexidade.

²³ Trecho da descrição publicada e disponível no site da UFSCar, no Programa de Estudos da Condição Humana. Disponível em: <https://www.ppgech.ufscar.br/pt-br/o-programa/linhas-de-pesquisa>

Desta maneira, faz sentido pensar que, para investigar os impactos psicossociais no processo de desqualificação social que os homens negros enfrentam, assim como se haveria influências no processo de subjetivação e construção destas masculinidades, a análise episódica pode oferecer um método de análise que contemple os objetivos da pesquisa.

Em sua forma de análise, Kilomba (2019) estabelece uma ponte entre a psicanálise e o pós-colonialismo, baseada em uma interpretação fenomenológica, tal qual Fanon (2008) empreende sobre colonialismo e racismo. Estas práxis fanonianas fornecem um quadro sistemático para análise de traumas cotidianos e seus impactos para as subjetividades. No âmago dessa teoria, a análise se volta para políticas de “raça” e de gênero dentro de um esquema colonial, seu funcionamento e estratégias políticas de descolonização. Dessa forma, o caminho escolhido por Kilomba é voltado a evidenciar experiências individuais e sua conexão com a memória histórica e coletiva.

Na prática, para interpretar os eventos e experiências relatadas em entrevista, a intelectual (ibidem, p. 91) se vale da comparação entre as narrativas que surgem e outros casos relevantes, para então “avaliar a probabilidade de um determinado evento ser um exemplo de racismo”, como também o uso de teorias anteriores ou expectativas sobre racismo para corroborar com sua interpretação (Kilomba, 2019).

Assim como a intelectual, propôs-se aqui um caminho idêntico de análise para vivências contadas biograficamente por homens negros, sendo selecionados excertos das entrevistas que não seguem um modelo técnico predefinido, mas que evidenciam as multifacetadas das manifestações racistas e também as formas diversas de reação a cada uma delas, considerando que “não há um modelo normativo que descreva os passos ideais envolvidos numa análise de dados sobre o racismo cotidiano” (Essed, 1991 *apud* Kilomba, 2019, p.88).

Para garantir um fazer ético e sensível a narrativas sistematicamente marginalizadas e apagadas de homens negros, esta pesquisa também se caracteriza enquanto uma investigação antirracista, o que significa que alguns cuidados específicos balizaram esta produção:

A investigação anti-racista coloca os minoritizados no centro da análise ao centrar-se nas suas experiências e na “simultaneidade das [suas] opressões” (Brewer, 1993, p. 16). O propósito da investigação é o de compreender a opressão social e de que modo ajuda a construir e constranger identidades (raça, gênero, classe, sexualidade), tanto externa como internamente, através de processos de inclusão e de exclusão. As pessoas de cor (por exemplo, as mulheres negras) experienciam a opressão de um modo que é diferente tanto em substância como em intensidade. A investigação anti-racismo não tem que ver com a circunstância de alguém se localizar ou situar nas experiências vividas de outra pessoa, mas antes com uma oportunidade para o(a)

investigador (a) abraçar criticamente a sua própria experiência como parte da procura do conhecimento (Dei; Johal, 2008, p. 10).

Os autores chamam atenção para a importância destes sujeitos que serão estudados como centro da análise - não apenas como objetos e sujeitos que entregam relatos crus, e sim como teóricos de suas próprias vidas, - e, do outro lado, investigadores que não apenas capturam informações e interpretam, distantes dos sujeitos, mas que sobretudo não reproduzam situações coloniais de poder. Essa forma de investigação se enquadra enquanto anticolonial (Dei; Asgharzadeh, 2001 *apud* Dei; Johal, 2008).

Foram entrevistados quatro homens negros dentro da faixa etária de 18 a 60 anos. Os critérios de seleção inicialmente tinham como premissa homens negros que tivessem passado por um processo de psicoterapia, compreendendo que estes sujeitos já teriam tido a oportunidade de refletir sobre a construção das masculinidades negras e o sofrimento psíquico causados por discriminações racistas. Contudo, ao longo do caminho de realização das entrevistas, percebeu-se que homens que não tiveram esse acesso de cuidado com a saúde mental por meio da terapia possuem outras estratégias e formas de elaboração e percepção de suas vivências, por meio de outros recursos que também podem ser terapêuticos (como grupos sociais, literaturas, filmes e séries, amigos e familiares). Dessa maneira, o critério de exclusão do participante ter passado por psicoterapia foi reconsiderado.

As entrevistas ocorreram todas por meio de videoconferência online, entre meados de fevereiro e abril de 2023, utilizando a captação de áudio para que fosse possível a transcrição das mesmas. A duração de cada uma teve em média 1h e 30 minutos, mas não havia um tempo limite de duração; a variação se deu conforme as respostas contemplavam as propostas de temas abordados e/ou notava-se a necessidade de um aprofundamento na investigação.

As transcrições das entrevistas realizadas até o momento foram literais, por meio de aplicativos de transcrição de áudio em textos, com uma alta taxa de captação e registro fidedigno na composição dos diálogos, mas não dispensaram o trabalho de revisão e correção de termos próprios das gírias comuns nas periferias do Brasil. A forma de diálogo e escolha das palavras tais como foram faladas pelos entrevistados foram preservados, sem correções ortográficas.

A seleção dos excertos parcialmente selecionados e apresentados na pesquisa, seguem a identificação de situações racistas e estressoras nas narrativas autobiográficas dos entrevistados, que encontram ressonância nos fundamentos teóricos selecionados sobre os temas de saúde mental, gênero e racismo.

Com alguns dos entrevistados eu já havia estabelecido algum vínculo social anteriormente, seja por participarem do grupo de masculinidades ou por, em algum momento da vida, ter tido um contado de amizade. Essa aproximação mobilizou um conforto e segurança psicológica em relatarem experiências delicadas e pessoais. Grada Kilomba (2019), na contramão do distanciamento tradicional dos entrevistadores, emocional, social e politicamente, acredita que ser uma pessoa “de dentro”, investigar pessoas do seu próprio grupo social, produz uma base valiosa para realização de pesquisas que trazem o sujeito para o centro da análise. Ou seja, o fato de eu ser um homem negro, entrevistando outros homens negros, possivelmente contribuiu para um diálogo fluido, com pouco ou nenhum receio de julgamento, desconhecimento, ou sentimento de vitimização por parte do entrevistador para com os entrevistados. Williams e Mohammed (2009), apontam que estudos recentes revelam o impacto da raça do entrevistador em inibir pessoas negras em relatar suas crenças e vivências relacionados à raça com entrevistadores brancos.

Os participantes foram esclarecidos sobre a pesquisa e convidados a participar confirmando sua participação mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Também foram informados de que, em qualquer hipótese ou tempo, teriam total liberdade de interromper o processo de entrevista ou a recusa de responder sem qualquer constrangimento. Nenhum entrevistado manifestou desconforto ou recusa em responder qualquer uma das perguntas realizadas.

Para a preservação das identidades de cada participante desta pesquisa, utilizaram-se nomes fictícios para se referir a cada entrevistado, igualmente para os nomes de personas que eventualmente foram citadas em seus relatos.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) - UFSCar, em nome de seu autor Daniel Amâncio de Oliveira, sob o número de parecer 5.909.653, e CAAE 66097722.5.0000.5504, vide anexo disponível no final da pesquisa.

7 RESULTADOS

7.1 Apresentando os sujeitos desta pesquisa

Nessa subseção, é feita uma síntese de apresentação de cada entrevistado, contendo informações sociodemográficas e uma contextualização a partir das narrativas, que localizam melhor o leitor e a leitora para conhecimento da pessoa entrevistada. No início de cada apresentação, escolhi trazer um excerto da entrevista que, dentre muitas partes importantes, captura particularidades sobre as vivências de cada um destes homens negros e suas masculinidades.

Os participantes desta pesquisa tiveram seus nomes, e os nomes de eventuais personagens presentes em seus relatos, substituídos por nomes fictícios e ou utilização de iniciais apenas, para preservação da identidade de cada pessoa. São eles: *Will, Michael, Ícaro e Lázaro*.

Apresentação do participante Will:

[...] esse aí para derrubar só na bala (Will)

Trecho do relato em que o participante Will conta o que ouviu de um profissional de segurança institucional, gratuitamente.

Já nos conhecíamos dos encontros do grupo de masculinidades negras. Certo dia, expliquei sobre minha pesquisa que estava sendo desenvolvida no mestrado e o convidei para ser entrevistado. Will aceitou na mesma hora e agendamos uma data para as semanas seguintes. Foi num sábado à tarde que nos encontramos, de forma online, e realizamos a entrevista de maneira fluida e tranquila. Conversamos por cerca de duas horas.

Will é um homem negro, cis-heterossexual, de 33 anos, alto, natural do Rio de Janeiro, graduado em administração, possui identificação com as religiões de matrizes africanas, pai de duas crianças negras e casado com sua esposa, D.

Fez e faz psicoterapia com psicólogo negro e participa de um grupo de homens que dialogam sobre masculinidades negras, por indicação do seu terapeuta.

Will cresceu sem pai. Foi criado por sua mãe e sua avó. Conta ter sido uma criança tímida, um adolescente tímido, a ponto de não sorrir para fotos, até que, na fase adulta, incorporou o estereótipo do “negão”, contando as coisas boas e ruins de se enquadrar dessa maneira.

Tratou-se de uma entrevista muito robusta e importante para a análise dos impactos psicossociais de ser um homem negro, conforme mostram os excertos mais relevantes nas seções a seguir.

Apresentação do participante Michael:

Eu tenho do lado hétero, vamos dizer sim, eu tenho que ser o cara que samba, que fode gostoso e que é pauzudo. Do lado gay. Eu tenho que ser sempre o ativo. E o pauzudo também, né? (Michael)

Trecho da entrevista em que o participante fala dos atravessamentos de sua masculinidade negra.

O convite para Michael foi via rede social, não nos conhecíamos anteriormente. Boa parte do conteúdo profissional que produz para as redes sociais é dedicado às discussões raciais, gênero (masculinidades) e sexualidade. Isso, provavelmente, chamou a atenção do entrevistado de maneira positiva, pois representaria um espaço de escuta, uma oportunidade de falar si e de vivências de um homem negro, sem ser julgado. Expliquei a proposta da minha pesquisa no mestrado e o convidei para participar. Michael também aceitou no mesmo momento e na mesma semana agendamos nossa entrevista.

O entrevistado é um homem cis²⁴, negro, bissexual, de 40 anos, vivendo atualmente no estado de Minas Gerais. Frequenta terreiro de candomblé de Angola, tem ensino superior completo, é empreendedor no ramo de bar e restaurante. A entrevista relata que seu estabelecimento é afrocentrado, para que a cultura afro e os clientes negros se sintam pertencentes, mas todas as pessoas são bem-vindas.

Michael é filho de militar, sua mãe era servidora pública, teve uma infância tranquila, com um certo conforto financeiro para estudar em colégio particular, embora perceba que passou por preterimentos que o marcaram por não atingir um padrão de beleza. Teve uma vida participativa na igreja, chegou a fazer música sacra em um Seminário Teológico.

O que é bastante demarcado em seus relatos são as intersecções de sua orientação sexual e de sua raça, a construção de uma masculinidade negra que precisava performar uma heteronormatividade que nada tivesse de feminilidade, para não ser desqualificada. Mesmo podendo vivenciar relações homoafetivas, havia uma série barreiras a serem rompidas, como o lugar do homem que dança e faz movimentos femininos.

²⁴ Uma pessoa cis é aquela que nasceu com sexo biológico que lhe foi designado ao nascer. Ver Ferreira (2022).

Também houve atravessamentos, sobretudo no mundo profissional, em que por ser preto, o racismo criou barreiras e o coloca, até hoje, diante de situações violentas e desanimadoras.

A entrevista foi muito rica e importante para a análise dos impactos psicossociais de ser um homem negro e observar as intersecções que corpos pretos podem carregar, como veremos a seguir.

Apresentação do participante Ícaro:

O meu maior plano de vida foi chegar aos 30. Entendeu? Isso eu tive quando eu tinha 7 anos, mano. Tipo, eu tinha 7 anos lá, távamos na merda, tinha a maior fome do mundo, comia a grama no chão [...] Meu foco é chegar até os 30. Quando que não, tenho 33, já!? Então, o meu maior plano de vida, meio que se realizou, já (Ícaro).

Trecho da entrevista do participante Ícaro.

Considero muito importante esse excerto do participante Ícaro, pois quando analisamos que, no Brasil, a maior taxa de vítimas de homicídios se dá entre jovens negros de 15 a 29 anos (Bond, 2020), chegar aos 30 anos significa ter sobrevivido e superado as estatísticas.

O convite para Ícaro se deu via whatsapp. Nos conhecemos durante o início da adolescência (12/13 anos), depois, praticamente não tivemos mais contato. Mas já naquela época, eram recorrentes falas e brincadeiras que remetiam a nossa condição de sermos negros, viver na periferia e enfrentarmos a falta de dinheiro. Foram estas memórias que despertaram interesse em ouvir o que Ícaro tinha a dizer sobre a construção de sua masculinidade negra já na vida adulta.

Expliquei que estava desenvolvendo uma pesquisa no mestrado sobre esta temática e Ícaro também topou sem pestanejar. Logo nos encontramos de forma on-line e tivemos uma longa conversa também, por cerca de duas horas ou mais.

Ícaro é um jovem cis negro, heterossexual, de 33 anos, nascido e criado na periferia de Campinas-SP, nunca teve pai, viveu cerca de 12 anos com sua mãe, que engravidou dele bastante jovem, com 17 anos. Sua infância, como ele relata, foi uma “merda”, passou muito tempo morando com outras pessoas, parentes, chegou a morar na rua, passou fome, maus tratos, viu pessoas morrerem na sua frente, não pôde estudar plenamente, o objetivo era sobreviver, sozinho e sem rede de apoio.

Sua trajetória é bastante marcada pelo olhar das outras pessoas, como as pessoas o viam, como ameaçador, possível bandido, estereótipos que eram criados a partir de sua origem periférica e a cor de sua pele.

Ícaro tem diversos atravessamentos de racismos no âmbito pessoal, institucional e estrutural, que evidentemente o impactaram desde a infância até a vida adulta. É evidente a quantidade de esforços que o entrevistado fez, ao longo da vida, para driblar cada um deles, mesmo que talvez ele não tenha consciência total e elaborada acerca disso.

O participante nunca fez terapia com psicólogo, ou teve aproximações com coletivos ou pessoas com quem pudesse refletir com profundidade sobre racismo, masculinidades negras e saúde mental. Contudo, considero sua autobiografia relatada uma das mais importantes para a análise de impactos psicossociais. Esta entrevista me fez, ao longo do processo de investigação e construção da pesquisa, reconsiderar este critério de exclusão sobre ter passado ou não por psicoterapia. Ícaro, teve outros recursos e estratégias para refletir sobre sua própria trajetória, e compreender que ser um homem negro e periférico lhe atravessou e atravessa de diversas formas.

Apresentação do participante Lázaro:

[...] eu fui deslocado desse lugar de não estar mais no lugar da vítima em maior potencial, mas fui colocado automaticamente no lugar do agressor em potencial, que é onde as pessoas se afastam de mim na rua (Lázaro).

Trecho da entrevista do participante Lázaro, ao explicitar sobre sua transição de um corpo lido enquanto feminino e negro, para o corpo de homem negro transmasculino, sua percepção de passar de vítima para ameaçador, devido a transição do gênero.

Já nos conhecíamos por frequentarmos o grupo de masculinidades negras. Em uma destas oportunidades, fiz o convite para Lázaro participar da minha pesquisa do mestrado. Expliquei detalhadamente a proposta e por acreditar que seu depoimento seria bastante rico para minha produção e análise, Lázaro aceitou o convite e logo nos encontramos de forma online.

O participante é um homem trans, negro, pansexual, de 29 anos, mestrando. Cresceu em uma família de baixa renda, com sua mãe e seu padrasto. O reconhecimento racial veio com o tempo, conforme o avanço de seus estudos. A questão de classe estava anteriormente muito mais perceptível na sua visão.

Seus relatos também são marcados pela intersecção de gênero, por ter sido socializado como sendo do gênero feminino a maior parte de sua vida, e pela classe social, devido a sua condição de baixa renda.

Lázaro já passou por terapia, relata ser uma pessoa neurodiversa, outro marcador social que também se imbrica com os impactos psicossociais de suas outras características.

As transmasculinidades, negras, sobretudo, são ainda pouco discutidas. Por isso, esta narrativa autobiográfica traz contornos importantes para analisarmos a construção das masculinidades negras.

7.2 Análise dos casos

As narrativas dos 4 entrevistados foram transcritas na íntegra, compondo um material de análise extenso. Após a revisão, apuração e correção das falhas e limites da ferramenta de transcrição, as entrevistas foram lidas e analisadas com base nos pressupostos teóricos até aqui explorados, tanto quanto sob a análise episódica, que antecipadamente já tornou possível o estabelecimento de sete temas: (1) percepções sobre ser um homem negro; (2) atravessamentos na infância; (3) percepções da autoimagem, autoestima e estética; (4) atravessamentos no trabalho, acesso e finanças; (5) saúde mental e violência; (6) perspectivas de futuro; e por fim, (7) estratégias de enfrentamento.

Em tempo, é pertinente retomar que as separações em temas buscam contemplar as dimensões citadas no esquema pensado por Krieger (2003), que, resumidamente, passa pelos seguintes aspectos: escassez de recursos econômicos e sociais; exposição a fatores nocivos e tóxicos (empregos de menor qualificação); conjecturas sociais que provocam danos à saúde; cuidados e acesso à saúde prejudicados; possibilidade de experiências agressoras motivadas pela discriminação ou violência; e possibilidade da autopercepção de saúde deteriorada. Mas não apenas, os temas também buscam captar as possíveis interferências na dinâmica psicológica individual e relações interpessoais (familiares, afetivas, profissionais e sociais), conforme apontam Prestes e Vasconcellos (2013).

Tratam-se de campos importantes que atendem os objetivos da pesquisa e apontam impactos psicossociais importantes para a construção da subjetividade do homem negro no cenário brasileiro.

7.3 Discussão dos resultados

Nesta subseção, apresentamos os temas que concentram os âmbitos explorados e as descobertas em cada narrativa biográfica. Para isso, em alguns momentos a análise também foi inspirada por uma psicanálise que reflete as praxis fanonianas, para estabelecer as observações sob um quadro sistemático capaz de interpretar traumas cotidianos e outros impactos nas subjetividades. Outras fundamentações teóricas de autoras e autores poderão ser utilizadas, na explicação e análise destes fatos, sob olhares multidisciplinares que também dialoguem com a teoria pós-colonial, políticas de raça e gênero. Observado também que esta própria pesquisa é desenvolvida em um programa interdisciplinar, fomentando a ponte entre teorias que abarcam filosofia, psicologia, psicanálise, sociologia e antropologia, direito, entre outras áreas abrangentes da saúde, saúde mental e educação. A discussão também contará com argumentos de análise do autor desta pesquisa, dialogando com os demais pensadores e pensadoras.

7.3.1 Percepções sobre ser um homem negro

Todos os entrevistados possuem uma visão sobre a própria identidade enquanto homem negro, com um demarcado atravessamento social do racismo, que denuncia um dos principais impactos psicossociais, diretamente em sua subjetividade. Tais percepções surgem em suas narrativas, ao longo das entrevistas aplicadas. Neste sentido, Mbembe explicita o seguinte pensamento:

Supõe-se que “negro” seja também e acima de tudo um nome. Aparentemente, todo nome abarca uma sina, uma condição relativamente genérica. “Negro” é portanto o nome que me foi dado por alguém. Não o escolhi originalmente. Herdo esse nome por conta da posição que ocupo no espaço do mundo (Mbembe, 2018, p. 263).

O autor argumenta que “negro” é uma atribuição que tem origem na percepção e demarcação do outro, o branco que o nomeia. Vejamos o que apontam os relatos a seguir:

[...] eu posso dividir essa resposta em dois momentos, né, o primeiro momento é o que me foi apresentado que poderia ser um homem negro, que caberia ser um homem negro, que é todo aquele estereótipo de homem sexualizado, sem muita responsabilidade, sempre em subempregos ou no ramo militar e um cara que não conversa, um cara que não mostra fragilidade, um cara que não tem sentimentos, um super soldado, o mais viril de todos, que não pode nunca falhar, né, e que é sempre violento, parte sempre dessa linguagem da violência, e esse no primeiro momento, antes de eu me tornar pai, antes de eu pesquisar e participar de grupos pra discutir masculinidade com outros os homens. Hoje, ser um homem negro é ser consciente de

tudo isso que já foi pré-estabelecido e criar uma identidade a partir, apesar de tudo isso, né, hoje pra mim ser um homem negro é acordar todo dia sabendo que eu vou sofrer; vou sofrer no caso de identificar uma situação racista ou misógina e ter que me colocar o tempo todo, acho que por aí vai, muito mais coisa, né [...] (Will)

Nota-se que Will apresenta uma visão de si, já com uma análise de temporalidade, “eu posso dividir essa resposta em dois momentos”, dito de outro modo, o entrevistado, que já passou por um processo de psicoterapia com psicólogo e frequenta grupos voltados à discussão sobre masculinidades negras, pode apresentar uma organização da percepção de si mais elaborada, inclusive com comparações de estereótipos sociais negativos e seu processo de desvinculação deles, o que aponta que ele já teve a oportunidade de refletir sobre sua identidade e sua trajetória anteriormente, com mais profundidade, criticidade e escuta.

Fazendo uma breve avaliação mesmo, é resiliência. Sabe essa capacidade da gente estar resistindo, se adaptando em todos esses ambientes que a gente permeie (Michael).

Michael refere-se a ser um homem negro como um processo atrelado à necessidade de adaptação e resiliência para conseguir participar da vida. Tal definição nos permite a suposição de contextos em que sua presença não passa despercebida, sem certas dificuldades ou atravessamentos. Nesse sentido, pode-se analisar a afirmação de Fanon (2008, p. 107): “eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse”, tal afirmação parece encontrar ressonância na definição de Michael, pois aparentemente o mundo amputa sua participação plena, sendo necessário resiliência e ter que se adaptar a uma realidade para caber-lhe.

Honestamente, eu não me vejo diferente de ninguém. Entendeu? Mas a sociedade me vê diferente, né? Porque eu sou negro, né? Mas eu não vejo isso como... Como algo pejorativo, algo que é menos, nem nada. Mas eu me considero um... Eu sou um homem foda pra caralho! Assim, baseado no... Em tudo que eu vivi. Então, tipo... Eu não costumo nem, tipo, utilizar isso algo como... Exaltar esse tipo de coisa, só eu. Mais ou menos é isso, entendeu?

Tipo, quem olha pra mim, quem olha meu perfil, não acha que eu sou um cara nerd, um cara que entende das coisas, tem um conhecimento. Então, sempre vai ver o negro estereótipo criminoso (Ícaro).

Ícaro por sua vez, reivindica sua própria noção de humanidade, uma noção que não o torna diferente de ninguém, ele afirma “eu não me vejo diferente de ninguém, entendeu?” e continua, “mas a sociedade me vê diferente, é? Porque eu sou negro”. Acerca de sua explanação, vejamos o que Fanon (2008, p. 126) reflete: “sinto-me uma alma tão vasta quanto o mundo, verdadeiramente uma alma profunda como o mais profundo dos rios, meu peito tendo uma

potência de expansão infinita. Eu sou dádiva, mas me recomendam a humildade dos enfermos”. Seu pensamento faz referência a uma própria noção de humanidade, universal como todas as outras, “tão vasta quanto o mundo”, contudo lhe recomendam a humildade dos enfermos, dito de outra maneira, lhe recomendam uma posição de um ser que está em uma pior condição de existência. Este também é o dilema inicial de Ícaro, contudo, ele também afirma não ver “isso” como algo pejorativo, ele afirma “eu sou um homem foda pra caralho!”, recusando essa essencialização da inferioridade que lhe é apontada. Ícaro “racializa”, nomeando seu algoz como “a sociedade” (o mundo branco), para desracializar, recusa “raça” para quebrar a noção de hierarquias sociais e reivindicar sua noção de humanidade, sem negar a existência do racismo.

Mesmo com o atravessamento do racismo, Ícaro apresenta boa autoestima, se vê como uma pessoa inteligente, possui uma imagem positiva de si, se acha um homem “foda pra caralho”.

No trecho seguinte de sua narrativa, aparece “quem olha para mim... não acha que eu sou um cara nerd, que entende das coisas”, e continua “sempre vai ver o negro estereótipo criminoso”, o que confirma seu reconhecimento da existência do racismo que lhe atravessa.

A narrativa do entrevistado resgata a visão discutida ao longo da pesquisa, que os estereótipos negativos, criados historicamente, são mantidos no consciente e inconsciente da branquitude, suas fantasias coloniais que produzem olhares dissecam (Fanon, 2008) corpos negros.

Ser um homem negro, preto, pra mim, foi um processo de compreensão dessa questão da racialização. Não que eu tivesse alienado disso na sociedade, mas na minha família foi uma coisa que era tratado meio que de forma horizontal. Nunca teve, eram mais questões políticas nos sentidos partidários do que nos sentidos, tipo, políticas sociais, essas coisas.

Passei por uma etapa de me entender primeiro como uma pessoa não branca, porque eu tive que perceber a minha diferença com as outras pessoas brancas.

eu fui deslocado desse lugar de não estar mais no lugar da vítima em maior potencial, mas fui colocado automaticamente no lugar do agressor em potencial, que é onde as pessoas se afastam de mim na rua.

Então, tipo, pra mim, ter uma consciência de ser um homem preto veio junto com, sei lá, o avanço dos meus estudos, sabe? E aí, outras consciências veio junto com isso, tal qual a minha consciência de gênero, minha consciência pessoal de sexualidade, que também vai ser atravessada por essas questões sociais.

Porque como uma menina, eu não tinha um lugar válido entre os meninos. Tipo, só não tinha mesmo. Eu era Maria João, macho fêmea, ou qualquer desses apelidos, eu acho que eu tive todos eles, porque eu gostava de brincar, de correr entre os meninos.

Eu gostava das brincadeiras mais agitadas do que as das meninas. E eu não tinha muito lugar entre as meninas [...] (Lázaro).

Na narrativa de Lázaro, o entrevistado aponta como o processo de tornar-se negro aconteceu tardiamente. Estavam mais latentes as intersecções de classe e gênero na sua vivência e percepção. Segundo Neusa Santos Souza (1983), saber-se negro não é uma condição dada, é um vir a ser. Tornar-se negro, portanto, é um processo que passa pela tomada de consciência ideológica sobre os discursos míticos que a sociedade constrói sobre negros, para então ter uma possibilidade de criar uma nova consciência que reafirme sua dignidade e uma noção construída a partir do próprio sujeito.

No Brasil, devido ao racismo “à brasileira”, conforme discutido por Lélia Gonzalez (1988), a criação do mito da democracia racial e a própria denegação do racismo, se torna um campo fértil para a alienação da população negra, principalmente, e também da população branca, acerca da consciência racial e do racismo estrutural que opera na sociedade.

O trecho que se segue, “passei por uma etapa de me entender primeiro como uma pessoa não branca, porque eu tive que perceber a minha diferença com as outras pessoas brancas”, nos remete ao pensamento estabelecido por Oracy Nogueira (2006), sobre o preconceito de marca. Lázaro, por não ter a pele retinta, ficou em um limbo entre reconhecer que suas características não o enquadravam como uma pessoa branca, e também não serem suficiente para que fosse considerado negro. Somente após os estudos das relações raciais, é que esse reconhecimento foi assimilado.

Sua percepção sobre ser um homem negro, ganha outros contornos, pois Lázaro foi socializado como uma menina a maior parte de sua vida, hoje sendo um homem trans negro. Tal condição, também o colocou em uma encruzilhada na infância, ele afirma “como uma menina, eu não tinha um lugar válido entre os meninos” e continua “e eu não tinha muito lugar entre as meninas”. O entrevistado não localizava um pertencimento nem entre os meninos e nem entre as meninas, isso denota uma subjetivação sob um não-lugar.

É válido destacar que a sociabilização ganha um outro adicional, refiro-me a periculosidade que antes não existia. Ele afirma: “eu fui deslocado desse lugar de não estar mais no lugar da vítima em maior potencial, mas fui colocado automaticamente no lugar do agressor em potencial, que é onde as pessoas se afastam de mim na rua”. Dito de outra maneira, tornar-se homem negro, veio junto com tornar-se perigoso, ameaçador, encontrando reflexo com diversos estereótipos que foram levantados nesta pesquisa.

Percebo um imbricamento das intersecções de raça, classe e gênero, que pode acentuar essa experiência de não pertencimento. Vejo semelhanças neste fenômeno, no pensamento de Lucas Veiga (2019), que analisa intersecções similares entre homens negros e gays, experiência que ele determina como uma “segunda diáspora”, compreendida como uma metáfora de deslocamento identitário de não pertencimento, pois sendo garotos homossexuais, não encontram lugar entre os meninos (heterossexuais normativos) e também não encontram aceitação em sua própria comunidade (negra), família e nos movimentos negros. No caso de Lázaro esse impasse aparece a princípio entre identidade de gênero e raça.

Talvez as leitoras e leitores se perguntem: por que segunda diáspora? A resposta é que primeira diáspora refere-se à experiência compulsória da saída de África, para viver em um país antinegro e não se sentir pertencente. Dito de outro modo, é ser subjetivado sob essa experiência de deslocamento para este lugar de não pertencimento, carregar a memória corporal dos horrores da escravidão, e viver uma cultura que não é sua originalmente.

É possível que Lázaro vivencie uma terceira diáspora, ou melhor dizendo, um terceiro deslocamento identitário para este lugar de não pertencimento. A primeira, a partir de vivência em país antinegro, ao qual seus antepassados foram trazidos compulsoriamente, a segunda, por se ver em determinado momento entre ser negro ou não ser negro, pertencer ou não a este grupo, a terceira seria a partir do não pertencimento de gênero entre as cisnormatividades. Quem sabe exista ainda um quarto possível deslocamento, pois, como já mencionado na sua apresentação, sua orientação sexual também é dissidente das normatividades. Por ser pansexual, Lázaro pode não encontrar aceitação da comunidade heterossexual, ou seja a LGBTfobia.

7.3.2 *Atravessamentos na infância*

Quando meu pai descobriu que minha mãe tava grávida, acabou ali a relação. E eu já nasci separado. E eu vim conhecer meu pai com 13 anos. Sempre foi separado, sempre foram duas coisas. E aí, era sempre muito humilhante pedir grana pro meu pai, ele sempre deixava isso de uma coisa bem pesada, bem ruim mesmo, de passar por aquele momento. Então, eu fui criado numa sevirologia.²⁵ (Will)

A discussão sobre paternidade negra precisa de uma análise histórica e antropológica, na qual, já confessaremos que não haverá tempo e espaço nesta pesquisa para aprofundamento. Mas tentaremos, minimamente, levantar aspectos fundamentais que devem ser considerados.

²⁵ O uso do termo “sevirologia” pelo entrevistado faz referência ao ato de uma pessoa “se virar”, expressão do tecido social brasileiro para alusão a quem precisa encontrar uma solução e ou dar contas dos problemas e desafios sozinho, sem apoio. “Logia”, por sua vez faz referência ao aprofundamento e/ou estudo nesta condição.

Sem isso, facilmente podemos cair na armadilha da reprodução do estereótipo do pai negro ausente e violento. Segundo Rolf Ribeiro de Souza (2009), o mito do pai negro ausente e violento é o expoente que com mais frequência representa o fracasso de homens negro. Nas palavras do intelectual, “esta é mais uma forma de desqualificar os homens negros demonstrando sua capacidade de chefe de família, atribuição que somente o homem branco poderia ter, segundo a mitologia brasileira” (p. 108).

Em *Primeiro Relatório Sobre Paternidades Negras no Brasil*, Lima e Ramos (2022) nos lembram de um fato histórico muito importante:

O homem preto brasileiro, com todas as precariedades que lhes foram impostas, só teve a possibilidade de começar a paternar após a abolição da escravatura, em 1888. Logo, ele está há menos de dois séculos exercendo paternidades nestas terras. Um século e meio, quando se trata de desenvolvimento humano, é quase nada. Toda memória de paternidade do homem preto anterior ao século XIX é memória afetiva da África (Instituto Promundo, 2022, p.12).

Considero de máxima importância para analisar paternidades negras no Brasil, as particularidades do coletivo e do âmbito individual de cada homem, pois o homem negro foi sumariamente impedido de paternar e viver sua potencialidade de cuidado com o outro e consigo mesmo. Apenas na história mais recente (pouco mais de um século), e num cenário que ainda deseja sua morte, somado a uma subjetivação por um modelo de masculinidade patriarcal e machista branca, é que tem sido possível experienciar a paternidade.

Colocadas as devidas considerações, voltemos à individualidade de Will. A ausência paterna fez parte de sua trajetória. O entrevistado relata que foi criado na “severalogia”, ou seja, teve que se virar, assumir responsabilidades outras e empregar um esforço maior, para cobrir as faltas que essa ausência gerava em sua vida.

O ato de “ter que se virar” ou “dar um jeito”, é um fenômeno que a população pobre, periférica e favelada principalmente, que é em sua maioria negra, está habituada a fazer. Diante de um cenário de muitas iniquidades de acesso a saúde, bens e serviços, segurança alimentar, educação, trabalho e lazer, essa população se vê em uma situação em que não há outro caminho senão suprir suas necessidades com o pouco que estiver disponível e for possível.

Então isso a gente tá falando de uma época bem mais complicada que hoje. É complicado, imagine naquela época. E eu não entendia o porquê, mas depois a minha mãe foi me contar, eu era o último a ser escolhido para as brincadeiras, meus coleguinhas não interagem comigo.

E aí, estudando numa escola que, apesar de ser particular, era uma escola que vinha do comércio, que é o Sesi, e tinha esse teve um trabalho já de análise e tudo. E aí as

professoras se reuniram para que elas sempre me incluíssem nas coisas. Então elas falavam coisas boas de mim, elas me colocavam como líder, elas me colocavam como exemplo pra que eu conseguisse e os meus coleguinhas vissem isso como exemplo e a partir daí eu fosse incluído nas brincadeiras que eu fosse incluído nas escolhas pro futebol, pra natação. E elas faziam questão de falar coisas boas de mim. Então eu tenho essa lembrança dessa leve virada de que as coisas começaram a mudar nesse âmbito fechado da escola, com esse trabalho que se teve da escola em conjunto com as professoras, esse trabalho multidisciplinar que houve para que eu pudesse ser incluso. Então isso marcou de uma certa forma.

Então (risos), eu sempre fui uma pessoa muito... Apesar de falar bem, introspectivo (ato falho), aliás, de ser bem extrovertido na verdade, eu fui um adolescente, um falar assim, mais na minha, eu não tinha os mesmos interesses que as outras pessoas da minha idade tinham. E eu cresci ouvindo Alcione e Ray Charles, então os meus interesses eram um pouco diferentes do povo da minha idade. Então eu acredito que ter passado por esses problemas me fizeram ser adolescente mais contido. Em um ambiente que os meus coleguinhas já estavam já desde a brincar de salada mista. Eu sempre me via na posição de tipo fazer os casais nunca de ser o casal, sabe? Então, assim foi uma adolescência feliz, tranquila, calma na igreja. E é isso. Assim é o que eu me lembro (Michael)

As experiências de racismo ocorrem desde o nascimento, com o risco de violência obstétrica, negligências profissionais e institucionais na área da saúde, ou precarização do acesso e condições de cuidado da gestação. Michael relata que, no início de sua vida escolar, chegou a vivenciar a seguinte experiência “eu era o último a ser escolhido para as brincadeiras, meus coleguinhas não interagiam comigo”, tal situação aparece em pesquisas que analisam o racismo nas relações escolares. A exemplo da pesquisa realizada por Fabiana de Oliveira (2004), cujos resultados obtidos apresentavam atitudes excludentes das profissionais cuidadoras para com as crianças negras, como menos paparicação e carinho, recusa de contato físico, associação de estereótipos ruins ligados a mal comportamento, carência, sujeira e uso de apelidos pejorativos.

Parafraseando Fanon (2008), podemos dizer que o negro não é uma criança, é uma criança negra, isso quer dizer que a infância, mesmo sendo um período de fragilidade, que exige muito cuidado e proteção, não é um período livre do racismo cotidiano, frequentemente, não é seguro para crianças negras.

Podemos observar também que ter pais negros, com uma condição financeira melhor, conseqüentemente gerando outras possibilidades de acesso, contribui da maneira importante para a ampliação dos recursos para lidar com o racismo cotidiano. Tal fato fica evidente no discurso do Michel. Seus pais tiveram condições de pagar um colégio particular e de trocá-lo de escola, para um lugar que tivesse profissionais melhores preparados para acolher crianças negras e proporcionar um ambiente seguro.

Além disso, apesar da percepção de ter sido um jovem introvertido, que vivia situações de preterimento por exemplo para experiências românticas, que possuía interesses diferentes da maioria dos outros jovens de sua idade, seus pais lhe proporcionavam acesso a referências musicais como Alcione e Ray Charles, grandes artistas musicais, de sucesso e prestígio notórios, referências positivas de negritude.

Apesar do preterimento nesta fase da infância e da juventude, a conclusão de Michael foi de que teve “uma adolescência feliz, tranquila, calma na igreja”. É válido destacar que ter acesso a referências positivas de figuras negras é uma potente forma de resistência para a construção de uma identidade positiva de si próprio, como pertencente a um grupo maior, cheio de características positivas.

Cara, eu não tenho pai. Nunca tive pai. A minha mãe, ela é a caçula dos irmãos dela. Entendeu? Então, tipo assim, minha mãe sempre assim... Por ser a caçula, é extremamente negligente. Isso é fato, né? Algo que hoje eu tenho consciência de como ela foi. Ela também foi negligenciada, né? Pelos irmãos dela e tudo mais. Mas, beleza. Quando a minha avó morreu, né? Que era o alicerce dela. Pronto, aí ela desandou pra caramba. Ela me teve nova, né? Com 17 anos.

[...] Eu acho que eu não vivi 12 anos direto com a minha mãe. Se somar tudo, não deu 12 anos. Então, eu passei mais tempo morando com outras pessoas, em outros lugares. Eu já morei na rua. Eu já morei na casa de parente. E nenhum desses lugares foi bom. Nenhum desses lugares foi bom. Por quê? Porque você não faz parte daquilo lá, né? Você sempre é um... Como eu posso dizer? Você é uma variável que tá ali naquela família, em específico, que você tá sendo ajudada. E por você estar sendo ajudada, aí você já começa a ter uns encargos, né? Tipo, tem que fazer coisa. Por exemplo, eu não pude estudar plenamente, mano. Eu não tinha que estudar. Eu tinha que... Eu tava tendo que fazer coisa. Lavar uma louça, fazer alguma coisa dentro de casa. Esse tipo de coisa, mano. Então, a minha infância foi uma merda. E ela foi extremamente miserável.

[...] Muitos momentos na minha vida que eu passei fome mesmo. [...] É não ter o que comer e você precisar comer, entendeu? Tipo isso. Eu já fiquei cinco dias sem comer nada em absoluto. Nada. Só na água. Já fiquei um mês inteiro só comendo manga. Só comendo manga. [...] Então, assim... A minha infância foi uma merda.

Eu vi nego tombado na rua. Nego que morreu do meu lado. Entendeu? Então... Era um lugar extremamente hostil. E eu tive que fazer alguma coisa. E aí foi o que eu pensei. Pô, eu vou ter que ser uma pessoa melhor. Eu vou ter que evitar tudo isso. Pra me sobreviver, pra me comer. [...] e, pra isso, eu teria que interagir com as pessoas. E quando eu fui interagindo com as pessoas, aí eu fui... Percebendo que as pessoas me tratavam diferente. Entendeu? Me tratavam diferente. Tipo, sempre no primeiro espectro. Pô, você é diferente. Tipo assim... Por exemplo, ao conhecer uma pessoa, todo mundo entra na casa da pessoa, menos eu. Entendeu? Ou, de repente, tipo assim... Ninguém vai me deixar sozinho num lugar. Então, você vai começando a ter uma percepção que antes eu não tinha. Porque a minha preocupação antes era o quê? Era comer. Era sobreviver. Ter um lar. Só isso. É o mínimo do mínimo. E conforme eu fui me desenvolvendo pra ter acesso a esse tipo de coisa, eu fui conhecendo pessoas. E, ao conhecer as pessoas, eu fui entendendo que, tipo, eu tava mais na merda do que eu pensava. Porque... As pessoas, sem me conhecer, elas já tinham uma pré-definição do que eu poderia fazer. Baseado de onde eu vim. Porque eu nunca escondi de onde eu vim... Eu sou esse tipo de pessoa. Essa é a forma que eu

falo. Mas eu sou uma boa pessoa. Entendeu? Tipo, eu não tô aqui pra te ferrar, pra te atrapalhar nem nada.

Tipo, tinha uma questão racial também. Porque tinha pessoas que vinham de lá também, o conhecido meu, que era melhor tratado do que eu. Mesmo vindo do mesmo espectro social, do mesmo ecossistema. O cara era tratado melhor. Ele tinha mais oportunidade. Esse tipo de coisa. Coisa que eu teria que batalhar muito mais pra ter. Então... É isso aí (Ícaro).

Ícaro apresenta impactos importantes devido a uma condição econômica precária e à falta de uma rede de apoio familiares. Experimentou o sentimento de não pertencimento muito cedo, não tendo uma casa, passando fome, morando na rua, não pôde se dedicar mais aos estudos, sua definição é específica: “a minha infância foi uma merda. E ela foi extremamente miserável”. É oportuno lembrar que o fato da maioria da população negra que vive no Brasil ser também a população mais pobre, não é um infeliz acaso. Trata-se de um resultado de um projeto maior e histórico, de manter o acúmulo de riqueza na mão de um grupo seleto de pessoas, em sua maioria brancas, as elites. Dito de outro modo, Ícaro sofreu os efeitos do racismo estrutural em algumas de suas derivações mais agudas, a escassez e a fome, principalmente atingindo sua família.

Numa afirmação seguinte de Ícaro, podemos observar ressonância com o que Sueli Carneiro (2005) menciona acerca da violência como subjetivação de pessoas negras, ele diz, “eu vi nego tombado na rua. Nego que morreu do meu lado. Entendeu? Então... Era um lugar extremamente hostil”. Aqui, acho oportuno destacar que Ícaro e eu crescemos em bairros vizinhos, que se separavam por duas ou três ruas. Íamos para a escola juntos por um período. Percebe-se que a violência era algo que fazia parte daquele cotidiano. Era comum a notícia de “fulano morreu”, às vezes era um vizinho, ou um conhecido.

Sem o apoio materno afetivo e econômico, a maneira com que Ícaro encontrou de sobreviver com menos hostilidade social e mais oportunidades, foi interagir com as pessoas de maneira que com que pudessem ter a oportunidade de conhecê-lo e perceberem que ele era “diferente”, ou seja, a estratégia foi a de desconstruir os estereótipos que eram evocados a partir de sua origem periférica, a cor de sua pele (preta), a expectativa social da violência e do perigo. Sua fala exemplifica: “ao conhecer uma pessoa, todo mundo entra na casa da pessoa, menos eu”.

Algo que considero potente e que sustentava a estratégia de enfrentamento do racismo cotidiano na trajetória do entrevistado, é sua capacidade de bancar emocional e psicologicamente a sua própria verdade e noção de humanidade como analisado anteriormente. Foi isso que levou Ícaro a gastar esforço e energia, além de ter resiliência, para que as pessoas

pudessem conhecê-lo. Seu pensamento foi uma reflexão para médio e longo prazo, para a vida que ele gostaria de construir, afinal, nas suas palavras, ele conta: “eu nunca escondi de onde eu vim... Eu sou esse tipo de pessoa. Essa é a forma que eu falo. Mas eu sou uma boa pessoa. Entendeu?”.

Ícaro também apresenta uma consciência sobre o preconceito racial que estava implícito, sua perspicácia lhe permitia enxergar que “tinha uma questão racial também. Porque tinha pessoas que vinham de lá também (da periferia), o conhecido meu, que era melhor tratado do que eu”.

Na minha infância eu não tinha essa percepção racial sobre ser preto. Eu sabia que eu não era uma pessoa rica, porque a minha referência de pessoas com dinheiro eram, sei lá, meus primos. Eu tinha uns primos que moravam em Brasília, que moravam em condomínio. E eu também sabia que eu não era miserável porque eu não morava no lixão, que era uma coisa que eu via constantemente na televisão, que tinham pessoas que moravam onde despejavam o lixo da cidade.

A percepção que eu via de diferença, que aí se apontava, eu percebia mais de classe do que racial exatamente, porque eu não tinha esse olhar voltado pra olhar isso.

Eu não tinha essa percepção racial. Então hoje eu penso que, sei lá, talvez tivesse sido um pouquinho diferente as coisas se tivesse, mas eu tava muito preocupado com as minhas nuances de gênero na infância, que eu uso essa palavra hoje, mas eu também não sabia disso, pra me preocupar com as questões sociais (Lázaro).

Para Lázaro, as percepções das diferenças sociais se davam mais pela percepção dos impactos econômicos, como o lugar onde morava e acesso a bens e serviços, do que da questão racial. É interessante pontuar que, na relação à raça e classe, num país como o Brasil, existem muitos elementos sociais que quase são capazes de determinar qual será a classe social do sujeito, a depender da sua cor ou sobrenome. É o que apontam os estudos de Leonardo Monasterio, do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), publicados em 2017, em matéria da BBC Brasil (Odilla, 2017). De acordo com os resultados, os sobrenomes mais comuns no Brasil como Silva, Santos, Pereira, Oliveira e Souza, representavam 46,8 milhões de trabalhadores do setor privado, com idade entre 23 a 60 anos, em 2013.

Os cruzamentos de dados apontam que, quando comparados com sobrenomes de outras origens como germânica e japonesa, a chance destes cinco sobrenomes ganharem salários menores são grandes. A lista de 100 maiores salários na base do Ministério do Trabalho, consultada na pesquisa, aponta que 43 carregam sobrenomes de ancestralidade alemã, 22 italiana e 17 ibérica. Isso quer dizer que raça é quase determinante da classe social, não de maneira essencialista, mas pela máquina do racismo estrutural. Pardos, pretos e indígenas, ganham menos, respectivamente, até mesmo independente do sobrenome.

Os possíveis atravessamentos na infância de Lázaro, estavam mais ligados às vivências de gênero, conforme sua afirmação: “eu tava muito preocupado com as minhas nuances de gênero na infância”.

7.3.3 Percepções da autoimagem, autoestima e estética

[...] Pegando minhas primeiras memórias, eu cresci sem pai, minha mãe e minha avó me criaram, e aí, eu vim a entender depois, com mais idade, mas tinha muito uma esfera de estigma, de estigma solteira e tudo mais, de que a mulher se prostituía, enfim, e eu identifiquei isso mais pra frente, né, mas essa questão, a minha mãe sempre tentando levantar minha autoestima, dizendo que eu era bonito, mas na escola, muito cedo, né, na escola, já tinha aquelas coisas de listinha, de quem era mais bonito e tudo mais, e eu já entendi ali que eu não era um padrão, né, não era um padrão, então eu me sentia feio, né, me sentia feio, por bastante tempo eu me senti feio, eu tenho algumas fotos que eu não gostava de sorrir, tinha porque eu não queria sair em foto, principalmente quando tava trocando dentes, assim, sem dente, então eu me escondia, em pouquíssimas fotos nesse período, porque minha mãe cortava meu cabelo um pouco maior, então eu tinha um mini black, que eu já não gostava, não me era ensinado a gostar, eu não era branco, mas também não era retinto, como era no meu bairro, então eu tava ali no meio, magro, era bem magro, então eu não me sentia padrão, então, naquela época de, sei lá, sétima, oitava série, que começa os flertezinhos assim e tal, eu não chegava em nenhuma menina, porque eu falava, pô, eu sou feio demais.

[...] Eu tinha uma baixa estima porque eu me culpava por não ter um pai, pô, isso é tão esquisito que nem o meu pai quer estar comigo, é louco isso, e aí, na faculdade, já maior, mais, eu comecei a performar nessa masculinidade de ser o negão, e a partir daí, tive uma certa autoestima porque eu conseguia performar bem sendo esse papel do negão.

[...] Eu mesmo me hipersexualizava, né? Eu mesmo me colocava nessa situação de ser o negão no apelido. Eu, no ensino médio, era negão. Então, em tudo, eu era o negão. Incorporei mesmo isso.

[...] Tava me ocupando sempre pra estar com uma pessoa diferente, e isso nunca me completava, eu sempre tinha que buscar mais. Então, foi um período complicado, assim, que eu percebi que tava num lembro muito ruim de me masturbando muito, tendo muitas relações muito vazias, muito vagas, gastando muita grana.

[...] Sempre disponível. Se não, ó lá, brocha. É negão e é brocha. Ninguém precisava saber, mas eu falava pra mim mesmo. Ficava dentro da minha cabeça essa cobrança de tá performando nessa masculinidade, uma vigilância eterna.

[...] Eu não quero, mas ela quer, eu preciso transar com ela, tenho que transar com ela. Se eu vou dizer não, não posso dizer não. Sou negão, pô. (Will)

Importante ressaltar o papel fundamental das mulheres negras, chefes de família e responsáveis pelo sustento financeiro, proteção e cuidado afetivo, presentes no relato do entrevistado. Este cenário tem um reflexo nacional bastante importante, onde 62% das famílias que são chefiadas por mulheres, no Brasil, ou seja, sem a presença de um marido, têm esse lugar ocupado por mulheres negras (Machado; Gorziza; Buono, 2023). Ele afirma “minha mãe e

minha avó me criaram”, tal destaque encontra ressonância nas estatísticas que apontam para a participação massiva de mulheres negras na formação e cuidado de homens negros e toda composição familiar.

Na narrativa biográfica de Will, assim como na narrativa de Michael, o preterimento ou impossibilidade do afeto romântico aparece como um atravessamento. Perceba que questões corporais e estéticas como cabelo, sorriso e formato do corpo, afetavam a percepção e estima que Will tinha por si mesmo. Nas suas palavras: “me sentia feio, por bastante tempo eu me senti feio, eu tenho algumas fotos que eu não gostava de sorrir, tinha porque eu não queria sair em foto, principalmente quando tava trocando dentes, assim, sem dente, então eu me escondia”. Naquele espaço de tempo, o jovem Will era incapaz de ver beleza em seu corpo, nesse sentido, evoquemos novamente Fanon (2008), ao explicitar que “no mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal”. O entrevistado diz: “eu sou feio demais”, tal afirmação aponta para o inculcamento do complexo de inferioridade discutido por Fanon.

Will, em determinado momento do início da sua juventude, faz um deslocamento identitário de uma criança tímida e que não sorria, e um adolescente sem autoestima, que se dizia “feio demais”, passando a assumir o estereótipo do “negão”, como algo positivo, que lhe trazia valor socialmente reconhecido. Ele diz “Eu mesmo me hipersexualizava”, assumindo a postura do homem negro conquistador, grande, que fica com várias mulheres e tem uma performance sexual invejável. Evoco o pensamento da intelectual bell hooks (2022), no qual ela reflete sobre a maneira como se estabelecia o sexo patriarcal na vida afro-estadunidense segregada, que, para além da afirmação da masculinidade, “foi também reconceitualizado no espaço da negritude como um prazer para homens negros que não estavam recebendo todas as vantagens da masculinidade patriarcal” (p. 142), afinal o domínio ainda era exercido por homens brancos. E continua:

Apesar da contínua exploração e opressão racial, quando se tratava de performance sexual os homens negros no mundo segregado da sexualidade negra podiam controlar tudo e ser a estrela do show. Nesse mundo, homens negros de qualquer classe, sozinhos ou em grupo, poderiam encontrar uma afirmação de seu poder nas conquistas sexuais (hooks, 2022, p. 142).

Will encontrou na incorporação do estereótipo do negão, produzido pelas fantasias coloniais, um recurso positivo para afirmar sua masculinidade viril e valorosa como homem negro, capaz de conquistar muitas mulheres e ter muitas relações sexuais. Contudo, em sua narrativa, ele aponta o quanto tinha que performar e perseguir aqueles resultados que o

validavam, mesmo quando ele não queria, “eu não quero, mas ela quer, eu preciso transar com ela, tenho que transar com ela”, do contrário, ele seria desqualificado.

Eu sempre fui uma criança ou adolescente (risos)... Eu não era bonito, ou pelo menos eu não era o padrão de beleza e tal padrão de beleza era um menino louro de cabelo liso, e que podia partir o cabelo e que todo mundo achava maravilhoso. Era o popular da escola? Eu era. Eu me tornei popular. Mas eu acredito que por vários outros fatores, não pela beleza. Não, a gente não era padrão e eu não vi muitas pessoas negras na minha época, nem capa de revista, e então isso não foi construído dessa forma. O padrão de beleza que eu tinha era dos meus pais, que sempre foram pais muito bonitos mesmo. Meus pais são lindos, a minha família é uma família muito bonita. Mas não, não era bonito, eu era. Eu sempre fui inteligente, eu nunca fui bonito. Esse lance da beleza é tudo. Ela foi aparecer tempos depois de percepção, de ver, de gostar de uma coisa aqui, uma coisa ali, de entender que aquilo que não era o padrão que estava mostrado ali também era bonito.

Eu tenho do lado hétero, vamos dizer sim, eu tenho que ser o cara que samba, que fode gostoso e que é pauzudo. Do lado gay. Eu tenho que ser sempre o ativo. E o pauzudo também, né? (Michael).

Michael também não se via como um homem bonito, o contraste com o branco, que seria um modelo de beleza, o padrão, aparece em mais de uma narrativa entre os homens negros. Contudo, é possível notar os elementos positivos que coexistiam nas percepções do entrevistado. Por exemplo, na seguinte fala: “meus pais são lindos, a minha família é uma família muito bonita”, Michael relata que o padrão de beleza mais próxima que ele tinha, eram seus pais, ou seja, uma referência positiva e próxima de pessoas negras consideradas bonitas. O entrevistado era capaz de apontar outras qualidades positivas suas, como ao dizer “eu sempre fui inteligente”, em contrapartida a afirmação “eu nunca fui bonito”. Fica evidente que seu processo de conseguir reconhecer o elemento beleza em si próprio, veio com o tempo, como ele mesmo afirma.

Mesmo assumindo uma orientação dissidente da heterossexualidade, Michael ainda sente a cobrança da masculinidade viril em sua vivência como bissexual, e também o peso de atender o estereótipo do negro bem dotado e ativo sexualmente. Em sua revisão aprofundada acerca dos estudos sobre homens e masculinidades dos últimos 30 anos em Nossa América (América Latina), Mara Viveros Vigoya (2018) destaca o trabalho de Carlos Cáceres (1995), que propõe uma taxonomia sobre a diversidade das experiências homoeróticas em Lima:

Nas classes populares e associadas a culturas tradicionais, encontramos o bissexual “ativo” ou “mostardeiro” [mostacero] que exibe uma estética rude e viril; a “bicha” [marica] ou “viado” [cabro] afeminado que não costuma se autodeclarar como “homem”; e a travesti que manifesta maneiras femininas exageradas. Nas classes médias, temos o “entendido”, que participa de encontros homossexuais clandestinos, o “bissexual casado”, o “bissexual gay” e o “gay” que faz parte plenamente da cultura

homossexual local e assume um estilo “macho” (Cáceres, 1995 *apud* Vigoya, 2018, p. 87).

Michael encontra a cobrança para performar o bissexual “ativo”, que corresponderia a um esquema de hierarquia das classificações das masculinidades hegemônicas. Nas palavras de Welzer-Lang (2001), o heterossexismo sob o manto da homofobia, cria a categoria de hierarquizações:

[...] os dominantes, que são os homens ativos, penetrantes, e os outros, aquelas e aqueles que são penetradas/os, logo dominadas/os. E é claramente a homofobia que se aplica àqueles, homossexuais, bissexuais, transsexuais, desvalorizando-os porque eles/elas não adotam, ou são suspeitos de não adotar, configurações sexuais naturais (Welzer-Lang, 2001, p. 468).

Nota-se que, mesmo entre masculinidades que não pertencem as hegemonias cisheteronormativas, ainda assim a fantasia colonial do negro como um macho viril é esperada.

Honestamente, assim, eu não vejo como menos, nesse sentido. É claro que, existem limitações, assim, que eu sei que certas mulheres que jamais dariam uma chance pra mim, pelo fato de ser negro também, mas, tirando isso, é uma coisa dela, uma pessoa em específico, entendeu?

Em questão de autoestima, eu tô bem tranquilo com a minha pessoa, Assim, não me sinto, assim, pra baixo, esse tipo de coisa, não (Ícaro).

Embora Ícaro afirme estar bem tranquilo com relação a sua aparência e autoestima, ele também faz um apontamento curioso ao se explicitar: “eu sei que certas mulheres que jamais dariam uma chance pra mim, pelo fato de ser negro também, mas, tirando isso, é uma coisa dela”. Supostamente, Ícaro está se referindo a “certas mulheres” como mulheres que são consideradas muito bonitas, assumindo que o conceito de beleza no Brasil, e no mundo, passa pela racialização de que o branco é belo. Logo, podemos supor que a referência feita seja a mulheres brancas.

Ícaro, ainda que afirme que não se vê como menos, ao mesmo tempo, não tem a ilusão de ser reconhecido como bonito a ponto de despertar interesse de “certas mulheres” brancas. Outra vez, o preterimento se fazendo presente nas possíveis relações românticas, afetivas e ou sexuais.

Eu tive que lidar com certas coisas, por exemplo, o meu nariz de batatinha. O meu nariz é amassadinho. Eu ouço piada do meu nariz, acho que desde que eu sou criança. Tá aí uma questão racial. Que atravessa, que demorou anos pra eu perceber. Mas, sei lá, a primeira frase da minha mamãe falou assim... Nossa, quando você nasceu,

seu avô te segurou no colo e falou assim... Nossa, minha neta caiu no chão porque o nariz dela é todo amassadinho que nem de batata.

Dá trabalho deixar o cabelo crescer. Mas eu gosto do cabelo do hoje em dia. Eu lido bem com essas características. E eu fico muito feliz de estar vivendo em uma época que isso é reforçado. Mas é diferente da percepção que eu tenho antigamente. Eu poderia ter tido meu cabelo assim antes (curto). Por que que eu não tive? Primeiro... eu tinha que ter o cabelo grande por ser uma menina. E segundo, porque ele tinha que ser liso.

Em relação a corpo. Como homem trans, meu corpo é um corpo com seios. Meu corpo é um corpo que tem uma vagina. Então, isso muda a relação do corpo com a sociedade. Minha primeira relação de corpo com a sociedade foi... Nossa, você tem um corpo muito bonito e tal. O rosto não, porque o rosto tem traços pretos. O cabelo não é liso, entendeu? Mas você tem bunda, você tem coxa, você tem peito. Então, é um corpo preto. Ele é hiperssexualizado. O corpo feminino é hiperssexualizado. Então, eu sempre tentei esconder essas características. [...] Fiquei muito satisfeito com a transição com a questão hormonal. Porque adaptou coisas no corpo que eu queria. Eu sinto meu corpo mais masculino em questão de ombro, mudou a distribuição de gordura no meu rosto. Então, ele tem um formato diferente. É mais masculino. Minha voz engrossou. Isso é uma relação com o corpo também, mexe com a moral, às vezes, da pessoa. Igual o juiz lá, que tem a voz fininha. E ele é branco. E aí, tem o Anderson Silva também. Que é um cara preto, que tem a voz fina. Então, eu gosto de ter engrossado a voz. É uma relação com o corpo. E eu não tenho um pênis. E o homem preto é um corpo que é mais sexualizado nesse ponto. Tipo, de ter um pênis. E, sei lá, às vezes, ter um pênis muito grande. E aí, é uma coisa que entra muito dentro da masculinidade dos homens, em geral. Mas, afeta até os brancos. Mas, eu acho que isso é esperado do homem preto. O homem preto, ele tem que ser um cara que tem o pau muito grande. Que seja extremamente viril, ou que seja extremamente dominador.

Eu gosto muito da minha vagina, da minha vulva, eu posso ser um homem e eu posso construir essa masculinidade minha e ser um homem, ser um homem preto. Sem ter um pênis, saca? (Lázaro)

Nesta altura da narrativa de Lázaro, o que gostaria de destacar é a maneira que o entrevistado assume para subverter e romper com a hiperssexualização de ser um homem negro. Lázaro é um homem negro com seios e vagina, para além disso, é um homem que gosta de sua vagina e recusa a expectativa de que homem negro tem que ter um pau grande. Esse fato coloca em cheque a fantasia colonial criada pelo mundo branco e heteronormativo: “eu gosto muito da minha vagina, da minha vulva, eu posso ser um homem e eu posso construir essa masculinidade minha e ser um homem, ser um homem preto. Sem ter um pênis, saca?”. Aqui fica evidente que Lázaro assume seu falo sem possuir um pênis, ele não abre mão desta potencialidade. A recusa de ser um “desvio entre os desviados”, ou seja, um homem que não seria reconhecido como um “homem negro em todos os atributos reificados que envolvem este reconhecimento”, como reflete Deivison Faustino (2014, p. 92), neste caso, torna-se sua potencialidade de afirmar-se.

Em outros aspectos, Lázaro reconhece outros atravessamentos do racismo cotidiano, como por exemplo, “o meu nariz é amassadinho. Eu ouço piada do meu nariz, acho que desde que eu sou criança”. Essa marcação do formato do nariz como algo para se fazer piadas é

racismo, pois os traços fisionômicos característicos como negroides são vistos como feios, a exemplo do que já discutimos anteriormente, como cabelos crespos, lábios grossos, narinas largas ou achatadas, são traços que devem ser anulados.

Outro exemplo em seu discurso é referente a seu cabelo: “eu poderia ter tido meu cabelo assim antes (curto). Por que que eu não tive? Primeiro... eu tinha que ter o cabelo grande por ser uma menina. E segundo, porque ele tinha que ser liso”. Nota-se a tentativa da política de embranquecimento e da cisonormatividade, num processo de aniquilamento da subjetividade do sujeito.

Atualmente, Lázaro já é capaz de viver sua negritude: “dá trabalho deixar o cabelo crescer. Mas eu gosto do cabelo do hoje em dia. Eu lido bem com essas características. E eu fico muito feliz de estar vivendo em uma época que isso é reforçado”, e está também satisfeito com sua masculinidade: “fiquei muito satisfeito com a transição com a questão hormonal. Porque adaptou coisas no corpo que eu queria. Eu sinto meu corpo mais masculino”.

7.3.4 Atravessamentos no trabalho, finanças e acesso a serviços

Hoje eu vivo em uma situação confortável financeiramente no meu emprego. A minha esposa, a A., tem um salário muito bom. Então a gente vive hoje num patamar confortável. E eu tenho minha mãe que vive numa condição bem mais precária. Mora numa casa com um quarto, não tem sofá, não tem armário. Tem cama lá, mora com a minha irmã, minha sobrinha e meu irmão. E eu me sinto culpado às vezes por estar numa casa com três banheiros, enquanto que no banheiro da minha mãe lá está entupindo a vala. Então eu sinto essa culpa.

A minha cobrança por ascensão social, ela vinha muito de uma coisa, de eu ver o meu pai, meu pai é um cara muito bem sucedido profissionalmente. Eu tinha ele como norte, mas meu pai sempre deixou muito claro, meio que inconscientemente, a distância, a separação do que é dele e do que é meu, do que eu tinha acesso. Então tinha situações de eu estar morando com a minha mãe, ou no final de semana com a minha mãe, a gente comendo miojo, e meu pai está fazendo um tour na Europa. Então essa disparidade é muito presente na minha vida, essa dualidade, esses dois mundos, um mundo de acesso e um mundo de bastante exclusão.

E aí a minha cobrança é nessa de, pô, eu quero chegar também num patamar de vida legal pra poder tirar minha mãe desse lugar. O que eu quero fazer não é só pra mim.

Teve esse racismo estrutural aí no Rio de Janeiro. Eu senti muito isso, de fazer muitos processos, muitas entrevistas, chegar até a última etapa e sempre ver que o cara que tava na dinâmica comigo, ou a menina que tava na dinâmica comigo, que eram brancos ou que moravam ali próximo do escritório, na região central ou zona sul, levavam uma vaga. E eu que tava na Zona Norte e na Baixada Fluminense (Will).

Aqui, podemos observar que a narrativa do Will já quebra paradigmas de escassez e pobreza financeira, impostas pelo racismo estrutural, quando diz “hoje eu vivo em uma situação confortável financeiramente no meu emprego. A minha esposa, a A., tem um salário muito

bom”. Neste cenário hostil e antinegro no Brasil, um casal negro bem sucedido financeiramente, com ensino superior, gozando da vivência em uma casa confortável e acessos diversos que antes eram restritos a uma classe média majoritariamente branca, também subverte a lógica do racismo estrutural. As fantasias coloniais da branquitude neste sentido, só conseguem assimilar negros em posições subalternizadas, em posição de servidão e precariedade, vivendo nas periferias ou favelas, dificilmente no centro ou bairros abastados. Um homem com Will, causa estranheza, como se estivesse fora do lugar, o lugar do negro.

Ainda que a relação com seu pai tenha suas complexidades, é também um lugar de homem negro bem sucedido que já havia sido uma referência para Will em algum momento, ele conta “então tinha situações de eu estar morando com a minha mãe, ou no final de semana com a minha mãe, a gente comendo miojo, e meu pai está fazendo um tour na Europa. Então essa disparidade é muito presente na minha vida, essa dualidade, esses dois mundos”. Um homem negro, bem sucedido fazendo um tour na Europa”, também contraria a lógica do racismo estrutural.

Will também relata sobre o preterimento em vagas de trabalho, onde a cor de sua pele e sua origem chegavam primeiro e produziam desvantagens no processo de seleção em detrimento do favoritismo de pessoas brancas e que moravam em lugares privilegiados da cidade.

Eu treinei muitos dos meus chefes, em vários locais de trabalho, eu treinei por muito tempo eles, eu era colocado em plantões em que eu estava lá e eu que treinei, eles foram promovidos primeiro que eu. É.. as vezes eu tinha cursos a mais, tecnicamente falando, eu tinha cursos a mais, eu era melhor, eu me preparei melhor e eles foram promovidos primeiro. Eu fui primeiro gestor negro de uma grande rede de hospitais, e eu entrava em uma reunião que tinha com os gestores toda terça-feira e eu era o único gestor negro em 300 gestores que estavam participando desta reunião. Então o peso disso era muito grande, eu não podia errar. Eu não tinha o direito de errar, minhas apresentações eram revistas mais de uma vez, porque eu não podia ter um erro bobo de ortografia ou qualquer outra coisa que passa despercebido como qualquer outra pessoa. Quando o erro acontece... “ah, ele é negro né?” Então isso é um fator que sim, causa nessa estrutura... é bem complicado, a gente vai se precavendo, se moldando, e vai colocando defesas e camadas para isso (Michael).

É válido destacar a narrativa de Michael neste trecho, pois Fanon (2008, p. 109) também nos alertava sobre tal situação, “sabia, por exemplo, que se um médico negro cometesse um erro, era o seu fim e o dos outros que o seguiriam. Na verdade, o que é que se pode esperar de um médico preto?”. Situação semelhante é relatada por Michael, afinal ele tinha consciência de que seu erro lhe custaria muito caro, ele diz “eu não tinha o direito de errar, minhas apresentações eram revistas mais de uma vez, porque eu não podia ter um erro bobo”. Diante

do exposto, negar o direito ao erro é outra vez desumanizar pessoas negras, se assumir o ditado comum de que “errar é humano”, mas quem pode errar? Fanon continua (2008, p. 109), “desde que tudo corresse bem, punham-no nas nuvens, mas atenção, nada de bobagens, por preço nenhum!”. Michael carregava consigo a mesma percepção “quando o erro acontece... ah, ele é negro né?”. Quando pessoas negras erram, não há segunda chance, seu erro, falha, ou crime é associado à raça.

Então, assim, num ambiente de trabalho, assim, tipo, num mercado de trabalho, ninguém fechou as portas pra mim, porque eu sempre entrei, porque já tinha alguém lá, alguém falava: [...] contrata o cara, tal, dá uma chance pro cara, entendeu? E as poucas vezes que eu tive que fazer algo do gênero, as pessoas se surpreendiam, porque elas não esperavam, né? Tipo assim, por exemplo, você chega lá, o pessoal olha pra você e fala, foda-se, esse cara não vai nem passar aqui no seletivo e não sei o quê...e... eu peguei vários processos seletivos, assim, de cinco fases, e eu fui embora. Só que chegava na frente lá, já o salário meio merda, ou algo do gênero. Então, mas assim, [...] a pessoa pegar e falar pra mim: ah, tipo, eu não vou te contratar, eu não vou, porque você é negro, nunca aconteceu, nunca vi isso, mano. Até porque, no âmbito do trabalho, eu sempre chego chegando mesmo, pra deixar claro porque eu tô ali, mano, cai por terra, aí a pessoa se surpreende, né? Porque ela não espera esse tipo de atitude, ou a quantidade de informação que eu tenho, né?

(Sobre ser duas ou três vezes melhor)

Até hoje. E isso, assim, pra mim, como é algo que eu ia fazer há muito tempo, se tornou bom. Pra mim é algo que eu vejo como positivo e me impulsiona. Entendeu? Tipo, ser (duas ou três vezes melhor) ... É ruim, né? Se eu estou somente falando, acho que ninguém precisa passar por isso, mas eu, provavelmente, falando, pra mim é bom, né? Eu me tornei uma pessoa muito mais organizada, mais dedicada, entendeu? Mais focada, porque eu não posso errar, né? A nossa margem de erro é minúscula. É pífia pra um monte de coisa. Você pode ter um histórico absurdo numa empresa, em qualquer lugar. Entendeu? Se você cometer um erro, você é negro, então já era. Basicamente é isso. Acabou, seu progresso vai tudo pra merda, entendeu? E tem que começar de novo (Ícaro)

Outra vez, a percepção de que negros não podem errar, dessa vez na narrativa de Ícaro ao explicitar que “você pode ter um histórico absurdo numa empresa, em qualquer lugar. Entendeu? Se você cometer um erro, você é negro, então já era”, posto isso, novamente recorremos a Fanon (2008, p. 109), quando afirma, “eu estava murado: nem minhas atitudes polidas, nem meus conhecimentos literários, nem meu domínio da teoria dos quanta obtinham indulto”. O intelectual faz menção de que não importa o cuidado de que se tome, a trajetória anterior, a conduta sem histórico de erros, nada seria capaz de lhe gerar o perdão pelo erro cometido. Viver sob o medo de não poder errar pode gerar um estado de tensão constante, perigo e hipervigilância, tal qual discutimos anteriormente, sobre o racismo como um fator gerador do estresse.

Mesmo que passando por uns apertos financeiros, minha mãe sempre conseguiu, e meu padrasto e minha mãe, eu e minha irmã mais velha, que somos de outros pais, não teve pensão, essa parada, enfim, é o trabalho dela mesmo. Ela conseguiu criar a gente de forma a incentivar sempre o estudo. Então, eu nunca tive esse, não sei se é privilégio, benefício, acho que benefício é melhor, de não ter tido que trabalhar para ajudar a sustentar em casa. Eu tive esse benefício na minha vida.

Eu nunca tive esse input de ter que ajudar com a minha mãe em casa, mas eu sempre tive o input de me autossustentar.

Hoje eu ainda tenho medo de pedir emprego como professor. Ainda tenho um pouco de receio. Porque eu ainda não retifiquei totalmente o meu documento. Eu só vou retificar depois que eu fizer a cirurgia (Lázaro).

Neste trecho, o impacto psicossocial que podemos identificar, passa pelo receio da LGBTfobia, pois como já mencionado, Lázaro é um homem negro, transmasculino, com seios, até o momento da realização desta entrevista, ainda estava aguardando na fila da SUS, para a cirurgia de retirada dos seios. Esse aspecto corporal, segundo o entrevistado, lhe trará mais confiança de buscar um emprego como professor e também a retificação de seu nome.

Essa intersecção de gênero, classe e raça, na trajetória de Lázaro, não é fixa. A depender do contexto, os impactos são diferentes, mas nem por isso mais leves, pelo contrário, as opressões e os impactos psicossociais sobrecarregam seu bem-estar social.

7.3.5 Saúde mental e violências

[...] eu fui no Ministério do Trabalho, que fica ali no Norte e Sul (Campinas-SP). Eu fui ver uma questão trabalhista lá e aí eu estava, eu tinha acabado de sair do emprego que eu estava, passei lá, eu estava de bermuda, de tênis e de camisa, assim como eu gosto de andar, confortável. Aí eu entrei lá no prédio e tal e fui pedir uma informação, com o que eu falava e tal. Agora estou falando com um atendente lá, recepcionista, e aí vem um guarda, um guarda federal lá, e chega para o cara assim, não fala comigo nem nada, e já comenta com o cara assim, “esse aí para derrubar só na bala”, o cara que estava me atendendo.

[...] eu sou um cidadão, estou pedindo uma informação e o cara já chega falando que para me derrubar ele não aguentaria na mão e tem que me dar um tiro. Eu saí de lá, assim, quando eu estava saindo na porta, e o cara falou isso, tá, não sei o quê, eu fiquei meio que sem saber, assim, o que falar, que afinal o cara está armado e que se eu fizer qualquer coisa ele pode me dar um tiro, deixou bem claro ali, ele ainda tentou brincar, assim, de alguma forma, mas eu não dei abertura. Aí, saindo de lá, passou um cara branco, quase da minha estatura, assim, também, de terno, né, entrou, eu tenho certeza que ele não falou da mesma coisa com o cara, ele tinha o mesmo porte que eu, era bem mais forte que o segurança lá também, mas ele não falou isso com o cara.

Eu sinto muita raiva, cara, sinto muita raiva, sinto muita raiva. Para a primeira sensação é de muita raiva. E aí, o que fomenta mais essa minha raiva é saber que o meu filho e minha filha vão passar por isso. [...] a minha raiva está nessa inconformidade de, porra! Não muda, é o tempo todo, seiscentos anos dessa porra, praticamente, e não muda, a gente está sempre no mesmo lugar, sem abrir a boca o

nosso corpo já fala, é um corpo político, e que tem que ser abatido, que causa medo. Então, a minha raiva está nisso, em saber que meus filhos vão passar por isso e como que eu vou preparar eles para quando isso acontecer com eles. Não vai ser um discurso de amor ao próximo, com certeza que não, não pode ser (Will).

Este é o lado da encruzilhada que aprisiona o corpo do homem negro, ao evocar no inconsciente/consciente da branquitude as fantasias coloniais de homens negros como perigosos, ameaças que precisam ser aniquiladas, castradas, literal e simbolicamente, “esse aí para derrubar só na bala”. Podemos questionar o que passa na cabeça de um homem branco com a função de guarda federal, em horário de trabalho, para falar com um homem negro que ele nunca viu anteriormente e proferir palavras sobre sua morte? Uma branquitude que se sente totalmente autorizada a falar com pessoas negras desta maneira, quando não, essas violências saem do campo das palavras e se materializam. Assim ocorreu com George Floyd em 2020²⁶, homem negro de 46 anos, assassinado por um policial que ficou cerca de 8 minutos com o joelho sob o pescoço de Floyd. A frase “não consigo respirar” foi repetida diversas vezes, o policial não se intimidava nem mesmo sabendo que estava sendo filmado, nada poderia fazê-lo parar de asfixiar aquele homem.

No mesmo ano, no Brasil, ocorrido semelhante aconteceu com João Alberto Silveira Freitas, de 40 anos, homem negro morto em um supermercado Carrefour de Porto Alegre. Sofreu asfixia e foi espancado. Não é exagero dizer que um homem negro vai a um supermercado e não sabe se vai voltar vivo, afinal não é preciso cometer um crime, agredir ou roubar algo para representar o perigo, o perigo está impregnado em sua pele. É o que podemos compreender também no pensamento de Faustino (2014, p. 83), quando afirma que “quando não é invisibilizado, o negro é representado como contraponto antitético do humano. A sua aparição, quando autorizada, é reduzida a uma dimensão corpórea, emotiva ou ameaçadora”.

[...] Aos 18 eu tive princípio de síndrome do pânico, que foi a primeira vez inclusive que eu fui procurar um profissional, passei por diversas coisas até chegar ao que seria essa análise, esse diagnóstico. E.. Durante a vida a gente fica com esse esgotamento mesmo, porque é muito cansativo e exaustivo você ser o melhor, é muito cansativo você não poder errar. E aí a gente se culpa, porque eu acho que todos nós já temos uma crítica natural e uma culpa natural que vem da gente mesmo, dependendo da sua criação. Então eu acho que o homem negro né, ele tem essa culpa natural e a culpa de todas as pessoas que estão ao seu redor, inclusive da comunidade negra.

Então, eu me lembro muito pouco disso por não perceber que isso seria, porque é até mesmo racismo estrutural. Mas era cabelo, era beicudo e neguinho, não brinca com ele porque você vai ficar preto. Esse tipo de brincadeira e esse tipo de conotações sempre eles permearam ali. E eu fico muito feliz de ser filho de quem eu sou, porque

²⁶ Para relembrar o caso, ver Redação BBC News (2020).

meus pais e eles se preparavam para isso e sempre falavam coisas boas, do tipo sabe, você é lindo, você é bonito, você é especial, você é inteligente. E pra dar um contraponto ali, mais sim, eu participar, passei por várias situações de racismo.

[...] Eu sempre me percebi Bi mesmo, então eu tinha interesse por menino e por menina, tinha isso, mas eu não era, vamos dizer assim, afeminado. Acho que uma coisa aqui ou uma coisa ali e acabava saindo. Você percebe isso quando você convive com a pessoa, né? Você percebe traços, você percebe coisas e olhares, fala jeito [...]

[...]eu sou filho de ex-militar; então todas as coisas associadas que chegasse perto de ser e pudesse fazer alguma alusão que eu fosse gay ou que eu gostasse, eu suprimi. Foi suprimido da minha vida. Para começar. E segundo que tinha um fator religião, né? Eu fui criado e batizado e fui inclusive fazer música sacra no Seminário Batista Teológico Mineiro. Então, era uma coisa assim, impossível. Eu fui tratar disso e começar a olhar disso quando eu saí de casa, porque eu me casei e fui casado com mulher por 14 anos, casado. E aí eu me permiti. A gente tinha um programa aqui, que de inclusive até uma igreja muito famosa, e era um programa que eu acho interessante que não era para você ver um ex gay ou alguma coisa do tipo. Era um programa cristão para ouvir e acolher, entendeu? E discutir em grupo sobre. Então isso me ajudou muito, porque eu ouvia a palavra de alguém gritando na rua e isso é muito comum aqui, “o viado”, não era nem comigo, mas me doía por causa do peso da culpa, daquilo que foi demonizado e que foi trago como errado. A minha é desde criança até a adolescência até a parte vida adulta, boa parte dela.

A gente fica muito cansado, ser negro e a gente levar porrada o tempo todo. É cansativo pra caramba. E há momentos que eu preciso de uma rede de apoio mesmo. Namorado, mãe, pai, irmãos, amigos próximos. Porque a gente vai desanimando mesmo, sabe? A gente vai ficando doente, se questionando se a gente merece estar ali, se a gente tá fazendo certo, se o que a gente faz tá certo ou não. Então sim, tem uma forte influência na saúde mental (Michael).

A intelectual Maria Lucia Silva (2005, p. 131) adverte acerca das experiências de racismo vividas pela população negra, que “numa sociedade multicultural e racista, o contato constante com o ‘mundo branco’ poderá criar-lhe transtornos emocionais devido às repetidas frustrações e falta de oportunidade e perspectiva para o futuro”. Nesse caso, Michael relata o esgotamento de ter que ser o melhor e não poder errar, além da culpa. Tamanha carga para se preocupar, sem descanso ou férias do racismo cotidiano. É válido pontuar o pensamento da psicanalista Neusa Santos Souza (1983, p. 40), acerca desta estratégia de ascensão, de ter que “ser o melhor”, nas palavras da intelectual, “ser o melhor! Na realidade, na fantasia, para se afirmar, para minimizar, compensar o ‘defeito’, para ser aceito”. Dito de outra forma, esforçar-se para ser o melhor, sustentaria a fantasia de compensar o defeito que se carrega por ser negro, a exemplo de frases como “ela é negra, mas é muito inteligente”. Fato é, que viver uma vida em alta performance de excelência e sem poder errar, gera um desgaste emocional até a exaustão.

Uma estratégia de resistência para fortalecer sua identidade foi utilizada por seus pais, isso fica evidente, quando o entrevistado declara “meus pais e eles se preparavam para isso e sempre falavam coisas boas, do tipo sabe, você é lindo, você é bonito, você é especial, você é

inteligente”. Isso certamente ajudou Michael a construir uma visão positiva de si mesmo, sem internalizar apenas atributos negativos.

Uma outra intersecção importante que atravessa Michael é sua orientação sexual. Ele é um homem bissexual, e sendo filho de ex-militar e seguidor de uma religião cristã, relata que “todas as coisas associadas que chegasse perto de ser e pudesse fazer alguma alusão que eu fosse gay ou que eu gostasse, eu suprimi”. Por “suprimir”, podemos compreender que Michael teve que ocultar parte importante de sua identidade por muitos anos de sua vida. Ele conta: “me doía por causa do peso da culpa, daquilo que foi demonizado e que foi trago como errado. A minha é desde criança até a adolescência até a parte vida adulta, boa parte dela”.

Segundo Welzer-Lang (2001, p. 468), tal desvalorização é causada pelo heterossexismo, ele afirma: “toda forma reivindicada de sexualidade que se distingue da heterossexualidade é desvalorizada e considerada como diferente da doxa de sexo que se impõe como modelo único. O mesmo acontece com a bissexualidade, as sexualidades transsexuais, etc”. O heterossexismo leva muitos homens a viverem sua sexualidade de maneira fragmentada, tendo relações clandestinas, sigilosas, apenas sexuais, tardiamente na vida, após familiares falecerem ou precisam se mudar para muito longe, de cidade, estado e até outro país, um movimento migratório que vai lhes proporcionar a possibilidade de viver sua sexualidade com pouco ou nenhum julgamento.

Eu fui enquadrado quatro vezes na minha vida. E só teve uma vez que eu não fui tratado como um ser humano, né. Tipo assim, os caras tão fazendo o trampo deles, né, tem que fazer o trampo deles. Entendeu? E o trampo de policial é um trampo de filha da puta, né, é foda, tipo, é um trampo que eu respeito pra caramba, admiro. E a conduta deles não é justificável, mas é entendível até um certo ponto. Só que, assim, uma criança, um adulto, pô, você consegue discernir. Então, todas as vezes que eu fui enquadrado, eu era adolescente, eu era criança, entendeu? [...] Eu tinha uns 11 anos [...] tipo assim, os caras nunca me bateram... Mas a pessoa te humilha, ela te joga você lá embaixo, ela já te coloca como criminoso na hora, assim. Tipo, você é preto, mora aqui no Profilurb (bairro de campinas-sp), você é um criminoso, é um potencial criminoso (Ícaro).

Em sua narrativa, Ícaro tenta encontrar razoabilidade na postura e nos desafios da profissão de ser policial, ao passo que reconhece que todas as vezes que foi enquadrado ele era criança ou adolescente, ele conta ter 11 anos quando foi humilhado pela polícia. É a esta violência que penso que Sueli Carneiro (2005) se referia ao afirmar que homens negros, e inlucio, crianças negras, são atravessadas pela violência e esta torna-se o solo constitutivo da construção de seu gênero masculino negro. Crescem sendo vistas como ameaças, perigosas. Lélia Gonzalez (2020) reflete sobre como jovens de 11 a 17 anos são reconhecidos pelos estereótipos de “pivetes” e “trombadinhas”.

Essa questão da saúde mental em relação à posição que você colocou, eu acho que a parte que mais me pegou foi ligada a dois pontos que a gente discutiu um pouco, que foi na parte da minha percepção de gênero. Eu acho que, antes disso, minha saúde mental estava muito prejudicada. E nessa percepção de posição na sociedade, na questão econômica, de emprego, que é a questão de classe. Porque, na questão de gênero, eu sei que teve um momento da minha faculdade que eu entrei numa parte de depressão muito profunda. E que eu demorei anos para perceber que era depressão.

Eu tenho um TDA muito forte. No geral, as pessoas não davam conta de lidar e eu também não sabia como lidar ou o que era lidar com aquilo. Então, eu comecei a fumar maconha.

Eu comecei a fumar mais frequente, acho que é mais ou menos perto dos 19 para os 20 anos. Eu já estava do segundo para o terceiro antes de faculdade. E aí eu comecei a fumar mais e eu acho que me ajudou um pouco a me desligar. Tipo... Não me desligar no sentido de, tipo... Mas... Dar um pouco menos de importância para algumas coisas que poderiam ter me feito até muito mal. E aí, de uma forma, sei lá, talvez negativa, já tem 10 anos que eu fumo. E eu... Estou numa saga aí, até porque eu estou trabalhando mais agora, diminuindo, estou compensando com a ritalina e tal, mas eu acho que fumar foi o meu escape pessoal (Lázaro).

Lázaro relata ter encontrado no uso de psicoativos, no caso, a maconha e posteriormente a ritalina, uma forma de se “desligar”. Podemos pensar no desvio de sentido que a letra carrega, numa perspectiva lacaniana, ou seja, de qual realidade Lázaro sentia/sente a necessidade de se desligar, de “dar menos importância para algumas coisas”. Em sua narrativa biográfica, o entrevistado conta da sua sensação de falta de pertencimento na infância entre os gêneros de meninos e meninas, e que na sua percepção, foi que prejudicou bastante sua saúde mental.

Connell (2016, p. 139) observa que, “como as masculinidades são configurações de práticas associadas com a posição social dos homens, as histórias de vida dos meninos são o principal lugar social da construção da masculinidade”. Nesse sentido, meninos trans que são socializados como meninas, muitas vezes, são impedidos de construir essas histórias. Sem uma rede de apoio e fortalecimento de sua identidade, somente mais tarde, após a sua emancipação emocional e financeira é que será possível a construção da sociabilização como homem socialmente reconhecido. Importante ressaltar, que tal observação não é absoluta, pois há relatos de pessoas trans que somente na vida adulta é que vão amadurecer a ideia de transição, ou seja, as transmasculinidades não são iguais, assim como as masculinidades cisgêneras também não são.

Outra vez, recorreremos a Connell (2016, p. 99) para sustentar esta reflexão. A intelectual ressalta que “classe, raça, diferenças nacionais, regionais e geracionais atravessam a categoria ‘homem’, distribuindo os ganhos e custos das relações de gênero de maneira muito desigual entre os homens”. O que penso ser importante destacar, é que Lázaro apresenta impactos

psicossociais que não são isolados ou descolados de outros marcadores sociais que seu corpo carrega. Gênero, raça e classe estão interligados ao longo de sua trajetória, e as opressões que emergem em seus relatos são concomitantes.

7.3.6 Perspectivas de futuro

Eu faço parte de um grupo de mais de 6 milhões de crianças que não tinham o nome do pai. Nasceram um período da vida sem pai. Hoje, esse fenômeno gerou uma geração de homens que querem se comprometer mais com a paternidade. Também para se curar disso. Eu tenho percebido um pouco disso. Tem visto mais caras participando, mais caras dialogando, falando sobre isso do que eu via há 10, 15 anos atrás. E por eu ter tido uma relação distante, meu pai era pai de final de semana, uma relação rasa, meu pai não me conhecia e eu também não conhecia meu pai. E quando eu viajei para fazer um trabalho voluntário e visitar o meu pai lá em Gana, eu fiquei numa escolinha lá e era uma escola de crianças e jovens e adultos com alguma deficiência, motora, metal, enfim. E essa experiência para mim foi maravilhosa. O meu salário era no sorriso. Então, caralho, me acendeu um fogo muito legal essa experiência. E eu voltei nessa viagem com a certeza de que eu queria ser pai. Eu falei, cara, eu quero ser pai. Isso foi em 2013. Eu quero ser pai. E desde então você fala assim, cara, eu vou ter um menino. O primeiro filho vai ser um menino.

A partir do momento que eu soube que ia ser pai, que eu me tornei pai, que meu filho nasceu, que eu entendi o quão transformador é a experiência de acompanhar o crescimento, e também quão foda, doloroso que é, porque é falta de sono, é preocupação, é perrengue às vezes com grana. E o processo terapêutico também me deixou indagando isso. Cara, eu não mereço migalha. Eu sou um cara legal pra caralho. Eu não mereço migalha de respeito do meu pai. Se meu pai não reconhece o meu valor, então eu não posso fazer muita coisa.

A minha relação com os meus filhos é totalmente diferente. Porque eu já quero ser esse cara muito presente, participar demais da vida deles. E desenvolver estar presente, né? O que eu tô fazendo pra mim é pra eles, com certeza. O orgulho que eu sinto deles, eu falo todo dia pra eles. É ressignificar isso, né? E muito amor. Eu acho que o amor é a única tecnologia que manteve o nosso povo vivo, foi o amor. Se não fosse por isso, eu acho que a gente não estaria aqui (Will).

Para Will, pensar sobre perspectivas de futuro o levam a pensar sobre sua experiência tanto de ser filho, como de ser pai. O entrevistado apresenta uma expectativa positiva por perceber que consegue enxergar hoje um maior interesse em uma geração de homens mais comprometidos com a paternidade exercida de maneira consciente e mais responsável, do que há 10, 15 anos, ele conta. Ser pai, ver sua continuidade hereditária acontecer a partir de uma decisão própria, é transformador para Will.

Will é um homem negro que sente orgulho dos filhos, prioriza sua presença como pai e consegue oferecer e falar de amor para seus filhos. “Homem negro” e “amor” são associações que não aparecem em todo esse sistema colonial que discutimos, exceto por uma perspectiva que somente a própria população negra parece ser capaz de enxergar. Na narrativa biográfica

de Will, ele afirma “eu acho que o amor é a única tecnologia que manteve o nosso povo vivo, foi o amor. Se não fosse por isso, eu acho que a gente não estaria aqui”. A aproximação da imagem do homem negro amoroso, dócil, pai, é contracolonial e revolucionária.

Eu tenho dois bares, a gente tem dois bares e tal. Era para a gente estar com quatro, cinco, sete e se não fosse a pandemia? É meio difícil ser empresário no Brasil, independentemente de qualquer coisa também. Empreender no Brasil é muito complicado. Sendo negro é mais difícil ainda. Mas meu projeto de futuro é ser feliz. Ser feliz da maneira que eu conseguir ser feliz. E eu tenho aprendido muito, muito, muito com o candomblé mesmo. Essa, vamos dizer assim, absorver essas coisas mesmo ancestrais, do quem a gente é, de onde eu vim, sabe? E que faz parte de mim. O que é bom, o que não é bom pra mim, pelo menos naquele momento, sabe?

E é isso que eu penso assim pro futuro, é abrir um afropub em cada capital país que a gente precisa disso para propor um lugar de acolhimento. É um lugar preto, feito por pretos e que exalta a cultura negra. Então, eu já ouvi muito isso das pessoas falarem que se sentiram em casa e isso me dá um orgulho danado de ver que a gente fez esse lugar aonde a gente entra e não sente aqueles olhares que não era pra gente estar ali, entendeu? Na verdade, acontece o contrário lá. Então, quando eu vejo uma pessoa que entra lá e ela não tá incomodada, ela está em comum (Michael).

Michael relata que a religiosidade por meio do Candomblé, tem lhe ensinado muitas coisas, principalmente valores ancestrais. Sua perspectiva de futuro passa por continuar empreendendo em um *afropub* (um bar afrocentrado), “um lugar preto, feito por pretos e que exalta a cultura negra”. Michael se reuniu com pessoas pretas (seus sócios) para criarem um lugar no qual pessoas negras não precisem enfrentar olhares que dissecam, como reflete Fanon (2008).

É possível perceber que esse grupo de homens negros (Michel e seus sócios) tem realizado um processo de aquilombamento. Segundo David (2023, p. 176), “aquilombar-se é sair do paradigma racista, trabalhando pela desinstitucionalização do racismo como relação de poder”, e isso tem sido possível, neste exemplo, pela criação própria de seus espaços, não mais pensados pela e para branquitude. Michael, sendo seu próprio chefe, não precisa mais ter medo de errar por ser negro, ou ter que chegar à exaustão pela alta performance compulsória.

Eu não sou esse tipo de pessoa (que sonha e tem planos para o futuro). Eu vivo dia por dia. O meu foco é o seguinte. É identificar oportunidades. Então, eu vivo cada dia, eu trabalho, faço minhas coisas. Pra mim, tem uma percepção de possibilidade. Pra mim, não deixar passar nada. Tudo que for bom pra mim, eu tenho que ver, identificar isso. E é difícil, né? Porque, às vezes, na vida, você perde uma quantidade de oportunidade que é absurda. Então, eu não fico fazendo planos, esse tipo de coisa. O meu maior plano de vida foi chegar aos 30. Entendeu? Isso eu tive quando eu tinha 7 anos, mano. Tipo, eu tinha 7 anos lá, távamos na merda, tinha a maior fome do mundo, com a grama no chão, e pensava em comer aquela grama. Eu falava, não, eu chego até os 30. Meu foco é chegar até os 30. [...] Então, o meu maior plano de vida meio que se realizou, já.”

Tem muita gente que eu conheci, que não chegou aos 30. Não chegou, mano. Morreu ou tá preso. Esse tipo de coisa. Ou caiu num nível de droga insano, que já era, o cara. Muita gente morreu, então... Se eu conseguir chegar até os 30 anos sem cometer crime nenhum, sem ferrar a cabeça de ninguém... Porra... Pra mim, pelo menos pra mim, é uma conquista muito foda, mano.

Tipo, eu cheguei, eu já tô bem. Eu tô pleno pra caramba. Feliz pra caramba com a minha vida. Cara, eu não roubei, não matei, não cometi nenhum crime, não atrasei a vida de ninguém. Entendeu? Muito pelo contrário. Eu consegui contribuir (Ícaro)

É possível perceber que Ícaro mantém seu foco no presente, um certo censo de urgência de não poder perder oportunidades, pois elas lhe são caras, ele diz “eu não sou esse tipo de pessoa. Eu vivo dia por dia”, e continua “pra mim, tem uma percepção de possibilidade. Pra mim, não deixar passar nada”. O entrevistado aparenta estar acostumado com as dificuldades, desde a infância, que fazer planos para o futuro, ele não encontra muito sentido. Ícaro, como muitas pessoas negras, vivem este “modo sobrevivência”.

Por “modo sobrevivência” me refiro ao grande contingente de pessoas negras que vivem numa verdadeira corrida, ou como é comum no tecido social periférico, “no corre”. Uma batalha para sanar as necessidades mais básicas pela sobrevivência, como alimentação e moradia, com pouco ou nenhum tempo para lazer e descanso, mesmo quando um adoecimento aparece, pois adoecer por uma dor de garganta que seja, pode significar perder dinheiro ou se pôr em risco de perder o emprego devido à ausência, daí surge a pensamento “o pobre não tem tempo de ficar doente”, que em verdade adocece, mas não lhe é oportunizado parar para cuidar da saúde.

Em suas palavras, ele explicita: “o meu maior plano de vida foi chegar aos 30. Entendeu? Isso eu tive quando eu tinha 7 anos, mano. Tipo, eu tinha 7 anos lá, ‘távamos’ na merda, tinha a maior fome do mundo, com a grama no chão, e pensava em comer aquela grama”. Ícaro, aos 7 anos estava preocupado em não morrer de fome, e continua: “eu falava, não, eu chego até os 30. Meu foco é chegar até os 30”. Tal afirmação faz muito sentido para nós, homens negros, pois diversas pesquisas apontam para taxas de mortalidade drásticas de jovens negros entre 15 e 29 anos.²⁷ Dessa forma, completar 30 anos torna-se uma vitória de sobrevivência.

Em sua narrativa, também aparece a felicidade e satisfação em ter chegado até esta etapa, que poderia ser básica e esperada para qualquer outro homem jovem e branco, mas não para homens jovens negros e periféricos. Ícaro expõe: “eu tô pleno pra caramba. Feliz pra caramba com a minha vida. Cara, eu não roubei, não matei, não cometi nenhum crime, não atrasei a vida de ninguém. Entendeu?”. É trágico notar como o racismo e a violência cotidiana,

²⁷ Ver Projeto Criança Livre de Trabalho Infantil (2021).

sendo um solo constitutivo da masculinidade de homens negros, pode roubar-lhes a possibilidade de sonhar com outras possibilidades, para além de sobreviver.

7.3.7 Estratégias de enfrentamento

[...] relação de amor preto, é o que me cura muito também. Nessa minha relação com essas mulheres pretas, eu encontro muita cura. [...] Ela consegue entender a minha dor de quando um segurança olha pra mim e já me vê como uma ameaça. É nessa mulher que eu tenho esse acolhimento. Então a desvantagem de ser homem negro é essa. Você já parte do lugar do vilão. Embora você esteja lutando pra caralho pra ser alguém do bem, e aí aquele estereótipo do mocinho que aceita o mocinho branco. Como que é o mocinho preto? Então é um ciclo sem fim. Você tá o tempo todo se validando, revalidando e provando pra si e pros outros que eu tô aqui pra quebrar várias correntes.

para mim foi super acolhedor, super importante (terapia), para entender muita coisa, para sentir muita coisa, para remodelar muitas relações, relação comigo, relação com os meus pais, relação com os meus filhos, relação com a minha companheira, relação com o trabalho também, porque eu consegui esse trabalho, eu estava fazendo o processo terapêutico. Então, para mim foi ótimo para me conhecer, entender minha identidade, saber quem eu sou, com a minha trajetória, com as coisas que me trouxeram até aqui, e acolher isso, e aceitar, e a partir daqui escolher o que eu vou fazer. Posso ficar sofrendo, posso sentir e seguir em frente (Will).

O participante Will aponta que no amor afrocentrado, foi onde ele encontrou muita cura. Estar ao lado de alguém que compreenda um episódio de racismo, sem que ele precise explicar, tem uma importância grande, na sua percepção. Além disso, outra vez o amor aparece na narrativa autobiográfica de um homem negro, o mesmo que um policial branco apontou que só uma bala derrubaria.

A terapia com psicólogo, na percepção de Will, teve um papel muito importante para seu próprio reconhecimento e organização de identidade, onde suas relações pessoais e interpessoais puderam ser analisadas e questionadas, um lugar de cuidado e escuta.

Olha, eu namoro a dois anos e o Alex tem me ajudado muito a ver as coisas de uma forma diferente, sabe? Eu estou no meu segundo namorado homem, já tinha me relacionado com homens, mas eu nunca tinha namorado homens, nunca tive relacionamento e ele é meu segundo namorado homem e tem sido assim libertador. Muita coisa, sabe? Com relação a isso (rede de apoio). E eu vou colocar como rede de apoio também, atividades que eu queria fazer e eu não conseguia fazer, porque eu tinha aquela coisa que eu te falei, qualquer coisa que faria alusão a sexualidade não faria e vou colocar nisso a dança.

Falando especificamente do meu pai... Sempre foi um apaixonado por mim. E sabe aquele lance do filho preferido? Eu sou mais velho e tal. Então houve uma quebra ali. Digamos que até os 13 anos meu pai era um excelente pai e depois dos 13 anos houve uma diferença ali de coisas deles, da vida e tal. E a minha mãe assumiu este papel, vamos dizer assim, tudo. Então, isso foi muito doído pra mim, foi muito marcante, foi muito, foi até foi. E grande parte dos problemas lá daquela primeira terapia para lá

e tudo dessa falta paterna foi que foi um tema bastante amplamente discutido (Michael).

O participante Michael cita o relacionamento com seu namorado, também como um lugar onde encontra fonte de apoio. Em segundo, ele aponta a dança como uma fonte de apoio, pois embora fosse algo que ele adorasse, sendo um homem supostamente hetero, casado, performando virilidade, não poderia acessar a dança sem ser visto como potencial homossexual e ou afeminado. Assumir sua identidade bissexual, foi aos poucos lhe dando segurança psicológica para dançar.

Michael fala da sua relação com seu pai, pelo menos na infância até início da adolescência, como um homem apaixonado por ele. Tal afirmação traz à tona outro homem negro exercendo uma paternidade presente e amorosa. Michael teve a oportunidade de experienciar esse afeto, que em suas narrativas, aponta para uma direção de muita importância para a construção de uma identidade positiva de si, principalmente racial.

Eu vivo pra mim não ter que depender de ninguém.

Eu não penso duas vezes em chegar nessa galera (amigos mencionados) e ver quem tá disponível pra dar uma força. Seja em qualquer tipo de aspecto, os caras, eu sei que me apoiam e me ajudam pra caramba. Mas, assim, é amigo mesmo, mané. Tipo, são as pessoas que me escolheram como amigo. Agora, tipo, família, aí já não rola nenhum. Tipo assim, não tem alguém que eu possa contar (Ícaro).

O participante Ícaro explicita que tem bons amigos com quem pode contar, relações que ele construiu ao longo da vida, mesmo não sendo familiares, são tão importantes quanto, esta é sua rede apoio. Contudo, em sua narrativa está sempre presente a autonomia e sobrevivência, ele diz: “eu vivo pra mim não ter que depender de ninguém”.

Olha, nunca consegui ter ela contínua (terapia). Até por questão de recursos. Eu sei que tem uns mais acessíveis e tal, mas realmente pra mim, tipo, qualquer R\$30, R\$50 por mês ainda... Então eu sempre procurei nos públicos. E aí no público, minha experiência de terapia é uma vez por mês. Uma vez a cada dois meses, às vezes dependendo da fila que tiver esperando. Aqui em São Paulo eu consegui ter em menos tempo. E recentemente outros recursos de apoio de terapia, que é igual, sei lá, encontrar com os adoráveis (grupo de masculinidades pretas). Eu moro numa casa de pessoas trans, que às vezes é bom, eu posso parar e conversar com eles. Não como terapia, mas como se abrir sentimentalmente, sabe? Expôr um pouquinho das nossas fraquezas também. Mas nunca tive, consegui ter uma experiência satisfatória de terapia, porque eu insisti muito tempo numa terapia behaviorista. E aí eu demorei aí uns oito anos pra entender que não ia funcionar pra mim. Infelizmente, behaviorismo não funciona como TDAs. TDAs não funcionam mesmo. Eu tive que desenvolver quase que sozinho todas as estratégias que eu tenho pra lidar comigo hoje (Lázaro).

O participante Lázaro aponta ter apoio de terapia com psicólogo, mas de maneira fracionada, sem conseguir manter um tratamento contínuo. A participação do grupo de masculinidades negras também é citada como um lugar terapêutico e de acolhimento. Outro lugar de apoio é morar com outras pessoas trans, com quem pode ter trocas saudáveis.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir uma pesquisa que trabalhe saúde mental e racismo, além de traçar o recorte dos impactos em vivências de homens negros, não é tarefa fácil de encampar. Ora pois, que o racismo seja prejudicial para saúde mental parece óbvio, mas não é. Não no Brasil, sobretudo. Como se produz conhecimento científico a respeito destes temas sem que o discurso seja interpretado como militância ou paixão de seus autores e autoras? Tecer um caminho de epistemologias que aproximem e apontem essa correlação de impactos negativos é complexo, afinal, o racismo é um sistema complexo de opressão, multifacetado e deve ser olhado sob a ferramenta analítica da interseccionalidade.

Recorri a muitos recursos e áreas do conhecimento para fazê-lo e espero ter conseguido apresentar às leitoras e leitores elementos suficientes que apontem para essa existência da aproximação e relação dos temas.

Entrevistar homens negros, ouvir suas histórias, memórias e percepções, possibilitou que encontrássemos muitas marcas que o racismo e o machismo deixaram ao longo da vida dos participantes. As hipóteses sobre impactos psicossociais gerados pelos processos de desqualificações das masculinidades negras se confirmaram em todas as narrativas biográficas dos quatro participantes. Contudo, nem tudo é e foi sobre dores e traumas, encontramos também muito espaço de resistência, amor, enfrentamento, ressignificação da própria identidade, mesmo em trajetórias em que a violência foi solo constitutivo de suas masculinidades negras, conforme aponta Sueli Carneiro (2005).

Nem mesmo os mais sombrios cenários encontrados no Brasil, de fome, extermínio da juventude negra, hiperssexualização, animalização, LGBTfobia, inscrição de masculinidades em signos de periculosidade e morte em razão de sua raça, são capazes de definir as masculinidades negras. Todos estes processos que desqualificam masculinidades negras em toda sua diversidade são produtos da escravização, do colonialismo e da branquitude. Conforme reflete Fanon (2008) e Mbembe (2018), o negro foi uma criação do mundo branco, assim como as taras raciais, o fetichismo e a inferiorização do negro.

O principal objetivo proposto da presente pesquisa é o de investigar as consequências do racismo no processo de saúde e possíveis sofrimentos psíquicos de homens negros. Por meio da análise episódica de Kilomba (2019), foi possível identificar os seguintes impactos psicossociais: dificuldade na construção de uma identidade positiva de si, interiorização dos estereótipos negativos sobre homens negros, como por exemplo: necessidade de performar um

alto desempenho sexual, uma masculinidade viril, autocobrança em ser o melhor, não ter direito a errar, sentimento de preterimento e rejeição. Além disso, também encontramos relações sociais prejudicadas e desvantagens concretas devido às leituras sociais, a partir de fantasias coloniais como representação de perigo, fascínio sexual, objetificação, inferiorização.

Como objetivo secundário, nos propusemos a elucidar alguns dos mecanismos psicossociais subjacentes ao racismo contra homens negros; neste sentido, observou-se que a criação de estereótipos negativos é um mecanismo que evoca fantasias coloniais e visa a manter homens negros em posições de inferioridade e subalternidade, impostas pelo colonialismo. Um exemplo desta consequência é a associação entre raça e criminalidade em decisões judiciais, como reflexos do racismo científico, ou a criação de personagens de cinema que reforcem essas fantasias. Em segundo, nos propomos a analisar as estratégias de enfrentamento produzidas por homens negros diante das experiências de discriminação racial; foi possível observar que o estabelecimento de uma rede de apoio, como um relacionamento amoroso, amigos e familiares, contribuem para o enfrentamento do racismo e das formas de desqualificação das masculinidades negras. Especificamente o candomblé aparece como um lugar de afirmação e apoio ligado à ancestralidade negra. A terapia individual e em grupo, além de ter referências positivas de negritude também contribui para um fortalecimento e criação de uma identidade positiva de si. O aquilombamento entre pessoas negras e a busca por ascensão social também aparecem como fatores de enfrentamento ao racismo. Nomear a branquitude (racializar para desracializar), também é uma estratégia de enfrentamento do racismo cotidiano.

Por fim, também nos propusemos a avaliar as intersecções da raça com a orientação sexual e a identidade de gênero no processo de desqualificação de homens negros, destacando as respostas manifestadas frente a isso. Foi possível analisar que as intersecções de raça, gênero, classe e orientação sexual podem se imbricar e acumular opressões que atravessam os participantes, mas ainda assim, são muitas as possibilidades de se construir uma identidade positiva e que subverta as opressões. A exemplo do participante que é um homem, negro, trans, pansexual, que construiu sua masculinidade negra sem pênis e sim com uma vagina, de maneira potente e orgulhosa, rompendo com o mito do negro macrofálico. Ou como outro entrevistado, que rompe com o mito do pai negro ausente, exercendo uma paternidade presente e amorosa.

Em relação à bibliografia pesquisada, é válido retomar o baixo número de produções que trazem associação de racismo e saúde mental, principalmente sobre masculinidades, o que aponta para a necessidade de estudos mais amplos, que explorem e investiguem outras prevalências e impactos na saúde/saúde mental da população negra, já discutidos anteriormente.

Em nossa pesquisa, uma limitação refere-se ao perfil dos entrevistados, esbarramos na dificuldade de encontrar uma diversidade maior de homens negros pertencentes a classes sociais diferentes. A maioria dos entrevistados foram homens negros na linha até a classe média, o que limita observar se há percepções diferentes em homens negros de classes mais altas.

O início desta pesquisa também se deu em período pandêmico mundial pela Covid 19, no início de 2022, no qual as primeiras disciplinas foram remotas, posteriormente, presencialmente com distanciamento e uso de máscaras, até que fosse seguro seu desuso. Um período marcado pelo luto nacional e pessoal, além dos desmontes de políticas públicas que afetavam/afetam diretamente a universidade, e grandes ataques a democracia, exigindo de nós jovens pesquisadores (e de toda população), muita resistência.

Também há um histórico social importante que aproxima o racismo e a loucura no contexto brasileiro, a reforma psiquiátrica e a luta antimanicomial, campos fundamentais para compreendermos mais sobre a saúde mental da população negra e que não tiveram espaço e tempo hábil de exploração nesta pesquisa, sendo necessário sua aplicabilidade em novas produções.

Novas questões surgem a partir desta produção, que merecem ser melhor estudadas e aprofundadas, a exemplo das experiências das paternidades negras, tema que surge com frequência nas entrevistas. Além disso, a investigação de outros fatores que impactam a saúde mental, por exemplo o estresse decorrente das experiências sofridas pelo racismo e seus desdobramentos na saúde da população negra no contexto brasileiro.

Em razão de sua raça, as masculinidades negras pedem passagem para existir um mundo que reconheça sua humanidade, sua pluralidade e potencialidades múltiplas de existir, viver e amar, pois a política de morte em curso (física e simbólica) parece não dar descanso em meio a tantas tentativas de desqualificação e aniquilação de suas existências. Parafraseando Fanon, podemos indagar novamente: que querem pessoas negras? E respondemos a partir desta pesquisa, querem bem-viver.

Por fim, essa tarefa será sempre inacabada, mas desde já nossa ambição é de que este trabalho possa contribuir e fortalecer a luta antirracista, antimanicomial, antimedicalizante e anticolonialista nos âmbitos científicos e de saúde coletiva, auxiliando em práticas e fazeres de saúde/saúde mental mais conscientes das interseccionalidades entre as masculinidades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 2016. **Stress in America: The impact of discrimination**. Stress in America™ Survey. Disponível em: <https://www.apa.org/news/press/releases/stress/2015/impact-of-discrimination.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2023

ANPSINEP (Brasília). **Democracia e Saúde Mental sem Racismo: Queremos Bem Viver!** 2022. Disponível em: <https://anpsinep.org.br/queremos.html>. Acesso em: 19 jan. 2024.

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. 13. Ed. rev – [reimp]. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

BOND, Letycia. Atlas da Violência: assassinatos de negros crescem 11,5% em 10 anos. **Agência Brasil**. São Paulo, 27 ago. 2020. Geral, Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-08/atlas-da-violencia-assassinatos-de-negros-crescem-115-em-10-anos>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BONFIM, Flávia. **Tornar-se homem: ressonâncias do declínio do ideal viril na sexuação**. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

BOTTON, Fernando Bagiotto. As masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica. **Revista Vernáculo**, n. 19 e 20, 2007.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?** – 1 ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**. Vol. 8 no. 1 ene-jun. 2010.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli: depoimento [Set. 2022]. Entrevistadores: Renata de Paula. São Paulo: Tv Senado, 2022. Entrevista concedida ao programa: **Que País é este?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=woEBUY6vLXU>. Acesso em 05 jul. 2023.

CARONE, Iray. BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2016.

CECCHETTO, Fátima. **Violência e Estilos de Masculinidade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FGV Editora. 2004.

COLLINS, Patricia Hill. BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. - 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

CONNEL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. Tradução Marília Moschkovich. São Paulo: Inversos, 2016.

CONNELL, R. W., & MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 08 abr. 2023.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Saúde mental da população negra importa!** 2020. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/saude-mental-da-populacao-negra-importa/>. Acesso em: 19 jan. 2024.

CUSTÓDIO, Túlio. Por uma ética da responsabilidade e autodeterminação, ou como podemos ser da hora. *In*: HOOKS, bell, **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**, 1 ed. São Paulo: Elefante, 2022. Pág. 13 – 23.

DAVID, Emiliano David. VILLAS-BOAS, Patricia. MOREIRA, Livia Santiago. Por uma psicanálise antirracista: a psicanálise na encruzilhada. *In*: DAVID, E. C. ASSUAR, Gisele (orgs). **A psicanálise na encruzilhada: Desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil**. 1 ed. – São Paulo : Hucitec ; Porto Alegre : grupo de pesquisa Egbé : Projeto Canela preta & Sedes Sapientiai, 2021.

DEI, George J. Sefa; JOHAL, Gurpreet Singh. Questões críticas nas metodologias de investigação anti-racistas. Uma introdução. *In*: _____. (Org.). **Metodologias de investigação anti-racistas: questões críticas**. Portugal: Edições Pedagógicas, 2008.

ESTADÃO CONTEÚDO (São Paulo). CNJ nega processo contra juíza que citou raça de homem negro para justificar condenação. **Estadão**. São Paulo, 08 ago. 2023. Cotidiano, Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2023/08/08/cnj-nega-processo-contra-juiza-que-citou-raca-de-homem-negro-para-justificar-condenacao.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 14 nov. 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Lisboa, Letra Livre, 2021.

FARO, André. PEREIRA, Marcos. Emanuel. (2011). Raça, racismo e saúde: a desigualdade social da distribuição do estresse. **Estudos De Psicologia (natal)**, 16(3), 271–278. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2011000300009> Acesso em 14 dez. 2023.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Prefácio**. *In*: RESTIER, Henrique. SOUZA, Rolf Malungo de. Organizador (org.). **Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades**. São Paulo, Ciclo Contínuo Editorial, 2019, 232p.

FAUSTINO, Deivison. **Frantz Fanon e as encruzilhadas: Teoria, política e subjetividade**. – São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FAUSTINO, Deivison. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo, *In: BLAY, Eva Alterman. Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. 1ª ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 75.

FERREIRA, Livia. Visibilidade trans: você sabe se é uma pessoa cis? Não? Descubra e aprenda a ser aliado na luta contra a transfobia. **G1**, Piauí, 20 jan. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2022/01/29/visibilidade-trans-voce-sabe-se-e-uma-pessoa-cis-nao-descubra-e-aprenda-a-ser-aliado-na-luta-contr-a-transfobia.ghtml>. Acesso em: 04 fev. 2024.

FIGUEIREDO, Patrícia. Índice de suicídio entre jovens e adolescentes negros cresce e é 45% maior do que entre brancos. **G1**, 21 maio 2019. Ciência e Saúde, Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/05/21/indice-de-suicidio-entre-jovens-e-adolescentes-negros-cresce-e-e-45percent-maior-do-que-entre-brancos.ghtml>. Acesso em: 12 dez. 2013.

FRIEDMAN, David M. **Uma Mente Própria. A história cultural do pênis**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2002.

G1 CAMPINAS E REGIÃO. Corregedoria em SP arquiva caso da juíza que escreveu que réu não tem 'estereótipo de bandido'. **G1**. Campinas, 01 ago. 2019. Campinas e Região, Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2019/08/01/corregedoria-em-sp-arquiva-caso-da-juiza-que-escreveu-que-reu-nao-tem-estereotipo-de-bandido.ghtml>. Acesso em: 14 nov. 2023.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *In: Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun). 1988b, p. 69-82.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo-afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização: RIOS, Flavia, LIMA, Márcia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito racial: modos, temas e tempos**. 2 ed. - São Paulo: Cortez, 2012.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Modernidades negras: a formação racial brasileira (1930-1970)**. São Paulo: Editora 34, 2021 (1ª Edição). 296 p.

G1 RS. Homem negro é espancado até a morte em supermercado do grupo Carrefour em Porto Alegre. **G1**. Porto Alegre, 21 nov. 2020. Rio Grande do Sul RBS TV. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/20/homem-negro-e-espancado-ate-a-morte-em-supermercado-do-grupo-carrefour-em-porto-alegre.ghtml>. Acesso em: 05 jul. 2023.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidades** (tradução Vinicius da Silva). Elefante Editora, 2022.

IG SÃO PAULO (São Paulo). Em sentença, juíza diz que réu branco "não possui estereótipo padrão de bandido". **Ig**. São Paulo, 01 mar. 2019. Último Segundo, Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2019-03-01/estereotipo-padrao-bandido-juiza.html>>. Acesso em: 19 ago. 2023.

INSTITUTO PROMUNDO. **Primeiro Relatório das Paternidades Negras no Brasil**. (Livro eletrônico) - Brasília, DF. Instituto Promundo, 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias Da Plantação: Episódios De Racismo Cotidiano**. Tradução De Jess Oliveira. Rio De Janeiro: Cobogó, 2019.

KIMMEL, Michael Scott. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horiz antropol** [Internet]. 1998, Oct; 4 (9):103–17. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>. Acesso em 12 jul. 2023.

KRENAK, Ailton; SILVESTRE, Helena; SANTOS, Boaventura de Sousa. **O sistema e o antissistema: três ensaios, três mundos no mesmo mundo**. 1. ed. São Paulo: Autêntica, 2021. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 29 set. 2023.

LEAL, Ana Luiza. A pátria da chapinha. **Exame**, São Paulo, v. 19, n. 47, p. 68-72, 16 out. 2013. Disponível em: <https://acervo.digital.espm.br/clipping/20131023/a_patria_de_chapinha-3.pdf>. Acesso em: 12 out. 2023.

MACHADO, Lara. GORZIZA, Amanda. BUONO, Renata. A Cada 10 mulheres chefes de família no Brasil, 6 são negras. **Folha de São Paulo**, Piauí. 06 abr. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/cada-10-mulheres-chefes-de-familia-no-brasil-6-sao-negras/>. Acesso em: 07 fev. 2024.

MADEIRO, Carlos. Negros são 75% entre os mais pobres; brancos, 70% entre os mais ricos. **Uol Notícias**, Maceió-AL 13 nov. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/13/percentual-de-negros-entre-10-mais-pobre-e-triplo-do-que-entre-mais-ricos.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 27 dez. 2023.

MAESTRI, Mário. **O escravismo no Brasil**. Atual, São Paulo, 1994.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze, MALDONADO-TORRES, Nelson. GROSFUGUEL, Ramón (Orgs). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MANO A MANO: **Reprise de férias: Sueli Carneiro**. Entrevistada: Sueli Carneiro. Entrevistador: Mano Brown. Local: São Paulo: Spotify, 26, maio, 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3cv4KpyR2ORxvwDiuiPI5w?si=zs dhT3PaRmSoIW025kY2dA&nd=1>. Acesso em: 05 jul. 2023.

MARQUES, Marília. A cada 23 minutos, um jovem negro morre no Brasil', diz ONU ao lançar campanha contra violência. **G1 DF**. Distrito Federal, 07 nov. 2017. Notícia. Disponível em: <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/a-cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-ao-lancar-campanha-contra-violencia.ghtml>. Acesso em: 01 maio 2023.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MERCER, Kobena. Looking for Trouble. **Transition**, no. 51, 1991, pp. 184–97. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2935086>. Acesso em: 22 Ago. 2023.

MINAYO, M. C. S. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: _____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297.

MOTTA, Rayssa. MACEDO, Fausto. Julgamento de 12 militares por morte de músico com 80 tiros no Rio é marcado. **CNN**. Rio de Janeiro, 11 out. 2021. Nacional. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/justica-julga-12-militares-do-exercito-por-morte-de-musico-com-80-tiros-no-rio/>. Acesso em: 05 jul. 2023.

MOURA, Carolina. PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas. **El País**, Rio de Janeiro, 19 set. 2018. Ponte. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html. Acesso em: 05 jul. 2023.

MOURA, Clóvis. **História do Negro Brasileiro**. São Paulo, SP: Editora Ática, 1992.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Tradução. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoIdentidadeEEtnia.pdf. Acesso em: 25 set. 2023.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**, processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 19, n. 1. 2006. pp. 287-308. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/MyPMV9Qph3VrbSNDGvW9PKc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 dez. 2023.

NÚÑEZ, Geni. Da Cor Da Terra: Etnocídio E Resistência Indígena. **Revista Tecnologia & Cultura** - Rio de Janeiro - Edição especial - 2021 - p. 65-73. Disponível em: http://www.cefet-rj.br/attachments/article/195/revista_especialPPRER.pdf. Acesso em 19 abr. 2023.

ODILLA, Fernanda. Estudo liga origem do sobrenome a tamanho do salário no Brasil. **BBC News Brasil**. Londres, 28 nov. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41987454>. Acesso em: 12 dez. 2023.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO - OECD. **Um elevador social quebrado? Como promover a mobilidade social. Como o Brasil compara?** 2018. Disponível em: <https://www.oecd.org/brazil/social-mobililty-2018-BRA-PT.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2023.

OLIVEIRA, Fabiana de. **Um estudo sobre a creche: o que as práticas educativas produzem e revelam sobre a questão racial?**. 2004. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PETERSEN, Izabele. PORTELA, Poema. Homens são 60% dos autores de textos publicados nos maiores jornais do Brasil. Gênero e Número/GEMMA. 31 maio. 2023.. Disponível em: <https://www.generonumero.media/artigos/homens-autores-jornais-brasil/>. Acesso em 12 dez. 2023.

PRESTES, Clélia R. S. VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Mulheres negras: resistência e resiliência ante os efeitos psicossociais do racismo. **Pambazuka News**, 2013-11-29, Edição 63.

PROJETO CRIANÇA LIVRE DE TRABALHO INFANTIL. **Genocídio da juventude negra**, 21 mar. 2021. Disponível em: <https://livredetrabalho infantil.org.br/genocidio-da-juventude-negra/>. Acesso em: 14 nov. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú indígena**, n. 29, p. 11-20, 1992.

REDAÇÃO BBC NEWS. George Floyd: o que aconteceu antes da prisão e como foram seus últimos 30 minutos de vida. **BBC News Brasil**, 31 maio 2020. Internacional, Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52868252>. Acesso em: 07 nov. 2023.

RIBEIRO, Alan A.M. **Homens negros, Negro homem: para discutir masculinidades negras na escola**. São Paulo. 2015. Disponível em: https://generoeducacao.org.br/wp-content/uploads/2015/11/Homens-negros-Negro-homem-para-discutir-masculinidades-negras-na-escola_AlanRibeiro.pdf . Acesso em: 22 dez. 2023.

RIBEIRO, Igo. A juventude negra quer viver, a juventude negra quer sonhar. **Uol: ECOA**, 14 set. 2021. Opinião. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/opiniao/2021/09/14/a-juventude-negra-quer-viver-a-juventude-negra-quer-sonhar.htm>. Acesso em: 19 jan. 2024.

SANTOS. Alessandro, SCHUCMAN, Lia Vainer, MARTINS, Hildeberto Vieira. Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais. **Psicologia: Ciência E Profissão**, 32(spe), 166–175. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500012>. Acesso em 15: jul. 2023.

SCHNEEDORF, José. **Os dias contados: o artista terminal, a pandemia oitentista e o anúncio da contemporaneidade**. 2023. 521 p. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/57637>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SILVA, Maria Lucia. Racismo e os efeitos na saúde mental. *In*: BATISTA, Luís Eduardo, KALCKMANN, Suzana. (Org). **Seminário Saúde da População Negra Estado de São Paulo 2004**. São Paulo, Instituto de Saúde, 2005. p.129-132. (Temas em Saúde Coletiva, 3). Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/sec_saude_sp_saudepopnegra.pdf acesso em 14 mar. 2021. Acesso em: 12 nov. 2023.

SMOLEN, Jenny Rose. ARAÚJO, Edna Maria de. Raça/cor da pele e transtornos mentais no Brasil: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2017, 22(12), 4021–4030. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320172212.19782016>. Acesso em: 12 dez. 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. As representações do homem negro e suas consequências. **Revista Fórum Identidades**. Ano 3, Volume 6 | jul-dez de 2009.

SOUZA, Tadeu de Paula. DAMICO, José Geraldo. DAVID, Emiliano de Camargo. Paradoxos das políticas identitárias: (des)racialização como estratégia quilombista do comum. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, 42(3), e56465. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v42i3.56465>. Acesso em: 14 jan. 2024.

VEIGAS, Lucas. Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta. *In*: RESTIER, Henrique. SOUZA, Rolf Malungo de. Organizador (org.). **Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades**. São Paulo, Ciclo Contínuo Editorial, 2019.

VEIGA, Lucas Motta. **Clínica do impossível: linhas de fuga e de cura**. Rio de Janeiro. Telha, 2021.

VIANNA, José; BRODBECK, Pedro. Juíza cita raça ao condenar réu negro por organização criminosa: inês marchalek zarpelon, da 1ª vara criminal de curitiba, afirmou na decisão que 'seguramente integrante do grupo criminoso, em razão da sua raça, agia de forma extremamente discreta'. **G1**. [Curitiba], 12 ago. 2020. Paraná Rpc. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2020/08/12/juiza-diz-em-sentenca-que-reu-negro-era-seguramente-integrante-de-grupo-criminoso-em-razao-da-sua-raca.ghtml>. Acesso em: 09 maio 2023.

VIVEROS VIGOYA, Mara. **As cores da masculinidade: Experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América**. Rio de Janeiro, Papéis Selvagens, 2018.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, vol. 9, no. 2, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>. Acesso em: 23 jun. 2023.

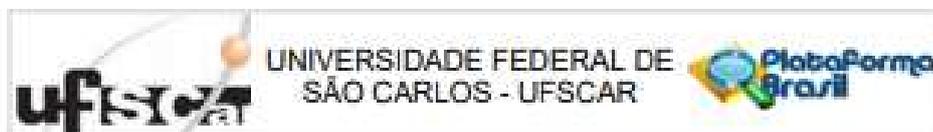
WILLIAMS, D. R, Yu Y, JACKSON JS, ANDERSON NB. **Racial differences in physical and mental health: socioeconomic status, stress and discrimination.** *J Health Psychol* 1997; 2(3):335-351.

WILLIAMS. D. R, MOHAMMED S.A. Discrimination and racial disparities in health: evidence and needed research. **J Behav Med.** 2009 Feb;32(1):20-47. doi: 10.1007/s10865-008-9185-0. Epub 2008 Nov 22. PMID: 19030981; PMCID: PMC2821669.

WILLIAMS. D. R. Stress and the Mental Health of Populations of Color: Advancing Our Understanding of Race-related Stressors. **J Health Soc Behav.** 2018 Dec;59(4):466-485. doi: 10.1177/0022146518814251. PMID: 30484715; PMCID: PMC6532404.

ANEXO A

PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Em razão de sua raça: os impactos psicossociais das desqualificações das masculinidades negras

Pesquisador: DANIEL AMÂNCIO DE OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 66097722.5.0000.6504

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.000.653

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2031188.pdf, de 11/12/2022) e/ou do Projeto Detalhado (Projeto_de_Pesquisa_detalhado_dezembro_2022.pdf, de 11/12/2022).

Resumo:

A construção do Brasil é atravessada pela exploração e subjugação de corpos negros, equiparando-os a memórias, destituídas de humanidade. A figura masculina negra, como demonstra a história, sofreu diversas tentativas de aniquilamento, literais e simbólicas, seja na tentativa da política de embranquecimento do país no pós-abolição, no encarceramento em massa até os dias atuais, onde os presídios são ocupados majoritariamente por homens negros de baixa escolaridade, nas instituições manicomial (hospitais psiquiátricos), nos índices de violência policial, ou na construção de estereótipos nocivos que despertam medo e preconceito nas relações sociais. A presente pesquisa busca apresentar e contribuir com o debate acerca das masculinidades e da saúde mental da população negra, dedicando-se aos impactos psicossociais na construção da masculinidade negra na sociedade brasileira, devido o processo sistemático de desqualificação da mesma. Considerando esse complexo sistema de violência que tem a raça e o gênero como fundamentos, este trabalho também se dedica a reconhecer o lugar do cuidado e da

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 202	CEP: 13.565-405
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SÃO CARLOS
Telefone: (19)3331-6663	E-mail: cep@ufscar.br



Continuação do Parecer: 3.809.688

arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2021188.pdf	11/12/2022 15:20:27		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto de Pesquisa_detalhado_dezembro_2022.pdf	11/12/2022 15:12:24	DANIEL AMANCIO DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto_Daniel_Amancio_de_Oliveiraassinado.pdf	11/12/2022 14:58:45	DANIEL AMANCIO DE OLIVEIRA	Aceito
Cronograma	Cronograma_Daniel_Amancio.pdf	11/12/2022 14:37:09	DANIEL AMANCIO DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Oct2022_Daniel_Amancio.pdf	11/12/2022 14:35:49	DANIEL AMANCIO DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 24 de Fevereiro de 2023

Assinado por:
Adriana Sanchez Garcia de Araújo
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ RM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
UF: SP Município: SAO CARLOS
Telefone: (19)3361-6680 E-mail: cep@ufscar.br